UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

MARTÍN ERNESTO RUSSO

**A voz do torcedor e do *hinch*a na narração de gol
no futebol do Brasil e da Argentina**

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**A voz do torcedor e do *hinch*a na narração de gol
no futebol do Brasil e da Argentina**

Martín Ernesto Russo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Língua Espanhola e
Literatura Hispano-americana
do Departamento de Letras Modernas da
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

São Paulo
2013

*A meus pais, Antonieta e Alfonso, pela
educação que me deram e pelos
valores que me ensinaram a defender.*

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul, orientador e amigo, por ter acreditado neste projeto e pela forma paciente, generosa e solidária com a qual compartilhou seu conhecimento comigo ao longo deste trabalho.

À Prof. Dra. Fernanda Castelano Rodrigues e ao Prof. Dr. Flávio de Campos, pelos valiosos conselhos aportados na qualificação.

A meus pais, Alfonso e Antonieta, por estarem sempre presentes.

A minha irmã, María Eva, pelo apoio, pelo incentivo e pela cumplicidade.

A meus grandes amigos Claudia Jacobi, Andrea Pizzutiello, Claudia Otero, e Enrique Melone, sempre presentes em todos os momentos importantes de minha vida.

A Gisele Moreira Souza, Neide Elias, José de Nicola Neto, Lorena Menón, Vagner Mastropaulo e ao Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, pelo inestimável apoio.

A Leandro Polchi, Mauricio Polchi, Marcela Martínez, Marina Arias e Carlos Barragán por facilitarem meu caminho desde Argentina.

Aos jornalistas Mauro Beting, Celso Unzelte, Paulo César Vasconcellos, Sebastián Cardano, Ariel Scher e Ezequiel Fernández Moores; e aos narradores Milton Leite, Luiz Carlos Jr., João Palomino, Sebastián Vignolo e Víctor Hugo Morales, pela generosa colaboração com este trabalho.

A Agustín Salvemini, da TyC Sports, e a Chafi Haddad, da Sportv, por sua contribuição, sem a qual, este trabalho jamais teria sido possível.

A meus amigos Cornetas, pela inesgotável criatividade na arte de torcer.

A Norma Rocha de Oliveira, Dirce Akamine, Sebastião Souza, Rosana Portela e à Prof. Dra. Maria Célia Lima-Henandes, por terem me apoiado, incentivado e acreditado em mim.

Aos torcedores do futebol.

¡Un momento, Cabrini! Vino el centro, saltó un hombre, un cabezazo, rebota el esférico, sale del área, surge Peñalba, otro golpe de cabeza, va al suelo Tomé, nuevamente Peñalba llega, cruza, pelea. ¡Un león, Peñalba! Salta Romano, cuidado, ahí está, le va a pegar... ¡Qué lástima, Cattamarancio!... Llegó, apuntó, midió, le metió un derechazo tremendo y la mandó apenas rozando una de las torres de iluminación, para ser más preciso la que da a espaldas de la Figueroa Alcorta.
—Se lo perdió Cattamarancio. Llegó muy bien a esa pelota alejada por Peñalba, le pegó de zurda y la tiró a las nubes. Lo habíamos dicho.

Roberto Fontanarrosa

Resumo

Nesta dissertação de mestrado pretendemos apresentar algumas marcas discursivas e enunciativas que foram o resultado da análise de narrações de gols, de partidas de futebol entre times argentinos e brasileiros, extraídas de meios de comunicação desses dois países. A observação desses relatos nos levou a reconhecer duas “vozes”, uma mais associada a um profissional da narração esportiva e a outra com traços mais próximos a um torcedor ou *hinch*a. Colocamos nosso foco na última, a partir da qual, em seus enunciados, encontramos traços comuns, e outros diferentes, que vinculamos com aspectos sócio-históricos de cada país. Iniciamos nosso trabalho propondo um percurso histórico, que começa com o surgimento do futebol no século XIX e passa pela chegada do esporte ao Brasil e à Argentina, a formação de clubes, o processo de massificação do jogo, e sua espetacularização a partir dos meios de comunicação escritos e radiofônicos, já nos anos 30 do século XX. Nesse caminho também apontaremos para alguns aspectos do panorama social nas cidades de Buenos Aires, São Paulo e Rio, sobretudo com aqueles vinculados com a popularização do futebol, a formação e tipos de torcidas, e as características do torcedor/*hinch*a. Como base teórica, tomaremos os conceitos de *ethos*, dados por D. Maingueneau, e as características do Locutor e enunciador, propostas por O. Ducrot, e de Locutor e locutor-x propostas por E. Guimarães. Por sua vez, assinalamos para a importância do narrador esportivo na produção do material a ser analisado, e propomos a categoria de subgênero, para a narração do gol, tentando explicá-lo a partir da conceitualização sobre gêneros discursivos em M. Bakhtin. Finalmente, apontamos para características que poderiam vincular os resultados discursivos encontrados com o panorama histórico-social mostrado no trabalho.

Palavras-chave: Discursividades sobre futebol no Brasil e na Argentina – Meios de comunicação – O torcedor- Futebol e relações sociais.

Abstract

In the present Master's thesis, we intend to present a few discourse and enunciation markers which have been the result of the analysis of the description of soccer goals in matches between Argentinian and Brazilian teams, extracted from mass media of these two countries. The observation of these descriptions has led us to recognize two “voices”, one more associated to a professional sportscaster and another with features closer to those of a soccer fan (*torcedor* or *hinch*a). We have focused on the latter, and based on these utterances we found both common and different features which we have linked to sociohistorical aspects of each country. We started our work by

proposing a historical path which starts with the appearance of soccer in the XIX century and proceeds with the arrival of the sport in Brazil and Argentina, the creation of clubs, the process of massification of the game and its spectacularization by the radio and the printed media, already in the 1930's. Along the way, we also present some aspects of the social background of the cities of Buenos Aires, São Paulo and Rio, primarily with those related to the popularization of soccer, the creation and the different kinds of soccer crowds, and the characteristics of the soccer fan (*torcedor/hincha*). As our theoretical framework we will draw on the concept of *ethos*, elaborated by D. Maingueneau, and the characteristics of the Speaker and the utterer, proposed by O. Ducrot, and of the Speaker and of the x-speaker, proposed by E. Guimarães. On the other hand, we point out the importance of the sportscaster in the production of the material to be analyzed, and we propose the category of subgenre for the description of goals, in order to attempt to explain it based on the conceptualization of discourse genres in M. Bakhtin. Finally, we indicate some characteristics which might link the discourse-related results found to the sociohistorical panorama shown in the present work.

Keywords: Discursivities about soccer in Brazil and Argentina – Mass media – Soccer-fan – Soccer and social relations.

Resumen

En esta disertación de maestría pretendemos presentar algunas marcas discursivas y enunciativas que fueron el resultado del análisis de relatos de goles, de partidos de fútbol entre equipos argentinos y brasileños, extraídos de medios de comunicación de estos dos países. La observación de esos relatos nos llevó a reconocer dos “voces”, una más asociada a un profesional de la narración deportiva y la otra con rasgos más cercanos a un hincha o *torcedor*. Centramos nuestro foco en esta última, a partir de la cual, en sus enunciados, encontramos rasgos comunes, y otros diferentes, que vinculamos con aspectos sociohistóricos de cada país. Iniciamos nuestro trabajo proponiendo un recorrido histórico, que empieza con el surgimiento del fútbol en el siglo XIX y pasa por la llegada del deporte a Brasil y a Argentina, la formación de clubes, el proceso de masificación del juego, y su espectacularización a partir de los medios de comunicación escritos y radiales, ya en los años 30 del siglo XX. En este camino también apuntamos hacia algunos aspectos del panorama social en las ciudades de Buenos Aires, San Pablo y Río de Janeiro, sobre todo con aquellos vinculados a la popularización del fútbol, la formación y tipos de hinchadas, y las características del *torcedor/hincha*. Como base teórica, tomamos los conceptos de *ethos*, dados por D. Maingueneau, y las características del locutor y enunciador, propuestas por O. Ducrot, y las de Locutor y locutor-x propuestas por E. Guimarães. A su vez, señalamos la

importancia del narrador deportivo en la producción del material a ser analizado, y proponemos la categoría de subgénero, para la narración de gol, buscando explicarlo a partir de la conceptualización sobre géneros discursivos en M. Bajtín. Finalmente, apuntamos características que podrían vincular los resultados discursivos encontrados con el panorama histórico-social mostrado en el trabajo.

Palabras clave: Discursividades sobre fútbol en Brasil y en Argentina – Medios de comunicación – El hincha - Fútbol y relaciones sociales.

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO: Entrando em campo	10
1. CAPÍTULO I.....	13
1.1 Começa o jogo.....	13
1.1.1 A Cara e a Coroa	13
1.1.2 A bola cruza o meio de campo	16
1.1.3 Futebol de elite	19
1.1.4 Futebol proletário.....	21
1.1.5 El fútbol en “los cien barrios porteños”	23
1.1.6 Ponto de encontro: “La hinchada”	26
1.1.7 Torcedores, dentro e fora do campo de jogo	27
1.1.8 Ser torcedor, ser hinha.....	32
1.2 Do campo de jogo ao campo discursivo	37
1.3 As vozes dos locutores.....	39
1.4 Futebol, um espetáculo!.....	45
1.5 O país no futebol	50
1.6 As vozes dos narradores	52
1.7 Rivalidades e unidades	56
1.7.1 Além das quatro linhas	60
1.8. Fim do primeiro tempo.....	63
2. CAPÍTULO II.....	67
2.1 A formação do conjunto e as estratégias	67
2.2 A dono do grito de gol	78
2.3 A narração de gol: um subgênero	81
2.3 Organizand o a análise	87
2.3.1 As variáveis no campo	88
2.3.2 Os resultados das variáveis	89
3. FIM DO JOGO	100
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
5. APÊNDICE - <i>Corpus</i> de análise completo.....	109

0. INTRODUÇÃO: Entrando em campo

No presente trabalho de dissertação apresentaremos os resultados obtidos da análise de narrações de gols de futebol, extraídas da rádio e da televisão da Argentina e do Brasil, no período de 1999 até 2009, e tomando como base teórica os estudos discursivos e enunciativos apontaremos para características que encontramos em cada país.

Uma de nossas motivações para levar adiante esta pesquisa está no interesse que temos em verificar situações em que um indivíduo se encontra na necessidade de ter que manifestar oralmente algum acontecimento, sem ter para isso muito tempo de reflexão para a escolha das palavras que irá utilizar. A partir disto, pensamos no relato do futebol e mais concretamente no grito de gol, pois, além deste acontecer de maneira mais ou menos inesperada ou rápida, apresenta um componente emotivo que também permitiria o surgimento de elementos discursivos no relato, interessantes para nossa pesquisa. Outra das motivações é a paixão que temos pelo futebol.

Nossa busca estará orientada para o reconhecimento e caracterização de duas “vozes” que emanam dos enunciados analisados, uma mais próxima de um profissional esportivo dos meios de comunicação, e a outra mais identificada com a de um torcedor ou *hinch*a. Ao longo do trabalho descreveremos em que consistem essas duas figuras da enunciação.

Para começar, traçaremos um percurso histórico que vai do nascimento do futebol, no século XIX, no Reino Unido, e se estende até os anos 30 do século XX, com as primeiras narrações de futebol pelo rádio na Argentina e no Brasil. Nesse caminho assinalaremos a chegada do esporte e apresentaremos dados sobre o processo de massificação do futebol em cada país.

Nesse trajeto histórico, abordaremos o processo de popularização do esporte na Argentina. Também veremos a importância do bairro como espaço de convívio social.

No Brasil, também trataremos o processo de popularização, dado pela aproximação dos times das elites e os de várzea ou de base proletária.

Junto com o processo de popularização foi se dando o de formação das torcidas, e com ela surge uma figura crucial para este trabalho: o torcedor ou *hincha*.

Em seguida, e partindo de um conjunto de traços que entendemos que fazem parte do torcedor/hincha como tipo social, tomaremos os conceitos de *ethos*, propostos por Dominique Maingueneau (2008), para darmos as primeiras formas da personagem da enunciação que posteriormente chamaremos de locutor-Torcedor/Hincha (I-T/H).

Continuando com algumas das bases de nosso apoio teórico, partiremos dos conceitos de Locutor e Enunciador, de Oswald Ducrot (1984), para chegarmos aos princípios que Eduardo Guimarães (2005) propõe para Locutor e locutor-x. Esta última personagem nos permitirá apresentar os dois “lugares sociais autorizados a falar” que em nosso trabalho integram o L: o locutor-Torcedor/Hincha, como já dissemos, e o locutor-Narrador Profissional, cuja principal diferença reside em que do primeiro pode se depreender uma voz mais avaliativa e com marcas que indicam diferentes graus de conhecimento sobre o esporte. No segundo locutor, essa voz tem traços lexicais e fraseológicos mais próximos daqueles empregados pelos profissionais dos meios de comunicação.

Voltando para algumas questões históricas, agora relacionadas com os meios de comunicação, veremos como foram noticiados os começos do futebol nos jornais de cada país, depois apontaremos para a importância deste meio escrito como espaço de contato entre torcedores.

Continuando com os assuntos sociais assinalados acima, serão apresentadas algumas comparações sobre o panorama da situação sócio-política de cada país, pertinentes para este trabalho.

No segundo capítulo deste trabalho estaremos voltados para assuntos teórico-analíticos e metodológicos, começando com a descrição dos princípios e características da elaboração do corpus geral, os critérios adotados para selecionar os casos que fariam parte da análise, em função do I-T/H, e a separação das ocorrências por país.

Em seguida, faremos uma descrição sobre a importância que tem o narrador de futebol, em nosso trabalho, não só porque é o “fornecedor” do material linguístico que será analisado, mas também pelo “imediatismo

temporal” com que sua narração acompanha o desenvolvimento dos acontecimentos do jogo.

Por entendermos que as narrações de gol podem ser propostas como um subgênero, dentro de um gênero maior que seria a narração de futebol, faremos uso por alguns dos conceitos que M. Bakhtin (1989) apresenta sobre os gêneros discursivos, para estabelecermos as fronteiras e os atributos que seriam próprios deste subgênero. Precisamente, é dentro desse recorte que são encontrados os enunciados dos I-T/H dos casos argentinos e brasileiros, que farão parte de nossa análise.

Os resultados da análise dos fragmentos serão mostrados por país, e posteriormente será feita uma comparação entre os resultados obtidos, o que nos levará a propor nossas conclusões.

Por último, levantaremos alguns pontos em que percebemos características que poderiam aproximar os resultados obtidos da análise, ou seja, das marcas discursivas vinculadas ao futebol, encontradas nos I-T/H do Brasil e da Argentina, com aspectos do panorama sócio-histórico apresentado ao longo do presente trabalho de dissertação.

1. CAPÍTULO I

1.1 Começa o jogo

Consideramos que para o presente trabalho torna-se fundamental a apresentação de um conjunto de eventos históricos vinculados ao futebol, que vai desde seu nascimento no Reino Unido, sua chegada ao continente americano, mais especificamente à Argentina e ao Brasil, o processo de massificação de sua prática até as primeiras marcas de sua espetacularização, com o surgimento do rádio e da transmissão dos jogos por este meio, entre os anos 20 e 30 do século passado.

Para estabelecermos essa trajetória histórica e cronológica, vamos nos apoiar em três obras que avaliamos serem as mais indicadas para darmos conta dos eventos em pauta, principalmente aqueles que têm como espaço geográfico e social o Brasil e a Argentina.

Estas obras são: *A Dança dos Deuses. Futebol, Sociedade, Cultura*, (Franco Jr. 2007); *Veneno Remédio, O Futebol e o Brasil*, (Wisnik, 2008) e *Historia Social del Fútbol, Del Amateuismo a la profesionalización*, (Frydenberg, 2011).

1.1.1 A Cara e a Coroa

O futebol, assim como vários outros esportes de conjunto, nasce no Reino Unido em meados do século XIX, como uma forma de recodificação de vários jogos de conquista, como o *soule* e o *foeth-ball*, praticados por tribos ou clãs antigos do continente, em que o espaço físico, o número de participantes, sua duração ou até o elemento central a ser levado de um ponto a outro do território, a modo de “testemunho”, eram completamente aleatórios. Wisnik (2008, pp. 76-77) comenta:

O *soule* é citação obrigatória quando se estuda a história do futebol. Trata-se de uma festa popular praticada em regiões da França ao

longo dos séculos desde pelo menos meados da idade Média, análoga a outras modalidades registradas nas ilhas britânicas (como o *foeth-ball* e o *knappan*), e caracteriza-se como uma encarniçada disputa de bola – espécie de vale-tudo da pelota – empreendida por grupos inumeráveis de pessoas, contando-se às centenas, usando pés e mãos para todo tipo de choques, além de escaramuças e emboscadas lúdicas e agressivas, espalhando-se pelas bordas de povoados e cidades, entre campos, bosques e brejos, numa disputa sem margens definidas à qual nunca faltaram contusões graves, ferimentos, fraturas, e segundo relatos, não descartadas nem propriamente raras, mortes.

Para o caso do futebol ficou estabelecido que o número de participantes por “bando” seria de 11 jogadores, cujo propósito primeiro seria transportar um elemento concreto, uma bola, até um ponto determinado dentro do território rival: o gol; e tanto a demarcação desse território rival assim como o próprio, estariam dentro de um espaço maior, mas também delimitado: o campo de jogo.

Uma das primeiras diferenças que aquele futebol embrionário estabeleceu com relação a outro esporte emergente, seu irmão o rúgbi, foi o uso prioritário dos pés¹ para incentivar ou dar preponderância ao movimento corporal e ao drible, isto provocado a partir de outra diferença importante: o formato da bola - oval para o rúgbi, redonda para o futebol.

O conjunto de princípios norteadores que cada novo esporte vai incorporando a sua prática, com a finalidade de unificá-lo e torná-lo “jogável”, deixa antever três características primordiais dos esportes em geral, e do futebol em especial: a regulamentação esportiva como meio de educação e doutrinação; as táticas do jogo (estratégias de ataque, defesa, posicionamento, função dos jogadores) que são elaboradas e executadas em função das regras vigentes; e finalmente, sua espetacularização.

José Miguel Wisnik (2008, pp. 85-86), a respeito disto, comenta:

Se a regulamentação geral da vida, com sua monotonia, exigiu passatempos esportivos por meio dos quais o novo regime de

¹ O uso das mãos para o arremesso lateral, e incluso a figura do goleiro, entrariam posteriormente em diversos momentos de mudanças de regras no esporte.

civilidade recebe uma injeção de *frisson* e de excitação, eles são protegidos desde dentro, e por princípio, do perigo de degenerarem em distúrbios e choques descontrolados. Os esportes atizam o interesse pela vitória, ao mesmo tempo em que prolongam o prazer da disputa e o regulam por uma nova ética desportiva. As refregas descontroladas tornam-se objeto de uma representação lúdica, que colocará o esporte no lugar de um espetáculo regido por regras internas e oferecido ao gozo das plateias. Práticas tradicionais e assumidamente violentas são convertidas agora na representação de um ato a ser desfrutado pela sua capacidade de atingir clímax e relaxamento...

Por sua vez, a instauração e prática mais difundida do futebol, sobretudo nas escolas privadas das classes mais abastadas da sociedade britânica, são concomitantes com a propagação das novas teorias evolucionistas propostas por Charles Darwin: a prática esportiva e o condicionamento físico dos jovens ajudaria a que estes estudantes burgueses se destacassem na nova ordem pautada pela sobrevivência do mais forte. Franco Jr. (2007, p. 27) diz:

[...] é inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar. Em 1864, o jornal londrino *The Field* definia-o como preparação para futuros governantes do país. O futebol moderno nasceu como instrumento do darwinismo social.

E foi precisamente a partir dos desafios e jogos entre os times destas escolas, principalmente entre aquelas de diferentes cidades, que se fez necessária uma unificação de critérios quanto às regras fundamentais do esporte, já que em cada uma dessas instituições existia um regulamento próprio, embora a finalidade básica fosse a mesma.

Essa própria prática entre alunos dos mesmos colégios, ou contra os de outros, foi burilando as regras, sendo determinadas quais eram pertinentes ou não e quais facilitavam o desenvolvimento do jogo. Franco Jr. (2007, p. 28) comenta que:

Finalmente a 26 de outubro de 1863 representantes de várias escolas e clubes encontraram-se na Freemason's Tavern, no centro de Londres, para criar a Football Association e um comitê que

uniformizasse as regras. A codificação foi aprovada em assembleia no dia 24 de novembro e publicada no jornal esportivo *Bell's Life* de 8 de dezembro. Eram catorze regras simples, que davam identidade própria ao *football*.

É também de destacar que nesta mesma época fundacional do futebol regulamentado há um outro fator que colaborou muito para a disseminação da prática do esporte: o crescimento dos meios de transporte público, que permitiam a realização dos jogos entre os times de diferentes locais da ilha. O historiador Franco Jr. (2007, p. 32) novamente nos dá uma pista:

[...] os novos meios de transporte facilitaram a propagação do futebol. Em vez de somente partidas locais entre alunos de um mesmo colégio (e mais tarde entre trabalhadores de uma mesma fábrica ou habitantes de uma mesma aldeia), tornavam-se possíveis desafios intermunicipais e inter-regionais. A geografia futebolística inglesa mostra como, na década de 1920, o surgimento ou fortalecimento de clubes de futebol seguiu muito de perto o traçado das ferrovias.

Este fenômeno que vincula a prática do futebol por parte de alunos e trabalhadores, à expansão dos meios de transporte, sobretudo o trem, e a formação de clubes, não acontece apenas no Reino Unido: como veremos mais adiante, o processo se repetirá de maneira bastante similar no Brasil e na Argentina.

1.1.2 A bola cruza o meio de campo

Inglaterra, como estado nacional com maior peso no Ocidente naquela época, não apenas negociava com os países do globo seus produtos, sua tecnologia e seu conhecimento; junto com eles chegavam também seus costumes, suas práticas e sua cultura. Da mesma forma, os afortunados estrangeiros que na época visitavam a capital do Império em busca de novos negócios ou de instrução, quando voltavam levavam consigo a cultura dos ingleses.

O futebol não fugiria a este movimento e entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do novo século inúmeros clubes foram fundados, tanto em terras europeias como sul-americanas. Franco Jr. (2007, p. 41) comenta:

O futebol era às vezes transplantado por ingleses que trabalhavam ou estudavam no exterior, como ocorreu em [...] Buenos Aires em fins dos anos de 1860 ou começo dos 1870 [...] Outras vezes, pessoas que iam estudar na Inglaterra na volta introduziam aquela prática esportiva e social nos seus países, como aconteceu [...] com o paulista Charles Miller, descendente de escoceses [...] e de ingleses, que em 1894 trouxe duas bolas de futebol e um exemplar do livro de regras para o Brasil.

Há um consenso no Brasil sobre a “responsabilidade” de Charles Miller na introdução do esporte no país, porém, para José Wisnik (2008, p. 200) a chegada do futebol não é tão clara e categórica assim:

[...] O início do futebol no Brasil tem uma face visível e outra invisível. Imediatamente visível é o futebol de elite, introduzido, segundo a versão oficial, por Charles Miller em 1894, antecedido aqui e ali por marinheiros ingleses, por funcionários da São Paulo Railway e por alguns colégios que modernizavam eventualmente os hábitos ginásticos...”

Curiosamente, ou não, os relatos sobre a chegada do futebol à Argentina guardam várias semelhanças com as histórias descritas acima, sobretudo com algumas das personagens envolvidas: elite, ferroviários, marinheiros e alunos; e até a incerteza do meio pelo qual aconteceu de fato a vinda do esporte.

O historiador argentino Julio Frydenberg (2011, pp. 25-26) nos faz um valioso aporte sobre isso:

El fútbol llegó al país hacia mediados del siglo XIX como parte de la incorporación económica y cultural de la Argentina al circuito de los cambios globales ocurridos en la nación y promovidos por las clases dominantes de aquel momento. Durante la segunda mitad del siglo

XIX, se conformó en nuestro país una colonia británica compuesta por propietarios de tierras, empleados jerárquicos de empresas ferroviarias y tranviarias, tiendas comerciales minoristas y bancos. Si bien su peso numérico era escaso, su influencia económica, política y cultural resultó significativa. Los británicos y sus descendientes, además de practicar sus deportes típicos dentro de sus asociaciones, consideraban que la difusión de estos tendría una fuerte impronta civilizatoria sobre el resto del planeta.

El advenimiento del fútbol a la ciudad de Buenos Aires y su posterior desarrollo tuvieron tres vías: una mítica –la de los marineros–, una frustrada –la de los clubes– y una heroica –la de las escuelas y la liga–

La primera vía se construyó sobre la leyenda de los partidos que los marineros ingleses habrían jugado en el puerto ante la absorta mirada de los porteños. [...]

La segunda vía –la frustrada– evoca el primer partido de fútbol que se desarrolló en el país, el 20 de junio de 1867 [...] Los socios del Buenos Aires Cricket Club convocaron a los jugadores, ya que los cricketers también practicaban fútbol. De estas experiencias y particularmente de la iniciativa de Thomas Hogg, nació el Buenos Aires Football Club. Sin embargo, todos estos emprendimientos fueron efímeros.

Finalmente, la vía que inauguró la tradición futbolística en la ciudad fue instrumentada por las instituciones educacionales de la colonia inglesa. Su fecunda historia se encuentra asociada al nombre del maestro escocés Alejandro Watson Hutton y al Buenos Aires English High School, que Watson Hutton fundara en 1884. [...] El inquieto y emprendedor Watson Hutton [...] introdujo en el ámbito rioplatense el modelo inglés que incorporaba los deportes al programa escolar. Y entre los deportes se destacaba el fútbol. Según los parámetros educativos vigentes desde hacía décadas en Gran Bretaña, la disciplina era un elemento fundamental y modelador de la conducta de los alumnos, con una concepción en la que los deportes desempeñaban un papel central.

Como podemos perceber, pelo que a história nos apresenta, os dois principais portos de entrada do futebol ao nosso continente são as cidades de São Paulo e Buenos Aires. E a partir daqui veremos como se dá o processo de massificação e difusão do esporte tanto no Brasil quanto na Argentina.

1.1.3 Futebol de elite

A chegada do futebol ao Brasil foi rapidamente assimilada pelas elites paulistana e carioca como mais uma forma de renovar ou atualizar suas posições sociais, e portanto de manter distância das outras classes, além de se sentirem mais aproximadas dos comportamentos e formas de atuar britânicos imperantes. Wisnik (2008, p.201) aporta:

O timbre aristocrático associado ao jogo inglês pela supostamente atualizada elite carioca e paulista, como se fosse inerente a ele, ocultava, no entanto, em defasagem com o centro, o fato de que o futebol na Inglaterra, a essa altura, já era praticado amplamente 'por operários das diversas procedências'.

Entre os últimos anos do século XIX e princípios do XX, vários clubes são fundados na cidade de São Paulo, formados principalmente por descendentes europeus (ingleses e alemães) misturados com a aristocracia paulistana. Assim, além do São Paulo Athletic Club, fundado em 1888 e do qual era sócio o Charles Miller, surgem a Associação Atlética Mackenzie College, o Sport Club Internacional, o Clube Atlético Paulistano, sua dissidente Associação Atlética das Palmeiras e o Sport Clube Germânia.

No Rio de Janeiro o contexto não era diferente: a aristocracia carioca passa a incorporar a prática do futebol em seus espaços, como meio de distinção classista e indicador de progresso e civilidade. Os principais clubes do Rio eram: o Fluminense, o Botafogo e os Rio e Paysandu Cricket.

Contudo, não demoraria a acontecer nestas terras o mesmo fenômeno já consagrado na Inglaterra: a prática do futebol no país começaria a se difundir e a ocupar outros espaços dentro da sociedade, como se pode perceber na anterior citação de Wisnik.

O crescimento da prática do esporte, e sua consequente divulgação entre as diversas camadas sociais no Rio e em São Paulo, responde a dois princípios para o professor Hilário Franco Jr (2007, pp. 62-64):

A proliferação de clubes e times de futebol - sobretudo nas populosas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro - obedeceu basicamente a duas grandes tendências.

A primeira, a formação de equipes no interior de grupos dominantes [...]. Fosse mediante clubes fundados especificamente para a prática do novo esporte (Fluminense, 1902; América-RJ, 1904), por iniciativa de jovens estudantes que participavam de associações atléticas [...] ou que criavam clubes independentes (Ponte Preta, 1900; Botafogo, 1904), fosse pela introdução do futebol em clubes dedicados a outras modalidades esportivas (Náutico, 1909; Flamengo, 1911). Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritivos de formação, lazer e sociabilidade, nos quais se representava a pretensa superioridade da elite [...] Era inadmissível submeter-se às mesmas regras que jogadores das camadas subalternas quando a própria sociedade ainda carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania. [...] Isso não impediu, contudo, o desenvolvimento de uma segunda tendência: que o pretenso Éden do amadorismo fosse conspurcado pelo interesse das camadas médias e subalternas. As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. [...] Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades (Internacional, 1909; Corinthians, 1910).

Entretanto, o afloramento de times de diversas estratificações sociais não fazia com que eles se enfrentassem no campo de jogo. Muito pelo contrário: os clubes da elite formavam ligas e campeonatos, em que os altíssimos preços cobrados para fazer a inscrição dos times ou mesmo se tornar sócio serviam de barreira de contenção para evitar a entrada ou presença da “plebe”.

Por sua vez, do outro lado, os clubes vinculados a empresas, fábricas ou comércios (por exemplo, Bangu e Juventus) montavam seus times com os próprios funcionários e organizavam partidas e ligas sob condições econômicas mais acessíveis para todos eles.

Enquanto nos times vinculados aos clubes de elite eram princípios elementares para a prática do esporte o cavalheirismo, o amadorismo, o desenvolvimento físico e moral, como parte da formação das futuras

lideranças, nos times de base trabalhadora se destacavam movimentos e habilidades produzidos pela mistura de operários, imigrantes, negros e excluídos, que de alguma maneira estariam dando forma à pedra fundamental das características do futebol praticado no país mais adiante.

Este incipiente crescimento do futebol nos setores mais pobres não era visto com bons olhos pela elite. Afinal, o esporte, seus princípios e até sua função pertenciam a ela e não era aceitável que se desvirtuasse nas mãos dos pobres. A utilização de meios jornalísticos como ferramenta de desqualificação e preconceito foi uma das armas que os *gentlemen* usaram frequentemente no intuito de desmerecer tal ascensão, porém, esta prática já era conhecida e o futebol foi tão-só mais um lugar de execração das classes mais baixas. Franco Jr. (2007, p. 65):

Selvagens, bárbaros, inferiores eram denominações proferidas por integrantes das elites brasileiras desde o início do século XIX em referência aos escravos libertos, operários, imigrantes e sertanejos. A desqualificação era o campo privilegiado no qual a população brasileira era definida por sua elite. Os jogadores do futebol popular não escapavam a esse tipo de avaliação.

A sorte fora lançada e o pontapé inicial tinha sido dado: a entrada dos setores mais pobres da população no espaço futebolístico dominado pela elite e o confronto entre times representantes de um e outro lado, no campo de jogo, seria irreversível.

1.1.4 Futebol proletário

Como era de se imaginar, o compartilhamento de um mesmo espaço entre times de diferentes origens, sobretudo nas recentes ligas formadas, não seria pacífica nem amena.

Em São Paulo, a LPF (Liga Paulista de Football, criada em 1902) integrada pelos principais clubes da elite, já vinha atravessando momentos de turbulência gerados pelo próprio desentendimento entre os clubes. E gerou mais conflito ainda a entrada de um clube de base proletária, o Ypiranga. Em

função disto, vários clubes fundadores deixam a LPF e criam uma nova liga, a APSA (Associação Paulista de Sports Athléticos). Franco Jr. (2007, pp. 66-67) conta:

[...] em 1911, o Ypiranga, clube que contava com operários em suas fileiras, disputava seu primeiro campeonato. Sob protestos, o pioneiro São Paulo Athletic Club dissolvia seu departamento de futebol e o Paulistano abandonava a Liga, formando com o Mackenzie e a AA das Palmeiras, a Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA).

No ano seguinte, a situação torna-se ainda pior com o ingresso na liga daquele que era o mais reconhecido dos times de várzea: o Corinthians. E a partir daqui houve uma série de idas e vindas de clubes pelas duas ligas que concorreram paralelamente, até 1917, quando a APSA acabou se sobrepondo, incorporando os times da extinta LPF, que passariam a integrar o campeonato da segunda divisão, com exceção do Corinthians e do Internacional, que foram aceitos na divisão mais importante. Franco Jr. (2007, p. 67) acrescenta:

Em 1912 a situação agravou-se com a entrada na liga do mais popular clube de várzea, o Corinthians. [...] Desde então seriam disputados dois torneios paralelos. [...] Em 1916 com a LPF já esvaziada, o campeonato foi interrompido antes do término. No ano seguinte, as duas entidades eram unificadas sob o comando da fortalecida APSA. Da antiga liga, apenas o Internacional e o Corinthians foram admitidos na primeira divisão. Os demais formaram a segunda divisão.

O que numa primeira leitura dos fatos poderia ser interpretado como uma vitória da liga elitista sobre a popular não consegue esconder outro fato mais importante: há um claro e concreto início de miscigenação de classes no futebol paulista.

No Rio de Janeiro o processo foi bem parecido: em 1905 é fundada a Liga Metropolitana de Football, e em pouco tempo os desentendimentos entre os clubes faziam com que muitos deles abandonassem a liga e voltassem tempos depois. Questões de interpretações de regras, que mascaravam problemas de puro cunho racial e classista, eram as alegações dadas mais

frequentemente para abandonar as competições e evitar o contato (e a derrota) com times populares. Porém, o crescimento destes times “menores” já era uma realidade, mesmo superando os novos estatutos pautados em 1917, quando passou a ficar proibido “o registro de jogadores analfabetos e soldados rasos [...], além de guardas-civis e trabalhadores braçais” (Franco Jr., 2007, p. 69).

A questão racial, principalmente vinculada a negros e mulatos que começavam a ocupar espaços dentro dos times proletários, foi mais um dos terrenos em que os times da elite se fincaram para manter distância e até aumentar o processo de desqualificação. Dois casos são considerados emblemáticos daquela época. Um em São Paulo, onde um jovem garoto filho de mãe negra e pai alemão, Arthur Friedenreich, que “alisava os cabelos com gomalina e toalhas quentes na tentativa de disfarçar sua negritude” (Franco Jr., 2007, p. 66), e que se tornaria um dos primeiros grandes ídolos do futebol brasileiro, foi o centro de uma desagradável situação, quando a Associação Atlética das Palmeiras abandonou o campeonato alegando que o Germânia, equipe em que o mulato jogava, tinha colocado em campo um jogador irregular.

O outro caso, que deixou sua estampa até nossos dias, aconteceu no Rio de Janeiro e teve como protagonista o jogador Carlos Alberto, do Fluminense: num jogo contra o América, para esconder seu rosto negro, Carlos Alberto decidiu passar pó-de-arroz, mas a resultado não foi o esperado. Sobre isto, Franco Jr. (2007, p. 68) conta que: “A torcida contrária não perdoou e apupava-o com os gritos ‘É pó-de-arroz!’”. A expressão foi incorporada pela torcida tricolor carioca, mas os negros continuaram a ser presença incômoda nos campos de futebol”.

Esta presença do negro e do mulato não ficaria restrita apenas aos campos de jogo, mas também fora dele, como veremos mais adiante quando abordarmos o assunto da formação das torcidas e suas características identitárias.

1.1.5 El fútbol en “los cien barrios porteños”

Como já mencionamos, a implantação e desenvolvimento da prática do futebol na cidade de Buenos Aires, porta de entrada do esporte no país, está

intimamente vinculada às escolas de origem inglesa, que promoviam não apenas os encontros entre seus próprios times, como também a formação de clubes que tinham no futebol uma de suas práticas esportivas.

Em 1893 é formada a primeira liga argentina de futebol, a AAFL (Argentine Association Football League), integrada basicamente por times da comunidade inglesa e outros da aristocracia portenha. A partir de 1900 fica determinado que os clubes devem ter nomes diferentes dos da escola que os acolhe, e desta forma nasce o Alumni (integrado por alunos do Buenos Aires English High School), o clube que se tornaria lenda e modelo na história do futebol amador argentino. Frydenberg, (2011, p. 32) comenta: “[...] un equipo que ganó diez torneos entre 1901 y 1911 y fue considerado el máximo referente deportivo y moral por sus contemporáneos y por los constructores de la mitología del pasado del fútbol y el deporte argentino.”

Aos poucos, mas de forma contínua, foram aceitos na liga (em suas categorias menores) times de outras origens que não a inglesa ou da elite portenha. Times hoje famosos como Racing Club, River Plate, Boca Juniors, Estudiantes de la Plata, etc., fizeram parte dessas divisões na época do amadorismo.

Contudo, a inclusão destes times à liga principal (e mesmo nas categorias menores) devia seguir um conjunto de prerrogativas que nem todos os clubes tinham condições de cumprir ou superar: campo de jogo com as medidas oficiais, vestiário e setor para o público eram algumas das condições exigidas pela AAFL. Isto originava duas situações: ou o clube interessado cumpria com essas determinações, o que tinha um custo econômico muito alto (o que para alguns se tornava proibitivo); ou passava a integrar alguma das tantas ligas independentes que iam se formando por todos os cantos da cidade, e que não pediam para os clubes interessados nada além de um nome, cores distintivas e o pagamento da inscrição. E assim como o número de ligas, o volume de equipes ia crescendo rapidamente.

Uma vez formado o time, o passo seguinte seria fundar um clube ao qual se representaria nas competições. Dependendo do tamanho do sucesso conseguido pelo clube, este poderia incorporar ou formar mais times para participar em diversas ligas, ou ficar eternamente como um único “equipo-club”.

A fundação de um clube se pautava, obviamente, pelo desejo de praticar futebol e participar das competições, ligas, etc. Porém, o próprio ato da fundação guardava em si uma instância muito importante para a unidade e identificação do grupo, já que além da designação de um nome e das cores com as quais se identificaria. Frydenberg (2011, pp. 29-30), sobre isto, conta:

Ese acto tenía una fuerte carga simbólica y emotiva, entre otras cosas porque implicaba pensar cómo deseaban ser vistos y nombrados por los demás. Cada grupo inventó su nombre y eligió sus colores, los dotó de propiedades morales y luego luchó por defenderlos [...]. Los emblemas (nombres, colores) eran los símbolos que representaban esos bienes [...]. El nombre del club cumplía la función de distinguirlo en el mundo de la competencia y de impedir que lo confundieran.

E a determinação do nome que cada equipe daria a seu clube também era orientada por diversos aspectos, que podiam passar por uma data histórica, pela lembrança ou reconhecimento a um herói nacional ou pessoa de destaque social, ou de um simples acontecimento que merecia ser eternizado. Entretanto, os nomes dos times da cidade de Buenos Aires possuem uma característica que, como veremos adiante, será de fundamental importância na formação de suas identidades: o estreito vínculo com o bairro de origem.

Novamente em Frydenberg (2011, p. 32) achamos uma luz sobre isto:

[...] los nombres elegidos tuvieron que ver en más del 50% de las ocasiones con los lugares de residencia de sus fundadores, hecho que corrobora la influencia del universo local y territorial. Es decir que esos nombres se urdieron en torno a la identidad forjada en la cuadra, en los vecindarios y 'parroquias'...

E não é de se estranhar que os clubes fossem batizados com o nome do bairro no qual eram fundados, já que o bairro era (e ainda é), a partir do indicado por Frydenberg (2001, pp. 128-129) embaixo, o espaço em que são gerados e estabelecidos os imaginários sociais de pertencimento. Além do clube, outros espaços iam se abrindo para o convívio dos vizinhos, como o bar, alguma esquina, um comitê político, etc.

El barrio puede ser considerado como el componente básico de la vida porteña, edificado desde las formas de la vida cotidiana hasta por los imaginarios sociales. [...] fue un ámbito de igualación social, de participación y solidaridad, pero también, escenario de distinción social y de edificación de una “ideología barrial”, construida sobre la base de la “diferencia y de la otredad amenazante”.

Como podemos perceber pelo que temos assinalado, o futebol já está integrado à vida dos bairros da cidade e seus protagonistas também passaram a ser os jovens estudantes, filhos de trabalhadores imigrantes, que além de ocupar o tempo na escola ou ajudando seus pais, começavam a compartilhar espaços, por meio do jogo, com os filhos de profissionais, empresários e funcionários de alto escalão, que por sua vez também montavam times e clubes.

1.1.6 Ponto de encontro: “La hinchada”

O crescente interesse pelo futebol, seja como prática esportiva ou como espetáculo, fazia com que não apenas os jogos da liga da primeira divisão fossem o centro de atenção das pessoas e dos meios de comunicação, também as finais dos campeonatos das ligas menores convocavam um grande número de espectadores, entre os quais vizinhos do bairro e parentes dos jogadores que iam manifestar seu apoio. Também faziam parte deste núcleo de adeptos muitos dos próprios jogadores da liga principal, atraídos pela curiosidade de ver como ia se desenvolvendo o esporte.

Este espaço, que aglutinava pessoas de tão diversas origens, tornar-se-ia a fonte dos futuros cartolas, sócios e principalmente jogadores do time. E não apenas isto, para este espaço eles também voltariam, começando a dar forma aos primeiros modelos de torcedores. Frydenberg (2011, pp.71) diz:

[...] los jugadores y los dirigentes de las ligas independientes eran a su vez espectadores de los partidos organizados por la liga oficial de fútbol. No todo el público formaba parte de ese universo, ni todos los jóvenes jugadores de ese fútbol aficionado eran público de los

partidos de las ligas oficiales. Sin embargo, sabemos que muchos desempeñaban ese doble papel.

Quando anteriormente mencionamos “modelos de torcedores” estamos querendo assinalar que os integrantes da massa de espectadores que frequentavam os campos de jogo não tinham um comportamento homogêneo nem unânime; muito pelo contrário, havia uma variada gama destes espectadores que com o passar do tempo foram ganhando características comportamentais muito mais visíveis e eloquentes.

Por um lado tínhamos sócios e cartolas do clube, junto com os familiares dos jogadores, que compunham um grupo que poderíamos chamar ou determinar como “adeptos” ou “simpatizantes”, cujo comportamento era notadamente diferente da outra parte da plateia: os torcedores.

1.1.7 Torcedores, dentro e fora do campo de jogo

Anteriormente comentamos que as primeiras ligas de futebol surgiram em 1902 e 1905, em São Paulo e no Rio de Janeiro respectivamente; porém, precisamos voltar um pouco no tempo, até o ano de 1900, para podermos estabelecer o marco em que surge o primeiro estádio de futebol do país. O mesmo estava localizado no antigo velódromo, propriedade de Dona Veridiana de Silva Prado, no que é o atual bairro da Consolação, na cidade de São Paulo.

Este espaço era alugado pelos integrantes do recém-formado Clube Atlético Paulistano, e ali, no Velódromo. Duarte e Vilela (2005, p. 23) contam:

Os gols e as quatro linhas foram improvisados, mas logo se construiu ali o primeiro estádio de futebol do Brasil, com campo no miolo da pista de ciclismo. Ergueram-se arquibancadas de madeira, e a capacidade aumentaria com as reformas, passando de 2 mil para 5 mil e, por fim, 10 mil espectadores.

Figura 1 – Jogo no velódromo, no bairro da Consolação, em São Paulo.

Pelo que é possível deduzir sobre a construção do primeiro espaço pensado e destinado à prática do futebol no país, no mesmo não apenas havia um local específico para a acomodação dos espectadores, como também esse espaço precisou ser ampliado para poder abrigar ainda mais pessoas, um claro sinal do crescimento da prática do esporte e da adesão ao mesmo como espetáculo.

Alguns detalhes importantes sobre as características do público que frequentava o Velódromo para presenciar os jogos de futebol são apresentadas também por Duarte e Vilela (2005, p. 24):

Jogo no Velódromo era evento, e o distinto público comparecia em roupa de missa. [...] À entrada, um aviso que hoje causaria espanto: *Proibido vaia*. Tal repressão a uma das delícias do esporte não impediu o Paulistano de introduzir aqui outra novidade: o grito de guerra, inspirado pelas torcidas organizadas das universidades americanas. Os janotas do Paulistano inventaram o *Aleguá-guá-guá!*, que seria uma mistura do francês *allez* com o inglês *go* e o indígena *ack*, significando 'Avante, avante, avante!'. [...] e caiu no gosto da elite e da arraia-miúda, ainda mais depois que se consolidou o mais tradicional certame do país, o campeonato paulista.

E não era apenas o público que apoiava o Paulistano que se manifestava no estádio, aqueles que iam assistir outro time, a AA das Palmeiras, tinham também um grito de incentivo, o que nos leva a entender que já fazia parte do comportamento dos espectadores a manifestação coletiva

como forma de apoio. Por ocasião da final do campeonato estadual de 1909 entre estes dois times, sagrou-se campeã a AA das Palmeiras, “cuja torcida gritava *Chiribiri*.” (2005, p. 27)

Outro dado não menos importante sobre as características dos integrantes destas primeiras torcidas paulistanas, além do seu nível social, da elegância na vestimenta e no comportamento e do estímulo em forma de gritos de guerra, está numa peculiaridade que já apontamos também na formação das torcidas dos times de Buenos Aires: nelas podiam ser encontrados jogadores de futebol.

Ao lembrarem a reestruturação pela qual passou o CAP em 1916, após sua quase extinção, Duarte e Vilela (2005, p. 30) apresentam um episódio que deixa bem claro que os jogadores de futebol faziam parte das torcidas:

Até a hora do jogo, o Paulistano conseguira reunir apenas nove jogadores. Então o beque Carlito Aranha viu ali na arquibancada da Floresta² um antigo defensor do clube, Cyro Bueno, também zagueiro, e o convenceu de ir ao gol.

Um ano mais tarde, como também já comentamos, o mais popular dos times de várzea, o Corinthians Paulista, iria se incorporar à principal liga de futebol do estado. E junto com a entrada dele se daria o ingresso de uma nova camada social ao espaço destinado ao público.

O perfil do público no futebol no Rio de Janeiro não era muito diferente daquele que participava em São Paulo. Nas primeiras épocas, os espectadores cariocas faziam parte da elegante elite que presenciava os jogos disputados, sobretudo, no estádio das Laranjeiras. Porém, com o passar dos anos, a composição dos torcedores foi mudando. Wisnik (2008, p. 206) conta que:

O interesse que o futebol de elite provocava, [...] crescia de maneira inexorável, e independente de sua vontade, por todos lados à sua volta, constituindo-se, afinal, num golpe fatal a si mesmo e ao seu desejado isolamento de classe.

² O Velódromo tinha sido demolido e as arquibancadas foram transportadas para a chácara da Floresta, que se tornara o principal campo de jogo da cidade.

Contudo, esse rápido processo de popularização do esporte não foi acompanhado com a mesma velocidade pela entrada de espectadores de diferentes setores sociais às arquibancadas dos estádios. Wisnik (2008, pp. 207-208), sobre este fato, aponta:

Há alguns poucos indícios historiográficos palpáveis [...] que deixam entrever vagamente o processo em curso. O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira [...] apresenta fotos da revista O Malho, em 1905, mostrando a *galera* encarapitada em telhados e muros, 'pequena multidão de curiosos', na maioria negros e mulatos, a assistir do alto e de fora àquilo que se passava no recesso do campo do Fluminense para uma juventude 'elegante e seleta'.

Se a situação descrita acima, em 1905, apontava essa separação de classe e de raça, em que uns assistiam de fora e outros de dentro do próprio estádio, 14 anos depois a realidade não seria muito diferente, como Wisnik (2008, p. 208) conta:

Já uma outra foto significativa dá uma panorâmica do estádio das Laranjeiras, na famosa final do campeonato sul-americano em 1919, quando o Brasil ganhou de 1 x 0 do Uruguai [...] e conquistou seu primeiro título internacional expressivo: ao fundo do estádio lotado 'de jovens bem vestidos e de senhorinhas elegantes' vê-se o morro, em cuja encosta se espreme uma galera-favela de cerca de 5 mil pessoas, fazendo 'verdadeiros prodígios de equilíbrio e de ginástica' para assistir à partida, e irrompendo em 'entusiásticas ovações' ao selecionado nacional."

Interessante é destacar que sobre este mesmo feito, Hilário Franco Jr. (2007, p. 74) faz também ponderações que claramente apontam a diferença na formação das torcidas e o espaço que elas ocupam:

[...] no Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, a seleção [brasileira] se sagraria campeã, para comoção do elegante público das Laranjeiras - 30 mil pessoas - e dos populares que se apinhavam nos morros vizinhos. Como afirmara lapidarmente Lima

Barreto a respeito da política no país, o Brasil não tinha povo, tinha público. Na verdade, começava a ter torcida.

Figura 2 – Foto do jogo entre as seleções do Brasil e do Uruguai, no estádio das Laranjeiras, em 1919.

Embora seja mais do que evidente que as torcidas não se formam num único momento, mas que são o resultado de uma série de eventos que vão confluindo para lhes dar corpo, consideramos que os trechos que acabamos de citar são extremamente eloquentes quanto a vários pontos que passaremos a enumerar e que nos poderão ajudar, pelo menos para este trabalho, na compreensão da formação e características das torcidas no Brasil.

Já que em ambos os excertos acima é descrito o mesmo acontecimento histórico, optaremos por aquele apresentado por Franco Jr. para fazermos nossas primeiras avaliações sobre a formação das torcidas no Brasil.

Este momento “fundador” é apresentado num ano determinado: 1919; num local específico: o estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro; numa circunstância pontual: a final do Sul-Americano daquele ano, que seria obtido pela própria seleção brasileira. E além destas incidências meramente esportivas, temos detalhes quanto ao entorno: 30 mil elegantes pessoas que ocupam os espaços destinados ao público, dentro do estádio, e populares que

também foram atraídos pelo jogo, mas, que deviam observá-lo desde alguma posição externa ao estádio. Neste caso específico, a geografia colaborou para tanto, “fornecendo” morros aos populares em questão. Por último, pode-se perceber que a crítica que Lima Barreto tinha lançado quanto ao momento político da época, onde podemos entender uma dicotomia, pelo seu caráter excludente, entre povo e público, é aproveitada e reelaborada para produzir um efeito de junção entre povo e público (populares e elegantes pessoas) num espaço comum: a torcida.

A torcida, e portanto os torcedores, não ocupa apenas o espaço físico próprio do estádio, mas, além dele, como vimos que acontece também em Buenos Aires. Também como lá, a torcida é formada por pessoas de diversos estratos sociais, embora em cada cidade com suas alternâncias, suas identidades e seus comportamentos. Porém, o que vemos aqui como marca de diferença se comparado com o processo formador em Buenos Aires é o elemento aglutinador: se na capital argentina eram os clubes aqueles que promoviam a constituição das torcidas, no Brasil (por enquanto, pelo menos no Rio de Janeiro) era a Seleção Nacional.

Com isto não queremos dizer que as torcidas nos clubes brasileiros não tivessem um peso considerável, contudo, não poderíamos deixar passar esta diferença entre a formação das torcidas em ambos os países, e que consideramos fundamental para este trabalho, pois pensamos que permitiria estabelecer algumas tendências diferentes entre o torcedor argentino e o brasileiro.

De todas formas, mesmo com as diferenças assinaladas, entendemos que alguns elementos nos permitirão estabelecer um perfil do “torcedor” ou “hincha” em função das semelhanças encontradas na formação das torcidas no Brasil e na Argentina.

1.1.8 Ser torcedor, ser hincha

O conjunto de características que passaremos a enumerar serão as que mais adiante nos ajudarão a delimitar a personagem da enunciação que chamaremos “voz do hincha/torcedor” e a partir dela analisar os enunciados

produzidos em ambos os países. Aproveitamos para deixar claro neste momento que, ao falarmos em “torcedor/hincha” estamos entendendo um papel social, representado pelo perfil a seguir, e não o que poderia se entender por “torcedor de um determinado time ou seleção”.

Para elaborar este perfil do “torcedor/hincha” contaremos mais uma vez com dados apresentados pelo historiador Julio Frydenberg (2011, p. 228), já que consideramos que os mesmos são de vital apoio para esta pesquisa. Vejamos as características (os destaques são nossos):

[...] el público del fútbol estaba compuesto fundamentalmente por jugadores o ex jugadores que **se consideraban conocedores del quehacer futbolístico, dueños de una erudición que provenía de la experiencia vivida** y de una suerte de conocimiento ‘esotérico’ que sólo algunos ‘elegidos’ poseían.[...] haber pertenecido a una parcialidad y **detentar una autoridad surgida del conocimiento, real o supuesto, parecía ser razón suficiente**.[...] una competencia que no se desarrollaba los fines de semana, sino el resto de los días laborables, [...] en otras palabras, un juego sordo que **se llevaba a cabo en los lugares de trabajo con sonrisas, ironías y cargadas.**”

Talvez estejamos aqui perante uma das primeiras características do torcedor/hincha de futebol, que é aquele que se coloca num lugar de saber devido ao conhecimento que o mesmo carrega, como jogador ou ex-jogador, para o estádio, em primeira instância, e para fora dele durante os dias em que não há partidas. O torcedor/hincha, portanto, pode se apresentar como tal não apenas no âmbito da prática do esporte, mas também fora dele.

Por outra parte, esse conhecimento lhe permite manifestar sua opinião sobre como deveria ser feita esta ou aquela jogada com a qual, eventualmente, ele não concorda; ou avaliar positivamente aquelas que são do seu agrado. Sobre isto, Frydenberg (2011, p. 234) acrescenta (destaques nossos):

Los hinchas recreaban experiencias pasadas o imaginaban **lo que harían de ocupar el lugar de los que en ese momento estaban dentro del campo de juego**. Es decir, **creían tener la posibilidad de que eso ocurriese**. Su frecuente decisión de intervenir llamaba la atención de quienes consideraban que esa clase de actitudes excedía

los límites de su rol. Paradójicamente, en su papel de espectadores debían respetar reglas precisas (las de cualquier público); no obstante, ***el rol de hincha era opuesto a la fácil aceptación de la pasividad.***

Diferente do que pode acontecer com as pessoas que fazem parte de uma plateia em outro espetáculo, como o cinema, o teatro, a ópera, etc., onde o espectador não questionaria o desempenho do diretor, ou deste ou aquele ator no exato momento da execução da peça, o torcedor/hincha possui a prerrogativa de poder fazê-lo, e diríamos até mais, é essa uma das principais características, senão a principal dele: manifestar sua aprovação ou seu descontentamento, fazer uma avaliação, no ato em que acontece um determinado evento dentro de uma partida de futebol. Em outras palavras, o torcedor/hincha não seria um mero integrante da plateia que assiste a um espetáculo, mas um elemento constitutivo deste, uma espécie de crítico instantâneo e passional.

E mais detalhes sobre o torcedor/hincha, desta vez referidos às expectativas, exigências e atitudes por ele assumidas. Novamente Frydenberg (2011, p. 233) comenta (destaque nosso):

El hincha no solo intentaba influir sobre el resultado mediante la violencia o la amenaza a los jueces y equipos rivales; ***también exigía a sus jugadores excelencia en las habilidades propias del juego. Además de virtuosismo con la pelota, los hinchas exigían entrega, corazón, guapeza, virilidad y coraje...***

Aqui é apresentado mais um componente daqueles que dão uma “corporalidade” ao torcedor/hincha, que além de manifestar sua aprovação ou reprovação, como dissemos acima, também exige. E esta exigência tem como destino, usualmente, os jogadores do próprio time.

Por fim, a última das características que acreditamos darem forma ao torcedor/hincha, e que poderíamos questionar se ainda se mantém nos torcedores dos dias atuais ou passou a ser um predicado de outro sector das arquibancadas, como relata Frydenberg (2011, p. 235) (destaque nosso):

Podría suponerse que los hinchas estaban convencidos de que los resultados deportivos no debían provenir exclusivamente de lo que sucedía dentro del campo de juego sino también de las tribunas; **de allí que la invasión de la cancha trocara la figura del hincha-espectador en protagonista** con el objetivo de influir activamente sobre el partido o bien ponerle fin.

Escolhemos colocar esta última característica do torcedor/hincha, ou pelo menos de suas primeiras mostras, para podermos estipular um contraste com aquilo que mais adiante determinaremos como o torcedor/hincha de hoje. O torcedor/hincha que nos mostra aqui Frydenberg possui mobilidade espacial: ele pode passar das arquibancadas para o campo de jogo, e com isso interromper ou modificar o andamento natural da partida. Também é um ser violento, verbal e fisicamente. Essas duas “qualidades” que aqui levantamos, a da violência e a da mobilidade física para dentro do campo, com o claro intuito de atrapalhar o andamento do jogo, seja lá pelo motivo que for, passam a fazer parte de um outro segmento, pelo menos para nós, que não o de torcedor ou hincha.

Poderíamos até fazer uma distinção entre aqueles que invadem o campo com finalidades meramente exibicionistas ou propagandísticas (homens ou mulheres que passam correndo nus, geralmente carregando alguma mensagem escrita num cartaz ou no corpo; aqueles que perante a possibilidade única de ver seu ídolo máximo saltam ao campo para cumprimentá-lo, ou quem entra pelo puro motivo de se mostrar); e aqueles outros que se lançam ao campo de jogo (ou até fora dele) determinados a causar violência e provocar tumulto.

Não é difícil identificar estes últimos como integrantes das denominadas “torcidas organizadas” no Brasil, ou “Barras bravas” na Argentina. Contudo, esta diferenciação que estamos propondo já foi levantada em 1925, precisamente no surgimento e definição do que seriam os “Barras bravas”, como Frydenberg (2011, p. 226) diz:

En febrero de 1925 *Crítica* publicó una nota titulada “Barras Bravas”, en la que se los definía con los mismos calificativos utilizados para los hinchas, aunque se aclaraba que en realidad eran grupos más o

menos uniformes de 'energúmenos que sólo van a los *fields* con el objeto de poner de manifiesto sus bajos instintos.

Colocadas então todas estas diferenças entre os adeptos/simpatizantes, os torcedores/hinchas e os integrantes das torcidas organizadas/barrabravas, passaremos a assumir que o torcedor/hincha de hoje apresenta este conjunto de características que lhe é próprio:

-O torcedor/hincha, primeiramente, tem voz. Ele se mostra como tal na hora de fazer uma avaliação, seja positiva ou negativa, mas de forma oral. Essa avaliação pode ser (e geralmente é) quase concomitante com o momento em que acontece o evento que a provoca, mas, pode ser mantida, reformulada ou até modificada com o passar do tempo. Ele sustenta ou defende sua avaliação em função de um requisito básico: o conhecimento. O torcedor/hincha se coloca como alguém que sabe do esporte e isto lhe permitiria formular suas críticas. Não é o conhecimento empírico da prática de tudo aquilo que envolve o esporte que faz do torcedor/hincha ser o que ele é, mas ao contrário: assumir o papel de torcedor/hincha significa carregar ou manifestar um conhecimento sobre o assunto futebol.

-Esse conhecimento também dá espaço para que o torcedor/hincha exija. A exigência geralmente está destinada aos jogadores do clube pelo qual torce, e como tal, pode conter algum traço de violência verbal incutido nas formas de ameaça.

O torcedor/hincha também costuma utilizar figuras como a ironia, o sarcasmo, o deboche, o insulto, como maneiras de se colocar pró ou contra.

-O espaço do torcedor/hincha pode ser o estádio, ocupando algum lugar destinado ao público, mas nunca dentro do próprio campo de jogo como uma determinação própria (o que seria uma invasão). Ele também pode se manifestar fora do estádio, seja nas ruas, no trabalho, nos bares, etc. E nos dias de hoje em casa, interagindo a través de algum meio de comunicação.

1.2 Do campo de jogo ao campo discursivo

Estabelecidas as características que nós acreditamos serem aquelas que dão forma a um hinha/torcedor, embora de nenhum time ou seleção em particular, dos países em foco, entendemos que é fundamental para nosso trabalho estipularmos de que forma este conjunto de características podem ser reconhecidas nos enunciados daqueles que mais adiante descreveremos como locutor-Torcedor/Hinha de futebol e locutor-Narrador Profissional de Futebol.

Desta maneira, optaremos pelos conceitos e características de *Ethos* que dá Dominique Maingueneau, em sua obra *Cenas da Enunciação* (2008), para começar a dar forma, a partir de agora, a uma personagem do âmbito discursivo (a Voz do Torcedor/Hinha) no qual podem ser reconhecidos os traços, ou muitos deles, do ser empírico (o Torcedor/Hinha) apresentado e descrito anteriormente.

Para termos uma primeira noção do *Ethos*, apoiar-nos-emos numa definição de Declercq, e o *ethos* na retórica, apresentada pelo próprio Maingueneau (2008, pp. 56-57) em seu trabalho, que o coloca como:

[...] tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para emitir uma imagem do orador destinada ao auditório. Tom de voz, modulação da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, adornos etc., são outros tantos signos, elocutários e oratórios, vestimentais e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica.

Em função desta definição, o próprio Maingueneau (2008, p. 57) acrescenta:

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de forma lateral. Ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário.”

E mesmo sendo um produto do discurso, o *ethos* não se apresenta com marcas próprias reconhecíveis ou explícitas nos enunciados, mas, é uma imagem do locutor, construída pelo destinatário, a partir dos enunciados daquele, como descreve Maingueneau (2008, p. 59):

A eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado. [...] o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. Ele permanece, por natureza, no segundo plano da enunciação: ele deve ser percebido, mas não deve ser objeto do discurso.

Dominique Maingueneau (2008, p.63) propõe três características do *ethos* que, entendemos, permitem ter uma melhor compreensão desta “noção discursiva”:

- [...] ele se constitui por meio do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior à fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro;
- o *ethos* é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada.

Veremos também outros dois aportes do autor francês, vinculados ao *ethos*, que acreditamos servirão para caracterizar melhor, posteriormente, as “vozes” que surgem em nossa análise.

Um deles é o conceito de *fiador*, ou “uma figura que [...] por meio de sua fala, se dá uma identidade em acordo com o mundo que ele supostamente faz surgir”. É o fiador, através de seu modo de dizer, ou do seu “tom”, quem valida aquilo que é dito. E ademais, Maingueneau (2008, p. 65) propõe que:

[...] recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas associadas ao ‘fiador’ pelas

representações coletivas. Assim, acaba-se por atribuir ao fiador um ‘caráter’ e ‘uma corporalidade’ cujo grau de precisão varia segundo os textos. O ‘caráter’ corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à ‘corporalidade’, ela é associada a uma compleição física e a uma forma de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar.

O segundo conceito aportado por Maingueneau (2008, p. 65) é o da “incorporação”, que precisamente é “a maneira pela qual o destinatário em posição de intérprete [...] se apropria desse *ethos*”.

A “incorporação” pode atuar em três registros:

- a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
- o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

1.3 As vozes dos locutores

Apresentados, então, os conceitos e características de *ethos*, e seu papel de ‘fiador’ que valida o mundo por ele mostrado através de sua fala, entendemos que se faz pertinente, na sequência do nosso trabalho, introduzirmos os primeiros conceitos de Locutor e Enunciador, personagens da enunciação, para podermos assinalar essas falas do fiador nos enunciados que posteriormente analisaremos.

Em um primeiro momento vamos nos valer da categorização e distinções que Oswald Ducrot faz em sua obra *El Decir y lo Dicho*

(1984) do Locutor e do Enunciador, como desdobramentos de um sujeito falante.

Ducrot (1984, p. 259) define Locutor como:

[...] el supuesto responsable del enunciado, es el que está presente, en el sentido mismo del enunciado, como el ser a quien debemos imputar la aparición de este enunciado. A él remiten [...] el pronombre yo y las otras marcas de la primera persona.

A segunda classe de “personagem” da representação da enunciação pertence à categoria dos Enunciadores:

Se trata de personas que el sentido mismo del enunciado da como responsables de tal o cual acto de lenguaje efectuado en la enunciación (acto ilocutorio o acto expresivo, por ejemplo). (Ducrot, 1984, p. 261)

Partindo então desta primeira distinção é que começamos a localizar “as vozes” que pertencem aos dois enunciadores, segundo Ducrot, responsáveis pelos atos de linguagem dentro das narrações de gol de nossa pesquisa e o responsável pela enunciação: o Locutor. Ou, em termos de Ducrot, (1984, p. 262) novamente:

[...] la distinción entre el locutor y los enunciadores: [...] Un enunciado puede dar a su enunciación un responsable (locutor) diferente de los responsables que él confiere a algunos de los actos efectuados en esta enunciación.

A partir destes conceitos apresentados por Ducrot, entendemos que para nosso presente trabalho seria mais benéfico nos valer destas mesmas figuras, só que nos parâmetros que Eduardo Guimarães as coloca em seu livro *Semântica do Acontecimento* (2005).

Guimarães (pp.23-24) diz a respeito das características do Locutor:

[...] podemos considerar que assumir a palavra é por-se no lugar que enuncia, o lugar do Locutor que vou chamar de Locutor (com

maiúscula), ou simplesmente L. L é então o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer. E desta maneira representa o tempo do dizer como contemporâneo deste mesmo L, e assim representa o dizer como o que está no presente constituído por este L.

Já sobre o que Ducrot apresenta e define como enunciadores, Guimarães (2005, p. 23. Nota de rodapé) estabelece uma diferença de critério:

[...] retomo aqui o que Ducrot chamou de polifonia da enunciação, aprofundando a diferença [...] pela consideração do locutor enquanto pessoa como socialmente constituído. Isto me levou a [...] usar de maneira diferente os termos locutor e enunciador que Ducrot distingue e que eu também distingo, mas já num outro quadro de categorias, onde procuro caracterizar não a multiplicação das figuras da enunciação, mas sua divisão.

Assumindo então, para este trabalho, o ponto de vista de Eduardo Guimarães, principalmente no relacionado com essa “divisão” de figuras da enunciação que dão unidade ao Locutor, passaremos também a assumir a denominação que este autor estabelece para estas figuras:

[...] para se estar no lugar de L é necessário estar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua (enquanto falantes). Ou seja, para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor.

[...] Em outras palavras, o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social. A este lugar social do locutor chamaremos de *locutor-x*, onde o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por um lugar social que a variável x representa (presidente, governador, etc.). Assim é preciso distinguir o Locutor do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (*locutor-x*) que ele se dá como Locutor. Ou seja, o Locutor é díspar a si. Sem essa disparidade não há enunciação. (Guimarães, 2005, p. 24)

Portanto, passaremos a assumir os termos Locutor (L) para “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”, “origem do que se

enuncia” e locutor-x para assinalar “um lugar social autorizado a falar”. Especificamente neste trabalho falaremos de dois lugares sociais, a partir de agora denominados como locutor-Narrador Profissional de Futebol (I-NP) e locutor-Torcedor/Hincha (I-TH).

Ficando assim atribuídos os nomes de Locutor e locutor-x para as personagens anteriormente descritas, destinaremos o nome de “narrador” para fazer menção ao profissional dos meios de comunicação radiofônica e televisiva que materializa em língua os eventos que fazem parte de um jogo de futebol. A importância dele dentro de nosso trabalho será descrita posteriormente.

A seguir, apresentaremos dois casos extraídos de nosso corpus de análise que acreditamos ajudarão a reconhecer os locutores que estamos assinalando e também tentaremos mostrar os fiadores que deles se depreendem:

a)

¡Gol!

¡Golazo...! De Boca.

¡Apareció Jesús...! Dátolo para aumentar la diferencia.

Por fin Boca llega al segundo.

Boca dos, Cruzeiro cero.

b)

Gol...!

É...! Do Palmeiras.

Alex, a fera do jogo.

Que toque bonito! Não deu pro Bonanno.

É bater pro gol e sair pro abraço.

Nos casos a) e b) apontamos em itálico os fragmentos que entendemos correspondem ao I-NP e sublinhados aqueles que acreditamos pertencer ao I-T/H.

Qual, porém, o critério para fazer essa distinção entre os locutores-x? Nosso principal critério de distinção estará na avaliação dos enunciados que permitam ao ouvinte/destinatário “incorporar” um fiador que responda à voz de

um torcedor/hincha, em função das descrições que dele já fizemos anteriormente. Os enunciados deste I-T/H apresentam algumas características: em primeiro lugar, a seleção das palavras que fazem parte desses enunciados, mais próximas de um registro mais coloquial ou informal. Também consideramos que nesses enunciados se exprimem, por um lado, manifestações mais vinculadas com apreciações avaliativas (aprovativas ou reprovativas), críticas, desabafos, ironias, elogios, lamentações, reclamações, etc., e por outro lado, marcas que permitem visualizar um conhecimento ou saber sobre as instâncias do jogo em curso ou de circunstâncias históricas relacionáveis com a partida narrada. (ampliaremos e detalharemos o conjunto e tipo destas características mais adiante neste trabalho).

Há mais um elemento que também faz parte deste grupo de características pelas quais reconhecemos o I-T/H: a construção ou sinalização de um interlocutor dentro de seu discurso. Esse interlocutor não necessariamente é alguém específico nem sempre o mesmo; mas, vamos considerar todo indício em que algum alocutário do I-T/H fique exposto.

Estes critérios de identificação de enunciados também foram usados como parâmetro para a escolha das narrações que finalmente acabaram fazendo parte de nosso corpus de análise, ou seja, aquelas narrações em que foram achados enunciados associáveis ao I-T/H, passaram a integrar o corpus.

Por sua vez, chamaremos de enunciados do I-NP, aqueles que, precisamente, não fazem parte do I-T/H. Contudo, esta seleção não responde a um mero descarte, mas a um conjunto de características: a seleção do léxico, frases ou bordões, que coloca esses enunciados mais próximos daqueles que costumam ser utilizados nos meios de comunicação, com algumas construções mais relacionáveis com um registro padrão ou culto. Por outro lado, o teor dos enunciados deste locutor apresenta um viés mais informativo, isto é, o conteúdo deles está mais vinculado com dados específicos do jogo em si (também serão ampliadas posteriormente as características deste locutor).

Voltando, então, aos dois casos apresentados acima, entendemos que os enunciados apontados em:

a) *¡Gol! - De Boca. - Dátolo para aumentar la diferencia. - Boca dos, Cruzeiro cero.* E em:

b) *Gol...! - É...! Do Palmeiras. - Alex, a fera do jogo. - não deu pro Bonanno. É bater pro gol e sair pro abraço,*

são atribuíveis ao I-NP, pelas informações fornecidas referentes aos jogos (o grito de gol, o time que anotou, o autor do gol, o resultado parcial, etc.) e também pela escolha lexical: “aumentar la diferencia”, e pelo uso de bordões: “a fera do jogo”, “É bater pro gol e sair pro abraço”, etc.

Já nos casos que apontamos como do I-T/H em:

a) ¡Golazo! - ¡Apareció Jesús...! - Por fin Boca llega al segundo.

b) Que toque bonito!

Nos enunciados da narração argentina, além de um registro mais coloquial ou informal, vemos que no primeiro caso surge a mais clara manifestação com a qual um torcedor/hincha denominaria aquilo que, por um conjunto indeterminado de combinações estético-tático-estratégicas, é a realização de um gol superlativo, quase sempre acompanhado por um tom exclamativo. No segundo caso há uma manifestação de alegria, pela concreção do gol, misturada com uma espécie de exaltação, a modo de Aleluia!, que fica reforçada no uso do nome Jesús. Aqui, além da alegria ou do “agradecimento aos céus”, há uma notória marca de conhecimento do que envolve o espetáculo futebolístico, pois o nome do autor do gol é precisamente Jesús (Dátolo). No segundo caso, percebe-se uma espécie de desabafo ou alívio pela marcação do gol. Aqui, a “incorporação” do *ethos* do torcedor/hincha se dá, precisamente, pela própria expressão de desabafo acrescida ao nome do time do torcedor (“Por fim Boca...”) e também pelo apontamento de um alocutário do I-T/H que, através do compartilhamento dessa mesma expectativa, incorpora o *ethos* daquele.

No enunciado da narração brasileira há uma manifestação de reconhecimento pela beleza da jogada que acabou em gol. Neste caso, o ouvinte compartilha com o fiador uma fruição pela plástica do toque, e precisamente, questões subjetivas como a beleza no futebol, são compartilhadas e entendidas de forma, diríamos, bastante equânime, pelo conjunto ou corpo de ouvintes a quem é destinada a narração.

1.4 Futebol, um espetáculo!

Ao dizermos anteriormente que o torcedor/hincha se manifesta a partir de um meio de comunicação queremos assinalar que também por meio deles, seja como fonte escrita, televisiva ou radial, surge sua voz de torcedor/hincha fazendo ouvir modulações de reclamação, apoio, dúvida, lamentação, etc. Em outras palavras: o torcedor/hincha acompanha oralmente o evento futebolístico que lhe é apresentado a través de um meio de comunicação. Como vemos, nestes casos não é preciso estar num estádio de futebol, assistindo a um encontro, para que a voz do torcedor/hincha possa se manifestar.

O primeiro meio de comunicação a dar espaço ao futebol no Brasil foi o jornalismo escrito; porém, as notícias eram curtas e tinham mais um caráter de anedotário social do que de análise ou apresentação do evento esportivo em si.

Esse panorama começou a mudar conforme a prática do futebol ia se massificando e alcançando notoriedade pública, segundo podemos ler na página de internet do Arquivo do Estado de São Paulo:

Com o início do processo de disseminação e de popularização do futebol na primeira década do século XX, a cobertura esportiva jornalística começou a ganhar espaço entre outros assuntos publicados em jornais e revistas, os quais eram até então mais importantes. Periódicos destinados exclusivamente à cobertura esportiva começaram a surgir nos primeiros anos de 1910.

Em São Paulo, a revista Sport – Semanario Illustrado trazia para os seus leitores notícias sobre alguns esportes realizados no Brasil, bem como em outros países. Suas páginas noticiavam acontecimentos sobre futebol, aviação, caça e tiro, natação, hipismo, atletismo, tênis, hockey, automobilismo, ciclismo, motociclismo e turfe. Entre os anos de 1922 e 1925, circulava o São Paulo Sportivo, que cobria os eventos esportivos, principalmente o futebol, o boxe e o atletismo.

Figura 3 – Imagem da primeira edição do Sport – Semanario Illustrado.

No Rio de Janeiro, a publicação mais importante que se destina exclusivamente ao esporte surge alguns anos mais tarde, como também é contado no site do Arquivo Público do Estado de SP:

Nos anos de 1930, na cidade do Rio de Janeiro, surge o Jornal dos Sports, fundado por Mário Filho, jornalista e entusiasta do futebol. A publicação contou com a colaboração de seu irmão, Nelson Rodrigues, que também era fanático pelo esporte. Com estilo de texto apaixonado e criativo, Nelson e Mário trouxeram para a cobertura esportiva uma nova forma de retratar o futebol – a formalidade da escrita deu espaço para o linguajar presente nos campos.

O nome de Mário Filho continuará muito vinculado ao esporte, como veremos mais adiante, sobretudo na construção e solidificação de outros aspectos que relacionam os meios de comunicação, o público e o futebol, já que ele também foi narrador de rádio, cronista e um dos responsáveis pela organização do Mundial de 1950, além de fomentar o laço entre torcedores e times, principalmente o Flamengo.

Na Argentina, o primeiro jornal a colocar matérias sobre esportes foi o *The Standard*, “un periódico de origen inglés que se publicaba desde la década de 1860” (Frydenberg, 2007, p.38). O interesse pelo mundo esportivo continuou sendo quase uma exclusividade dos jornais britânicos até o começo do novo século.

A partir de 1901, com a publicação das primeiras crônicas de futebol em castelhano, no jornal *El País*, e posteriormente nos jornais *La Nación*, *La Prensa* e *La Argentina*, o panorama começou a mudar e o espaço destinado ao futebol ia aumentando, embora, de igual modo que acontecia no Brasil, as matérias fossem mais de viés social que de análise futebolística, propriamente dita. Frydenberg (2011, p. 38) diz:

La prensa porteña dedicaba importantes espacios a los grandes eventos deportivos, en especial los partidos contra los equipos ingleses que visitaban la ciudad, destacándose las coberturas de *Caras y Caretas*, *PBT* y *Pulgarcito*. Las publicaciones no solían hacer una crónica de los encuentros, sino que los utilizaban como un gran escenario para la exhibición de los miembros de la ‘alta sociedad porteña’.

Contudo, o já citado jornal *La Argentina* foi aquele que de fato deu o primeiro passo na inclusão em suas páginas das informações e do cotidiano do futebol portenho:

Desde 1903 el vespertino *La Argentina* asumió conscientemente el papel de organizador del pequeño submundo del fútbol aficionado. En sus páginas, los nuevos equipos se desafiaban y las ligas independientes comunicaban sus actividades. (Frydenberg, 2011, p. 47)

Figura 4 – Resposta de um time recusando o desafio de outro, no jornal *La Argentina*

Desta forma, vemos que o jornal, para o futebol, desempenha outro papel além de informar sobre os acontecimentos relacionados aos jogos, ele se torna um espaço de encontro e comunicação entre jogadores e torcedores. Poderia se entender, então, que é neste tipo de jornal onde se gestaria uma linguagem comum a *boleiros*, público geral e meios de comunicação.

Anos mais tarde, já na década de 20, duas publicações se tornariam os principais veículos destinados ao mundo do futebol portenho: *Crítica* e *El Gráfico*. A proposta, o conteúdo e as avaliações de ambos, apresentavam importantes diferenças que, acreditamos, têm a ver com as características primordiais de boa parte do público consumidor: o *hinch*. A respeito disto, Frydenberg, 2011, pp. 138-140) comenta:

En el proceso de surgimiento de los barrios, la incidencia del fútbol estuvo asociada a sus nexos con la vida cotidiana y el ritual del

espectáculo. Pero nada de eso hubiera sido posible sin la presencia y los cambios ocurridos en la prensa popular. [...] desde principios de siglo la prensa venía presentando las rivalidades entre clubes-equipos como uno de los mayores atractivos del fútbol, pero a partir de los años veinte ese mecanismo se volvió la norma. Las asociaciones de pertenencia territorial y fidelidad a los equipos pasaron a ser, en los medios, una referencia clara a los barrios como ejes identitarios. [...] Crítica era, en los años veinte, el diario de mayor tirada en lengua castellana. Sus cronistas empleaban la ironía y el sarcasmo para comunicarse frontalmente con sus lectores. Irreverentes, privilegiaban el guiño, el comentario al margen y la picardía a la información lisa y llana, la sátira a la primicia. [...] La revista El Gráfico, en ciertos aspectos similar a los medios tradicionales, se dirigía a un público mayoritario y deseaba cumplir una función pedagógica haciendo pie en la sensibilidad criollista e intentando asociarla al deporte.

Como se pode notar, o ponto de vista sobre as matérias, os destinatários e a linguagem utilizados por um e pelo outro os colocavam em lugares diferentes. Valemo-nos novamente de Frydenberg (2011, p. 142), que diz:

Mientras El Gráfico se apegaba a la construcción de imaginarios nacionales y criollos, Crítica, si bien apuntalaba el ideario nacional, apuntaba directamente a los lazos locales, a las barriadas. Y por esa razón era más permeable a las rivalidades locales expresadas en el fútbol [...] Crítica también fue permeable a los gustos e intereses de los sectores populares en cuanto a temas y lenguaje. El Gráfico, por su parte, se abocó de lleno a la pedagogía de lo criollo y lo nacional. [...] Los arquetipos uniformadores de la época giraban en torno al gaucho y al compadrito. Sin embargo, desde El Gráfico se construyó una tipología de jugador criollo adherida la figura del pibe, la gambeta, el potrero, el origen humilde. El Gráfico tendió así a configurar una imagen homogénea, mientras que Crítica apuntó a la diversificación al otorgar un espacio central a lo local.

1.5 O país no futebol

A identificação do futebol argentino com um estilo *criollo* pode ter atravessado fronteiras e, de alguma forma, teria servido como um dos elementos de parâmetro ou reconhecimento no brasileiro para a construção e identificação de seu próprio estilo de jogo.

Hilário Franco Jr. (2007, pp.76-77), sobre disto comenta:

A situação do jogador de futebol era a mesma do país, em busca de superação das dificuldades materiais [...] e das hesitações identitárias. [...] Daí por que se começou a propalar a existência de uma maneira de jogar própria ao Brasil. Em parte isso era reação ao fato de Argentina e Uruguai considerarem-se donos de um estilo peculiar, o *fútbol criollo*, instintivo e inventivo, repleto de gestos improvisados e espontâneos, jogo que seguia o ritmo do tango e seus dramáticos movimentos lentos e rápidos. [...] Da malandragem brasileira – essa disposição em obter vantagens e em recorrer à flexibilidade e improvisação social (“jogo de cintura”) num país concentrador de poderes, riquezas e saberes-, procederia, segundo Roberto Da Matta, o uso desinibido do corpo, diversão/dança/luta ilusionista de pernas e quadris, tão característica da capoeira.

A busca por uma identidade própria no futebol brasileiro condizia com o momento histórico e político em que também era procurada e fomentada uma unidade nacional. E mais: o próprio futebol foi um dos elementos mais destacados e importantes nessa procura e formação identitária. Franco Jr. (2007, pp.73) diz:

Naquele meio social bastante heterogêneo e fragmentado por interesses regionais, a construção da nacionalidade brasileira teve no futebol um de seus principais alicerces. Os embates com times estrangeiros e as primeiras partidas da seleção brasileira alimentaram, em todos os setores sociais, certa dose de patriotismo e de sentimento de unidade, ainda que transitória e circunscrita à realização das partidas. Em 1914, um combinado Rio-São Paulo derrotou a equipe inglesa do Exeter City [...] naquele que é considerado o primeiro jogo da seleção brasileira. Ainda no mesmo

ano, a seleção conquistou a primeira Copa Roca, na Argentina, vencendo os anfitriões por 1 x 0.

O início das rivalidades futebolísticas entre argentinos e brasileiros expunha também as desavenças regionais entre Rio e São Paulo. [...] a convocação do time brasileiro ocorreu em meio a críticas da imprensa paulistana, inconformada com a ausência de determinados jogadores.

O aumento das discrepâncias entre paulistas e cariocas, junto com a conjuntura política da época, repercutia negativamente no progresso da seleção brasileira de futebol, que não realizou nenhum jogo nos anos de 1924, 1926 e 1927. Em 1928 e 1929 jogou apenas quatro partidas. Também no ano de 1928 o combinado paulista que deveria representar seu estado no Campeonato Brasileiro de Seleções, se negou a participar deste torneio que reunia equipes regionais do país.

Esta desavença entre cariocas e paulistas chegou a tal ponto que para o Campeonato Mundial de Futebol de 1930, no Uruguai, a seleção nacional não tinha nenhum jogador de times do Estado de São Paulo, nem sequer aquele considerado o principal na época: El Tigre Friedenreich.

A campanha do time brasileiro ficou aquém do esperado e foi eliminado da competição ainda na primeira fase. Enquanto os paulistas comemoravam efusivamente a derrota da esquadra nacional, os cariocas os acusavam de se preocuparem mais com as questões vinculadas ao estado do que com aquelas referidas ao país.

O contexto político e econômico também não era dos melhores, como descreve Franco Jr. (2007, pp.75-76):

A quebra da bolsa de Nova York em 1929 enfraquecera a poderosa oligarquia de São Paulo. Após as eleições –vencidas pelo paulista Júlio Prestes –, o assassinato do candidato a vice da chapa de Getúlio Vargas, João Pessoa, quatro dias antes da final da Copa, levou à eclosão de protestos nas principais capitais, sobretudo no Rio de Janeiro. [...] A transição política coincidia com o definhamento do amadorismo [...]. Em 1931, o governo Vargas incluía o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista.

E assim como acontecera na Argentina em 1931, e no Uruguai em 1932, fica instaurada oficialmente a profissionalização do futebol no Brasil em 1933.

1.6 As vozes dos narradores

Não apenas o futebol entrava numa nova era, as mudanças e a modernização também se faziam presentes nos meios de comunicação, principalmente com a chegada do rádio à Argentina e ao Brasil e o consequente início das narrações de futebol por este meio, produto do seu constante e interminável crescimento massivo.

Paradoxalmente, em ambos os países existe mais de uma versão sobre a ‘paternidade’ da narração do primeiro jogo de futebol no país. Estamos considerando como narração de jogos pelo rádio aqueles que eram feitos ao vivo, jogada por jogada e não as informações sobre os mesmos, como costumava ser nos primórdios das transmissões radiofônicas.

Edileuza Soares, em seu livro ‘A Bola no Ar. O rádio esportivo em São Paulo’ (1994), comenta o surgimento da narração de futebol no Brasil:

A irradiação pioneira de futebol, feita em 1931, marcou a criação do segmento. Anteriormente, o rádio limitava-se à repetição das notícias dos jornais ou à transmissão de informação sobre os jogos após a sua realização. (p.8)

Sobre a primeira narração completa, Soares (1994, pp. 13-15) apresenta as diferentes alternativas por ela pesquisadas para seu livro:

Há uma polêmica quanto ao pioneirismo das transmissões esportivas de futebol pelo rádio no Brasil, com muitas informações divergentes na literatura. Depois de uma ampla pesquisa em arquivos de jornais do início da década de 30 e de entrevistar vários profissionais do rádio esportivo, comprovamos que Nicolau Tuma é o locutor pioneiro das irradiações diretas de futebol lance por lance. Isto é, o primeiro locutor a irradiar uma partida de futebol continuamente durante os 90 minutos do jogo e o que criou o estilo de narração que passou a fazer

parte da programação esportiva do rádio. É possível que outros locutores tenham feito transmissões de futebol antes de Tuma, mas não com toda a descrição da partida, lance por lance, desde o início até o final.

Na Cronologia do Rádio Paulistano (Volume 1/ Anos 20 e 30), [...] é citado um texto do Correio Paulistano (de 1ª de maio de 1949) que aponta Leopoldo Sant'Anna como autor de uma narração entre paulistas e cariocas, em 1924. [...] Outros autores, como Maria Elvira Bonavita Federico, sustentam que Amador Santos, do Rio de Janeiro, foi o primeiro a irradiar futebol. [...] Já o radialista Renato Murce admite que Amador Santos foi o pioneiro das irradiações esportivas, mas no Rio de Janeiro. [...] Como se percebe, os dois autores têm opiniões semelhantes, mas nenhum deles cita a data da primeira transmissão de futebol de Amador Santos. O radialista carioca Roberto Feijó, do Departamento de Esportes da Rádio Globo do Rio de Janeiro, esclareceu em uma entrevista à autora que Amador Santos começou a narrar futebol em 1933, portanto, depois de Nicolau Tuma.

A lista de candidatos à primeira irradiação se estende na pesquisa, porém, consideraremos, apoiando-nos nos dados que apresenta Soares, Nicolau Tuma como o primeiro narrador de um jogo completo pelo rádio, lance por lance, no Brasil. A autora também aporta a data do histórico acontecimento:

Data do jogo, da primeira transmissão direta de futebol pelo rádio e do início da história do rádio jornalismo esportivo no Brasil: 19 de julho de 1931 (Soares, 1994, p. 17)

Sobre esse narrador, o jornalista Carlos Fernando Schinner, em “Manual de Locutores Esportivos” (2004) fornece outras informações:

Nicolau Tuma, considerado o pioneiro, foi batizado de ‘narrador metralhadora’ por seu estilo rápido de ‘irradiar as pelepas’. Havia apenas ‘reportagens esportivas’ na época, e ninguém tinha unido as palavras com o ritmo de uma narração. Foi ele quem inventou o termo ‘radialista’, pois não havia outro que se encaixasse para designar o profissional que trabalhava na área. (pp. 22-23)

Como dissemos anteriormente, na Argentina também não há uma unanimidade sobre quem foi o primeiro narrador de um jogo de futebol no país. Gabriel Sufryn, em seu livro sobre a história dos narradores de futebol na Argentina chamado ‘El Grito Sagrado’ (2010), apresenta três hipóteses sobre esse primeiro momento e primeiro responsável:

La primera transmisión de un partido de fútbol se realizó el 28 de septiembre de 1924. [...] Horacio Martínez Seeber, de tan solo 23 años, narró [...] la victoria Argentina frente a Uruguay por 2 a 1. Martínez Seeber, que no tenía conocimientos futbolísticos, fue asistido por un periodista de *Crítica*. [...] Esa transmisión sólo duró cinco minutos puesto que el encuentro fue suspendido porque la multitud reunida desbordó las tribunas del estadio. [...] El jueves 2 de octubre continuó el partido y se completó la transmisión, que se generó a través de Radio Argentina. (p. 15)

A segunda hipótese surge em função de que, segundo consta, Martínez Seeber não realizou o que poderia ser considerado como narração de um jogo, mas, a menção dos eventos que faziam parte daquela partida.

Sobre esta segunda possibilidade, Sufryn (2010, p. 17) aporta:

La transmisión inicial de un partido de fútbol relatado por radio en forma ininterrumpida se la adjudica Tito Martínez Delbox, [...] quien en 1978, en una nota [...] afirmó: ‘Como relator deportivo, fui el primero de todos. En 1927 transmití para Radio Nacional [...] el partido que jugaron Sportivo Barracas y Estudiantil Porteño.

E finalmente, sobre a terceira hipótese, Sufryn (2010, p. 19) comenta:

En 1926 surge la figura de Roque Silliti considerado el primer especialista en materia de relato deportivo. [...] Una característica de Silliti era que relataba pegado al alambrado. Muchos lo recuerdan por haber sido una de las voces que trajo los relatos del primer mundial de fútbol disputado en Uruguay [...] y por, en muchas ocasiones, no transmitir desde la cancha, sino inventar el partido y guiarse por los cables que iban llegando [...] Silliti, desde la radio, inventaba jugadas de riesgo, infracciones, córners, tiros libres, hasta que llegaba a la

radio en el que se mencionaba alguna incidencia real del partido, y fundamentalmente, la llegada de los goles. Ahí sí, Roque Silliti, le ponía veracidad a los próximos instantes de su narración y de esa manera informaba, a través de su relato, el resultado del encuentro.

Por sua vez, Julio Frydenberg (2011, p. 143) dá outra versão sobre o início da narração futebolística argentina:

La incorporación de la radio fue consecuencia de una serie de novedades técnicas y del desarrollo de la publicidad comercial. [...] La primera transmisión radial de un partido de fútbol se produjo el 27 de agosto de 1920 en la ciudad de Buenos Aires. Pero tuvieron que pasar algunos años para que el fútbol ocupara un lugar relevante en ese medio. En 1924 se transmitió el famoso partido contra los olímpicos uruguayos, jugado en la cancha de Sportivo Barracas, y en 1925 Jorge Leal transmitió [...] un partido por la liga local.

Sobre a partida de 1920, citada por Frydenberg, não há mais detalhes, porém, além de coincidir com Sufryn, sobre a relevância da transmissão do jogo entre argentinos e uruguaios, em 1924, ambos fazem menção a outro acontecimento histórico: seja qual for o ano em questão, a primeira transmissão radiofônica mundial aconteceu no país, e só a partir de 1928 a Grã Bretanha passaria a colocar programas de rádio no ar.

Podemos pensar no final dos anos 20 e começo dos anos 30 como o momento em que começa a se difundir e crescer a irradiação de jogos de futebol nos dois países.

E tanto pelos casos apresentados por Soares (1994) no Brasil, quanto por Sufryn (2010) e Frydenberg (2011) na Argentina, podemos notar que a voz no rádio começa a ter vida e características próprias, porém, com um forte e notado apoio na linguagem jornalística escrita, tendo em alguns casos vistos na Argentina, uma marcada encenação daquilo que era presencial.

1.7 Rivalidades e unidades

Como assinalamos em 1.1.5, na Argentina, ou mais precisamente em Buenos Aires, a construção e reconhecimento da identidade dos times e de seus torcedores estava muito vinculada a um espaço determinado: o bairro; e dentro dele, as “paradas”, que podiam ser uma esquina específica ou um bar da região. Era nestes pontos onde a última partida continuava e o ritual de colocar em jogo a honra do bairro e a honra masculina era atualizado.

Este hábito social foi reconhecido e amplamente divulgado pelos jornais na hora de se comunicar com o público consumidor de futebol. E, desta forma, as rivalidades achavam mais um espaço onde se manifestar. Frydenberg (2011, p. 147) comenta sobre este assunto:

Los nuevos ámbitos de sociabilidad masculina como [...] las así llamadas “paradas”, fueron espacios visibles para la prensa popular, que los recreaba. [...] La parada [...] fue apropiada como el hábitat de la barra. Así, la muchachada ocupaba un espacio físico y daba significado a aquello que a su vez implicaba la construcción de una otredad (la rivalidad con otra barra o la policía).

Consideramos que outra marca desta construção de identidade, recíproca entre agrupamentos futebolísticos e bairros, pelo menos na cidade de Buenos Aires e na Grande Buenos Aires, é a inclusão a modo de pertença, até hoje, em muitos casos, do nome do próprio bairro na hora de se citar um clube de determinada região: Racing ou Independiente de *Avellaneda*, Huracán de *Parque Patricios*, San Lorenzo de *Almagro*, Arsenal de *Sarandí*, entre tantos outros casos.

Esta marcação do vínculo futebol-território surgiu na imprensa como uma forma não apenas de identificar tal time com tal ou qual bairro, mas também, atribuir a esse conjunto características únicas que, por sua vez, seriam assimiladas pelos torcedores de cada equipe como um distintivo próprio que serviria para se diferenciar dos outros. Frydenberg (2011, p. 152) diz: “[...]”

la operación apuntalaba la sensación que tenían los hinchas de que las hinchadas eran muy diferentes entre sí, sumándose a la vivencia de las rivalidades y acentuando la “experiencia” de la diferencia.”

E neste processo de formação de identidades e rivalidades no futebol, em função da questão territorial, a imprensa teve seu peso decisivo, e não apenas por consolidá-las, como também por moldá-las e torná-las parte integrante do próprio espetáculo.

Mais uma vez nos atemos aos comentários do Julio Frydenberg (2011, p. 154), já que suas palavras a respeito disto serão fundamentais no andamento do presente trabalho:

La rivalidad en el fútbol, tal como fue incorporada en el proceso de popularización desde principios del siglo XX, fue plenamente funcional al nacimiento de los imaginarios barriales.

Otros elementos influyeron en la cristalización de este estilo que asociaba rivalidad con enemistad [...]. Esta corriente se sumó al desarrollo del contexto ritual del espectáculo a través de la acción de la prensa popular, que hacía hincapié en la rivalidad entre barrios vecinos para volver más atrayente el espectáculo.

[...] Esa sensibilidad, que unía enemistad y fútbol, se cristalizó en los años veinte y fue elemento constitutivo de la identificación territorial.

A mediados de la década siguiente, Crítica tematizó esta doble rivalidad (fútbolística y territorial) más o menos sistemáticamente.

Desde sus páginas promovía el honor de haber sido el mejor de dos vecinos como una circunstancia no sólo atractiva sino estimuladora de emociones y hasta de un juego más eficaz.

Enquanto isso, no Brasil, a questão da rivalidade vinculada ao futebol também estava em pauta neste período que estamos considerando entre final dos anos vinte e começo dos trinta.

Contudo, o contexto sócio-histórico brasileiro atravessava uma etapa cujo foco era a busca de uma unidade nacional, que também se veria refletida no futebol. As desavenças entre paulistas e cariocas, pelo comando na seleção nacional, deveriam também se adequar a esta nova ordem. Franco Jr. (2007, pp. 78-79) comenta:

Com pulso firme e graças ao apoio obtido junto à população das grandes cidades, o novo arranjo político liderado por Getúlio Vargas enquadrava as oligarquias e reduzia a autonomia regional em nome da unidade nacional.

[...] Paralelamente, o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade.

[...] O processo que incorporava os torcedores ao universo do futebol brasileiro, estabelecendo um alargamento de sua base social, era o mesmo que incluía as camadas subalternas urbanas no jogo político nacional. E também nesse aspecto o rádio desempenhou papel decisivo.

Mário Filho, jornalista da imprensa esportiva escrita e narrador radial de futebol, foi uma das grandes figuras desse processo nos anos trinta, pois com seu trabalho de incentivo ao esporte, através de concursos entre torcedores, ou com a introdução de elementos como hinos, escudos, símbolos, etc. provocou uma massiva adesão do público a diferentes times de futebol, especialmente ao Clube de Regatas Flamengo.

Porém, mesmo com o crescente apoio dos torcedores aos diferentes clubes, todos eles se concentravam sob um elemento aglutinador maior: a seleção nacional, como conta Franco Jr. (2007, p. 80):

O mesmo rádio que agrupava os ouvintes num corpo único de torcedores de determinado time ou no corpo maior da seleção brasileira também procurava criar o corpo cívico da nação em comunhão com seu líder máximo. Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras com as cores dos clubes eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas era içada a bandeira nacional.

Após apresentarmos os contextos social e histórico em que surgem as primeiras narrações de futebol, com o advento do rádio, na Argentina e no Brasil, vemos que o momento histórico em que elas acontecem fica dentro de um período bem próximo (finais dos anos vinte, começo dos trinta).

Como já dissemos, no momento em que são irradiados os primeiros jogos pelo rádio, em ambos os países, o diálogo sobre futebol entre a mídia e o público se dava através dos jornais, principalmente, ou entre os próprios torcedores em espaços como o estádio, os bares, a rua, o trabalho, etc.

Faziam parte daquele primeiro momento do rádio, profissionais que chegavam do jornalismo escrito e que, portanto, compartilhavam com o ouvinte-torcedor um mesmo código. Desta forma, levaram para este novo meio vários elementos do “dizer sobre o futebol” que depois foram se adequando e modificando, como a própria narração, que em seus primórdios era a leitura da sucessão de eventos e com Tuma, por caso, alcançou o encadeamento desses fatos, de forma ininterrupta e ao vivo.

Porém, notamos também que há uma série de diferenças nos contextos de cada país, que passaremos a considerar fundamentais no andamento desta pesquisa, por entender que estes fatores poderiam ter contribuído na forma de narrar futebol em cada país.

Do lado argentino, as relações identitárias envolviam times e bairros como uma unidade da qual o torcedor também fazia parte, e as rivalidades se estabeleciam primeiramente entre times vizinhos. Cada equipe possuía um conjunto próprio de características que lhe permitia reconhecer-se e diferenciar-se do outro. Desta forma, nestas rivalidades ficava uma alteridade claramente definida.

No Brasil, embora as rivalidades também existissem no momento histórico apontado, principalmente entre cariocas e paulistas (isto inclui confederações, cartolas, comando e maior peso na seleção, etc.), o processo de unidade nacional proposto pelo governo Vargas, fez com que essas rivalidades fossem minguando em detrimento de um corpo maior, como era a seleção brasileira. Com isto, verificamos um tipo de torcedor cuja identificação com a seleção, elemento comum a todos, fica em primeiro lugar, gerando, uma rivalidade, e portanto, uma alteridade, com traços diferentes daqueles apontados na Argentina.

1.7.1 Além das quatro linhas

Entretanto, entendemos que se faz necessário para uma melhor compreensão do acima colocado, apontarmos de forma paralela entre ambos os países, outro conjunto de fatores e o estado deles no momento histórico que estamos avaliando, isto é, do início do século 20 até os anos 30. Para tanto nos apoiaremos na obra *Brasil e Argentina. Um ensaio de história comparada (1850-2002)* (2004), dos autores Boris Fausto e Fernando J. Devoto, sobretudo nas análises feitas no Capítulo 2: *Da virada do século à crise dos anos 1930 (1900-1937)*.

Começaremos colocando atenção na influência das elites sobre as decisões e mandos políticos, principalmente no Brasil, onde a presença delas parecia ser mais sentida, conforme o comentário de Fausto e Devoto (2004, (p.149):

No Brasil, as relações entre a União e os estados [...] foram menos hierárquicas do que na Argentina. Do ponto de vista político, as elites políticas instituíram no Brasil um pacto oligárquico, ficando o controle da União, via de regra, na dependência de um acordo entre os estados de maior peso.

Outro fator de crucial influência em determinados aspectos sociais, e notadamente na Argentina, foi o relacionado com a imigração: tipos e origem dos imigrantes, sua inclusão social, seu peso nos processos de urbanização e o aporte às questões educativas e culturais. Sobre o assunto, os autores comentam:

[...] em ambos os países, o fenômeno da imigração em massa contribui para acentuar as desigualdades regionais. [...] Dentre os fatores que contribuíram para a preferência pela Argentina [...] devemos destacar [...] as informações que circulavam nos centros de emigração assinalavam as melhores condições salariais e mesmo de oportunidade no caso argentino. [...] a qualidade do clima [...] o

temor das doenças contagiosas e a presença de negros... (Fausto e Devoto, 2004, pp. 174-175)

Também são apresentados por Fausto e Devoto, (2004, pp. 176-177) alguns números que reforçam estas diferenças na chegada e no estabelecimento de imigrante em cada uma das nações:

[...] entre 1881 e 1930, a imigração líquida para a Argentina somou cerca de 3,8 milhões de pessoas, enquanto não foi além de 1,8 milhão no caso brasileiro. [...] Segundo o censo de 1914, os imigrantes representavam quase 30% da população total da Argentina. Um em cada três deles vivia em Buenos Aires e a capital...

Ainda com a questão migratória, outro aspecto levantado pelos autores é a posição adotada pelas elites de cada país frente a este fenômeno. Na Argentina os imigrantes eram colocados como marginais e criminosos, a partir de supostas teorias científicas que serviriam para apontar como assassinos a vários grupos deles. No Brasil, a categorização racial foi motivo de crítica, tornando-se a mesma extensível à chegada de estrangeiros. Fausto e Devoto (2004, p. 179) comentam:

[...] diante do aumento da criminalidade na Argentina, não faltaram 'argumentos científicos' contra a imigração, apoiados em autores italianos [...] para quem 'os latinos tinham tendência à prática do homicídio e do infanticídio'. [...] No Brasil, houve vozes [...] que se levantaram contra as teorias de inferioridade racial de negros e índios, criticando a opção migratória, que não só deixaria ao abandono essas raças como continha o rico de desnacionalização do país.

Por último, sobre as formas de integração e subordinação da massa imigrante ao país receptor, Fausto e Devoto (2004, p. 181) aludem à maior importância dado a este fator em solo argentino:

No caso argentino, o esforço nesse sentido foi mais amplo e orientado verticalmente, a partir do Estado. Isso se deve não só à maior importância quantitativa como ao fato de que os imigrantes que

demandaram a Argentina criaram formas de sociabilidade étnica mais significativas, que tendiam a escapar do grande projeto de construção nacional.

A integração –que não se confunde com a assimilação – ocorreu na Argentina pela via de três grandes vetores: a expansão do ensino público, o serviço militar obrigatório e a reforma política.

Abordadas já as questões das elites e dos imigrantes, entendemos que também é fundamental ater-nos à realidade político-social e seus desdobramentos, tanto na Argentina como no Brasil, no período que é de nosso interesse, pois pensamos que será um valioso aporte para a compreensão de vários aspectos vinculados com nossa investigação sobre as vozes que surgem no relato de futebol, e o que elas dizem. Continuando com o trabalho de Fausto e Devoto (2004, pp. 200-201):

Como explicar o maior grau de participação política, a existência de uma opinião pública com maior capacidade de pressão, assim como a formação de um sistema político-partidário na Argentina, em contraste com o Brasil? Um conjunto de fatores explica essas características, cabendo destacar dentre eles, a urbanização e a amplitude do processo educativo. [...] assinalemos a acelerada urbanização da Argentina [...] dando origem à formação de uma classe média urbana de proporções consideráveis. [...] O Brasil demonstrava ser um país bem menos urbanizado do que a Argentina, característica que se manteria ao longo do período 1890-1937. [...] O exemplo mais espetacular de crescimento urbano foi o da cidade de São Paulo.

E sobre a preponderância dada às questões educativas em cada país, os historiadores Fausto e Devoto (2004, p. 201) apontam sensíveis diferenças de abordagem e políticas:

O Brasil definia-se [...] como um país maciçamente rural, com uma população dispersa, constituída por ex-escravos, descendentes de escravos e uma massa de pobres livres que desde os tempos coloniais estavam à margem do processo de constituição da cidadania, já de si em lenta formação.

O baixo nível educacional da população incide claramente nos limites estreitos da formação de uma opinião pública e da participação política. A disparidade gigante entre os dois países no terreno educativo tem muito a ver com a existência da escravidão no Brasil. O Estado argentino, desde meados do século XIX, empenhou-se com amplos resultados, em uma verdadeira cruzada educativa, visando aos objetivos assinalados [...] e à construção de uma identidade nacional. [...] É possível sugerir ainda que o nível de educação dos contingentes imigrantes para a Argentina era mais elevado, tendo em vista o fato de que a imigração foi essencialmente espontânea.

1.8. Fim do primeiro tempo

A partir dos dados e das informações que apresentamos anteriormente, neste percurso histórico, que envolve as realidades sócio-políticas nas principais cidades da Argentina e do Brasil nos primeiros trinta anos do século 20, entendemos que dali poderiam se depreender ou reconhecer várias das características discursivas dos enunciados das narrações que fazem parte da análise do presente trabalho.

Também achamos pertinente assinalar especificamente alguns desses fatores apresentados acima como os de maior relevância e peso para as conclusões que mostraremos no final desta pesquisa:

Em primeiro lugar, é preciso apontar para a participação das elites em cada país: no Brasil integravam “um seletto clube” que parecia não interagir ou fazer parte do cotidiano social, embora seu peso político e o poder nas determinações sobre os rumos do país fossem determinantes. Na Argentina, a distância entre as elites e as demais camadas sociais parecia não ser tão acentuada, o que tornava mais factível uma interação entre elas e, como consequência, isso faria com que a desigualdade social não fosse tão notória e concreta. Desta forma, o avanço do país não estava exclusivamente atrelado às determinações propostas pelas elites.

Outro aspecto que é necessário salientar é o vinculado com a educação e o nível de instrução dos habitantes das principais cidades de cada país: enquanto na Argentina a questão da alfabetização e escolarização foi um dos objetivos privilegiados na busca de disciplinar e nacionalizar os imigrantes, no

Brasil ainda havia uma imensa massa de analfabetos, principalmente nas camadas menos favorecidas. Com isto, não apenas o acesso à informação e ao conhecimento eram notadamente desiguais entre os habitantes destes países, como também o nível de participação e da diversidade de organização social e política deles.

E finalmente, alguns dos tipos de conflitos internos em cada país: na Argentina, ao mesmo tempo em que o imigrante passou a se integrar à vida social, com ampla participação em diferentes esferas, sobretudo sindicais, e com cuja ação o Estado não só não compactuava, como também reprimia, fica fortalecida a imagem do “criollo”, como o contraponto local ao imigrante, precisamente.

Para contextualizarmos melhor esta questão que envolvia a situação do imigrante, no começo do século 20 na cidade de Buenos Aires, apoiar-nos-emos no que Di Tullio descreve em *Políticas Lingüísticas e inmigración. El caso argentino* (2003) sobre as expectativas que norteavam o projeto migratório pensado para a Argentina e o resultado, não esperado, do mesmo:

Si bien el programa inmigratorio gozó de consenso general, su periódico balance comenzó a arrojar resultados negativos a comienzos del siglo XX; los resquemores se justificaban tanto por la formación del Estado nacional como por la incidencia de los inmigrantes en este nuevo marco:

1. la presencia masiva de una inmigración cuya conformación étnica no respondía al proyecto original: no llegó el contingente que se esperaba – gente proveniente del norte de Europa como ingleses, alemanes, holandeses – sino, mayoritariamente, europeos del sur y grupos de orígenes no previstos (judíos, orientales – procedentes, sobretudo, del Imperio Otomano –, eslavos);
2. cambios sociales perturbadores para las clases dirigentes: el crecimiento urbano desmesurado, la escasa respuesta de los inmigrantes a la ley de ciudadanía de 1869 y la consiguiente exigua participación en la vida política – a través de los mecanismos institucionales previstos, el exclusivo interés en los objetivos económicos, que permitía una movilidad social vertiginosa, la formación de un movimiento obrero cada vez más activo;
3. un nuevo escenario internacional en el que el afán expansionista de las potencias coloniales justificaba la ocupación de territorios como

colonias de sus respectivos países para favorecer intereses comerciales o políticos. (p.83)

Perante esta realidade social, em que o imigrante não “respondia” na medida do esperado, começou a circular sobre ele, desde a elite mais conservadora e oligárquica do país, um conjunto de atributos e valores que, pelo mesmo mecanismo, só que de maneira antitética, estabelecia o perfil do “*criollo*”, como mero ideal que se antepunha diametralmente ao imigrante.

Novamente optamos pelos aportes de Di Tullio (2003, p. 84), quem por meio de sua caracterização do imigrante nos permite ver por oposição, como já dizemos, a construção imagética do “*criollo*”:

La confirmación étnico-cultural de valores de la Argentina preinmigratoria se privilegió como la respuesta más idónea para conjurar el peligro. El inmigrante ha pasado a ocupar el lugar del bárbaro – Svampa (1984) – que, al carecer de la lengua y de las virtudes del criollo, tenía el efecto disolvente de desnacionalizar al país. La “cuestión inmigratoria”, estrechamente vinculada con la “cuestión social”, exigirá una confirmación enfática y eficaz de la “cuestión nacional”.

En el tópico del inmigrante se presentan varias facetas del discurso del prejuicio, desplegadas en una serie de motivos: el enfrentamiento entre los supuestos valores tradicionales – depositados en la élite – y el afán de lucro, el mercantilismo y el materialismo en los advenedizos; la preservación del orden social que algunos extranjeros ponían en peligro; el ascenso social logrado en el mercado de trabajo urbano y rural o a través de la especulación; la posibilidad de un recorte del poder político tradicional por la competencia de estos nuevos sectores – clases medias representadas por el radicalismo y clase obreras por el socialismo y el anarquismo -; la falta de interés y de participación en los asuntos políticos de la nación; las pautas culturales conservadoras, de raíz mayoritariamente católica, frente a una cultura laica y cosmopolita.

Entendemos que é de crucial importância para este trabalho apresentarmos as características com as que eram construídos os perfis do “*criollo*” e do imigrante naquela época, e que tinha no bairro um dos principais espaços de contato.

A mídia também entrava neste confronto, mostrando e incentivando-o, e em muitas ocasiões, como já citamos no caso de El Gráfico, assumindo o destaque para um dos lados, neste caso o “criollo” no futebol, como demonstração de reafirmação e valia do nacional.

Do lado brasileiro, a crise ficou estabelecida a partir da queda do poder oligárquico, somada à ascensão das camadas populares, que deram lugar à chegada de uma nova era ao país. Com a procura de uma unidade nacional, um “Estado Novo”, que pudesse aglutinar de alguma maneira as diferentes e afastadas classes sociais, o Governo Vargas concentrou em vários âmbitos o foco por essa busca de união. E o futebol foi, precisamente, um deles.

Achamos nas palavras de Hilário Franco Jr. (pp. 78-79), alguns componentes que sustentam o que acabamos de colocar (o destaque é nosso):

[...] o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e **a seleção como ingrediente fundamental da nacionalidade.**

[...] O processo que incorporava os torcedores ao universo do futebol brasileiro, estabelecendo um alargamento de sua base social, era o mesmo que incluía as camadas subalternas urbanas no jogo político nacional. E também nesse aspecto o rádio desempenhou papel decisivo.

2. CAPÍTULO II

2.1 A formação do conjunto e as estratégias

O *corpus* de análise do presente trabalho (em Apêndice) é composto pela transcrição de áudios de narrações de futebol extraídos de meios de comunicação argentinos e brasileiros, e para sermos mais específicos: dos áudios em que são narrados, em rádio e televisão, os gols que aconteceram em 40 jogos disputados por times desses mesmos países, entre si, em fases eliminatórias (etapa conhecida como mata-matas) da Taça Libertadores da América, entre os anos 1999 e 2009.

É a partir deste *corpus* que fizemos a seleção dos casos analisados, nos quais reconhecemos os enunciados atribuíveis ao I-T/H, como descreveremos posteriormente.

A escolha que fizemos pela Taça Libertadores, e não outra que promove encontros entre times argentinos e brasileiros, como poderia ser a Copa Sulamericana, por exemplo, tem dois motivos essenciais: por um lado, é notadamente reconhecida pelos aficionados, jornalistas e até pelos próprios jogadores de futebol, como a competição mais importante entre times no âmbito continental. E também, por causa desta importância, seria mais fácil ter acesso ao material de análise.

Determinamos optar por jogos de fase eliminatória por considerarmos que devido ao grau de dramaticidade e tensão que costuma envolver as partidas nestas instâncias, o conteúdo de suas narrações poderia apresentar um resultado mais interessante para nossa pesquisa do que as dos jogos da chamada “fase de grupos”, em que os quatro times integrantes da mesma chave se enfrentam tentando alcançar os dois primeiros lugares, que serão os que classificam para a próxima etapa. Isto é: na fase eliminatória, um dos dois times será excluído da competição; na fase de grupos, não necessariamente.

Esses 40 jogos foram disputados durante a década que vai do ano de 1999 até o ano 2009. Escolhemos esta década por acreditarmos ser um período de tempo adequado à quantidade de jogos que determinamos analisar,

e também, pela possibilidade mais concreta de podermos achar os arquivos de áudio do nosso interesse.

Além disto, acreditamos que ao trabalharmos com material mais atual podemos acompanhar mais de perto e com maior eficácia as nuances polifônicas que interessam nesta pesquisa, assumindo nosso olhar acostumado com o lugar do torcedor.

O material que possuímos foi colhido de duas fontes: de sites de internet confiáveis, em que são colocados vídeos e áudios à disposição dos usuários, como YouTube, e também, de portais de alguns meios de comunicação dos quais é possível baixar o conteúdo. A outra fonte foram os arquivos de vídeos dos canais de televisão SporTV (Brasil) e FoxSports-TyC (Argentina). Ambas emissoras foram visitadas nas respectivas sedes (Rio de Janeiro e Buenos Aires) e dentro das próprias instalações, com prévia autorização, foram feitos os trabalhos de transcrição dos gols de muitos dos jogos que integram nosso *corpus*.

A escolha desses canais se deve a uma razão muito simples: eles são os detentores dos direitos de transmissão dos jogos da Taça Libertadores, em cada um dos países, ou, como no caso do canal argentino, detém o acervo do canal PSN, que possuía os direitos de transmissão dos jogos no período que corresponde aos primeiros anos de nosso recorte.

Ao longo dessas 40 partidas selecionadas foi assinalado um total de 115 gols em jogadas, mais um número de gols marcados em chutes de pênaltis, em situações em que foi preciso definir o vencedor de algum jogo. E embora nosso ideal fosse poder ter ocorrências de todos esses gols, obtidos de meios radiais e televisivos argentinos e brasileiros; contamos com pelo menos uma amostra de cada gol, e em outros casos temos o mesmo gol narrado nos dois países e por diferentes meios.

Para uma melhor visualização dos dados que acabamos de mencionar, apresentamos duas tabelas a seguir:

Tabela 1 - Conjunto de jogos e o código com o qual foi identificado, data, times e resultado, fonte de onde foi extraído e país de origem.

Cod.	Data	Times/Resultado	Meio / País
L1	19/5/99	River Plate 1 - 0 Palmeiras	TV (Argentina)
L2	26/5/99	Palmeiras 3 - 0 River Plate	TV (Brasil) TV (Argentina)
L3	3/5/00	Rosario Central 3 – 2 Corinthians	TV (Argentina)
L4	9/5/00	Corinthians 3 – 2 Rosario Central	TV (Brasil)
L5	14/6/00	Boca 2 – 2 Palmeiras	TV (Argentina)
L6	21/6/00	Palmeiras 0 – 0 Boca (Def pênaltis)	TV (Argentina) [Pênaltis]
L7	23/5/01	Vasco 0 – 1 Boca	TV (Argentina)
L8	30/5/01	Boca 3 – 0 Vasco	TV (Argentina)
L9	7/6/01	Boca 2 – 2 Palmeiras	TV (Argentina)
L10	13/6/01	Palmeiras 2 – 2 Boca	TV (Argentina) TV (Argentina)
L11	24/4/02	River Plate 1 – 2 Grêmio	TV (Argentina)
L12	2/5/02	Grêmio 4 – 0 River Plate	TV (Argentina)
L13	24/4/03	Boca 0 – 1 Paysandú	TV (Brasil) TV (Argentina)
L14	1/5/03	River Plate 2 – 1 Corinthians	TV (Brasil) TV (Argentina)
L15	14/5/03	Corinthians 1 – 2 River Plate	TV (Argentina)
L16	15/5/03	Paysandú 2 – 4 Boca	TV (Argentina)
L17	25/6/03	Boca 2 – 0 Santos	TV (Argentina) TV (Argentina)
L18	2/7/03	Santos 1 – 3 Boca	TV (Argentina) TV (Argentina) TV (Argentina) [1er. gol Boca]
L19	6/5/04	Rosario Central 1 – 0 São Paulo	TV (Argentina) TV (Brasil)
L20	12/5/04	São Paulo 2–1 Rosario Central (def. pênaltis)	TV (Brasil) + pênaltis TV (Brasil)
L21	20/5/04	São Caetano 0 – 0 Boca	
L22	25/5/04	Boca 1 – 1 São Caetano (def. Pênaltis)	TV (Argentina) + Pênaltis TV (Argentina)
L23	22/6/05	São Paulo 2 – 0 River Plate	TV (Brasil) Radio (Brasil) TV (Brasil)
L24	29/6/05	River Plate 2 – 3 São Paulo	TV (Brasil) Radio (Brasil) Radio (Argentina) River TV (Argentina)

Cod.	Data	Times/Resultado	Meio / País
L25	25/4/06	Estudiantes 2 – 0 Goiás	TV (Brasil) TV (Argentina)
L26	26/4/06	River Plate 3 – 2 Corinthians	TV (Brasil) Radio (Argentina) Sólo de River
L27	4/5/06	Goiás 3 – 1 Estudiantes	TV (Brasil) TV (Argentina)
L28	4/5/06	Corinthians 1 – 3 River Plate	TV (Argentina) Sólo River
L29	10/5/06	Estudiantes 1 – 0 São Paulo	TV (Argentina)
L30	19/5/06	São Paulo 1 – 0 Estudiantes (Def. Pênaltis)	TV (Brasil) TV (Argentina)
L31	13/6/07	Boca 3 – 0 Grêmio	TV (Argentina) TV (Brasil) TV (Brasil)
L32	20/6/07	Grêmio 0 – 2 Boca	TV (Argentina) TV (Brasil) B1 TV (Brasil) B2 Radio (Brasil) Radio (Argentina)
L33	30/4/08	Boca 2 – 1 Cruzeiro	TV (Argentina) TV (Argentina) Gol Riquelme TV (Argentina) Dátolo TV (Brasil)
L34	7/5/08	Cruzeiro 1 – 2 Boca	TV (Brasil) Radio (Argentina) TV (Argentina) TV (Argentina) Palermo TV (Argentina) Palacio Radio (Brasil) Gol Vagner
L35	28/5/08	Boca 2 – 2 Fluminense	TV (Brasil) TV (Argentina) TV (Brasil) Radio (Brasil)
L36	04/6/08	Fluminense 3 – 1 Boca	Radio (Brasil) Radio (Brasil) TV (Argentina) TV (Brasil)
L37	19/02/09	Cruzeiro 3 x 0 Estudiantes	TV (Brasil) Radio (Brasil) Radio (Brasil)
L38	08/04/09	Estudiantes 4 x 0 Cruzeiro	TV (Argentina) TV (Brasil)

Cod.	Data	Times/Resultado	Meio / País
L39	08/07/09	Estudiantes 0 x 0 Cruzeiro	
L40	15/07/09	Cruzeiro 1 x 2 Estudiantes	TV (Argentina) TV (Brasil) Radio (Brasil)

Tabela 2 - Descrição onde consta, por jogo, a quantidade de transcrições feitas, e como elas estão distribuídas segundo país de origem e meio.

Jogo	N de gols transcritos	País de origem da transmissão		Meio	
		Argentina	Brasil	Radio	Televisão
1	1	1			1
2	6	3	3		6
3	5	5			5
4	5 (+ pênaltis)		5 (+P)		5
5	4	4			4
6	pênaltis	x			x
7	1	1			1
8	3	3			3
9	4	4			4
10	1 (+pênaltis)	1 + P			1+P
11	3	3			3
12	4	4			4
13	2	1	1		2
14	3	3			3
15	3	3			3
16	6	6			6
17	2	2			2
18	4	4			4
19	2	1	1		2
20	8		8		8 (2 fontes)
21	s/gols				
22	4 (+ Pênaltis)	4+P			2+P (Fonte1) 2 (Fonte2)
23	4		4		4 (2 fontes)
24	15	5	10	5	10

Jogo	N de gols transcritos	Argentina	Brasil	Radio	Televisão
25	4	2	2		4
26	8	3	5	3	5
27	8	4	4		8
28 ³					
29	1	1			1
30	2 (+ Pênaltis)	1+P	1		3
31	9	3	6		9 (2 fontes Br.)
32	8	2	2	2	2
33	7	5	2		7 (2 fontes Ar)
34	9	6	3	3	6
35	16	4	12	4	12 (2 fontes Br.)
36	19	4	15	7 (2 fontes Br.)	12 (2 fontes Br.)
37	6		6	4 (2 fontes)	2
38	8	4	4		8
39	s/gols				
40	6	3	3		6
Total	201	104	97	28	173
	(+Pênaltis)				

Como comentamos anteriormente, as fontes das quais extraímos os áudios foram sites de internet e canais de televisão, porém, tivemos de trabalhar de diferentes maneiras para fazer a separação do conteúdo dos áudios obtidos.

No caso do material achado em internet, se o documento for tanto de áudio como de vídeo, utilizamos o programa RealPlayer SP para fazer uma cópia do mesmo em nossos arquivos. Porém, para os vídeos especificamente, utilizamos outro recurso do mesmo programa para extrair apenas o conteúdo do áudio. Ou seja: o programa consegue separar imagens e sons, e nós fizemos essas separações deixando apenas a parte sonora, que é a que nos interessa.

³ Temos três gols deste jogo narrados em espanhol (foram quatro, no total), porém, a qualidade do som é muito baixa e para não cometermos erros de transcrição optamos por não incluí-los.

Entretanto, nem sempre o material copiado ou separado possuía apenas a narração do gol: na maioria dos casos apareciam momentos prévios e posteriores da narração que devíamos desconsiderar ou apagar.

Para fazer essa “limpeza”, isto é, para deixar apenas o trecho de áudio que determinamos como objeto de análise, e que será enquadrado no que mais adiante descreveremos como “subgênero narração de gol”, usamos dois programas que permitem a edição de arquivos de áudio: o Absolute MP3 Splitter e o Mega MP3 Splitter, ambos de uso livre, achados em internet e de idêntica função.

Por meio de qualquer um dos dois programas abrimos o documento que será editado. Executamos este documento também pelo mesmo programa (ele é ouvido) e quando atingimos o ponto em que queremos delimitar o início do recorte, fazemos uma marcação, que chamaremos de M1. Feita a marca, continuamos ouvindo o conteúdo até chegarmos ao ponto em que desejamos marcar o fim do recorte, onde fazemos outra marcação: M2. Por último, damos a instrução ao programa de criar um novo documento de áudio apenas com o conteúdo que há entre M1 e M2.

Isto, aplicado a nossos documentos, equivale a dizer que M1 é feito ao se ouvir a interjeição “Gol!” (ou equivalente) e M2 representa o momento em que foi interrompida ou foi concluída a fala do narrador.

O passo posterior foi transcrever num documento de Word o conteúdo de cada um dos recortes que foram feitos.

O trabalho de transcrição feito nas instalações dos canais de televisão, tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires foi muito parecido: diariamente se estipulava um horário de encontro junto ao responsável de arquivo: Chafi Haddad no Brasil e Agustín Salvemini na Argentina. Nesse momento entregávamos uma lista com os jogos cujos gols queríamos transcrever. A seguir, o responsável nos fazia a entrega do material disponível em arquivo (fitas de vídeo com as gravações dos jogos completos). Finalmente, assistíamos aos vídeos dentro das redações dos canais, utilizando meios de reprodução também fornecidos pelas emissoras, e no momento em que achávamos cada um dos gols, começávamos o mesmo processo de transcrição descrito acima.

Cabe esclarecer aqui que do material fornecido pelos canais não pôde ser feita nenhuma cópia, a pedido das autoridades das emissoras.

Portanto, considerando tudo aquilo que já foi apresentado no presente trabalho, expomos a seguir a seleção dos enunciados submetidos a análise.

Estes enunciados foram extraídos de um total de 75 transcrições: 34 delas das gravações argentinas (com 42 casos) e as 41 restantes, brasileiras (com 58 casos).

A seguir, apresentamos as transcrições em que aparecem diferentes indícios, já explicados, atribuíveis à voz que estamos colocando em foco: a voz do *locutor-Torcedor/Hincha* (em negrito).

Ocorrências da Argentina:

L03E - RC1	error del arquero.
L05E-B1	Dos cabezazos: gol.
L10E-Pênaltis	¡Qué mal le pegó a esa pelota! Se va por arriba del travesaño.
L11E - G2	Gremio mete un batacazo en el Monumental.
L13E-P	¡Uy, uy, uy, uy, uy! Se vino la noche.
L14E-RP2	Cuántas dudas que tengo de la posición de Fuertes.
L16E - BJ1	Gran jugada de Carlitos.
L16E - BJ2	Bien Tévez, enorme. Bien Guillermo. Bien Chelo.
L17E - BJ1	¡Gol...! ¡No sé si la tocó pero, gol...! ¡Gol...! De Boca. Para mí, Delgado. Para mí no llegó a tocarla Battaglia. Para mí, Delgado.
L22E-SC	(Uy, qué golazo que va a hacer Gilberto)
L22E-BJ	La primera que toca el Tony es gol... La primera que toca el Tony.
L22E-Pênaltis	Le rompió el arco, ¿eh?...
L24E - SP2	Libre estaba Amoroso.
L25E - EST1	Así es Estudiantes, con el corazón en la garganta.
L26E – RP2-R	este River que a veces pega más de lo que... se pensaba...

L26E – RP3-R	...guapeada del Tecla Farías.
L27E - GO1	...y habrá que aguantar un montón ahora, señor comentarista.
L27E - GO2	¿Cómo es posible que lo dejen venir?
L30E - Pênaltis	Bueno, este se adelantó en serio. [Interrump] Hasta el medio del área chica.
L32E – BJ1-R	Desde dónde y dónde la puso.
L32E – BJ2-R	Bajen las cortinas... Apaguen las luces... Cierren las ventanas...
L33E – BJ2	Por fin Boca llega al segundo.
L34E – BJ1	Para él de lejos parece ser más fácil.
L34E – BJ2	Le gana a Cruzeiro dos a cero en el Mineirao, nada menos.
L34E – BJ1-R	Qué importa Brasil. Qué importa lo que es el Mineirão. ¿Cómo es posible, Rodrigo? Mano a mano imposible de convertir, pero tremendo gol al ángulo. En fin, todo vale.
L34E – BJ2-R	Genial Palermo, ¡eh!
L34E – CRU-R	Salió mal el arquero. ¡Cómo le cuesta salir a Caranta! Y cuando sale, tiene dudas.
L35E – FLU1	¿Le pega bien o no Thiago Neves?
L35E – FLU2	Para usted, seguro no será importante, pero el arquero se lo comió todo...
L36E-BJ	Pero hay que hacerle un monumento a Dátolo.
L36E - FLU3	Se ha terminado esto. Boca queda afuera de la Copa Libertadores de América.
L38E – EST2	Lo hizo Gastón Fernández, que hoy, está iluminado.
L38E – EST3	Sigue dulce en ese arco.
L40E – CRU	Lo sorprendió el pique a Andújar.

Ocorrências do Brasil

02P – P1	Olha o lançamento do Zinho
L02P-P3	Que toque bonito,

L04P - RC1	Falhou a zaga corintiana.
L04P - SCCP2	Um grande jogo de bola.
L04P - Pênaltis	Ao estilo corintiano: o sofrimento e a classificação...
L19P - RC	Um belo gol.
L20P-Pênaltis	Capricha!
	Gaona, nem de longe de bater pênalti...
L20P-RC	...não deu pro Rogério Ceni
L20P-SP1	E agora funciona legal esse negócio de ficar no campo...
L20P-SP2	Fez lambança o goleirão...
L20P2 – SP2	Numa jogada de raça do Luis Fabiano, e de mais raça ainda do Grafite, na bobeira do Gaona.
L20P2 - Pênaltis	Que bomba!
	mas ele nem viu, heim?
	Como ele bateu bem esse pênalti,
	...quase que ele perdeu,
	Bateu bem,
	Quase, quase o Rogério Ceni pegou. Que pena.
L23P – SP2	Nunca tinha visto isso: ele é artilheiro do São Paulo na Libertadores.
L24P – RP 2	O Marcelo Salas é um excelente finalizador.
L27P - EST	...e o Goiás agora vai ter que partir com tudo.
L27P – GO1	Ele acreditou no lance até o fim.
L27P – GO2	E temos apenas 20 minutos no segundo tempo. O Goiás tem pelo menos mais 25 para tentar o terceiro, para se classificar sem pênaltis.
L27P – GO3	Bonito, de primeira no canto.
	Será que o juiz vai dar mais?
L32P – BJ1	Olha o chute que acertou o Riquelme!
L32P – BJ1-R	Lindo! Lindo gol!
L33P – BJ2	Tava impedido Dátolo não aí, Alex?
L34P – BJ1	Num belíssimo gol do Palacio.
L34P – CRU	e que golaço do Wagner!

L35P – FLU2	Migliore aceitou.
L35P2 – BJ2	E aí não dá para o Fernando Henrique.
L35P2 – FLU2	‘Migliore’ aceitou.
L36P-FLU2	Num lance de muita sorte de Darío Conca.
L36P-BJ-R	E que banho de bola o Gabriel levou lá (na ponta canhota).
	O Gabriel tomou um show de bola.
L36P-FLU2-R	Com a ajuda da sorte.
L36P2 - BJ1	Olha a bola onde vai para o Palermo.
L36P-FLU3-R	no presente da zaga do Boca.
	e fecha o caixão.
L36P-FLU1-R2	Golaço do Washington.
	Que cobrança bacana.
	Decisivo, sempre na hora difícil ele aparece.
	Esse golzinho pode colocar o Fluzão na final da Copa Libertadores da América.
L36P-FLU2-R2	O Conca bateu mal, bateu fraco.
	Assim vai para a final o time do Fluminense.
L36P-FLU3-R2	Erro do Boca.
L37P-CRU2	Que enfiada de bola do Wellington Paulista.
L37P-CRU2-R	Quem é bom é bom, meu amigo.
L37P-CRU2-R2	que bola, entre ele e o Wellington Paulista.
L38P – EST3	E aí fica impossível para o Fábio.
L40P – CRU	Gol do Cruzeiro, como o do Elivelton, só que não tanto no final do jogo.
	Uma bola desviada, exatamente como em 97.
	Agora é preciso cabeça. Agora é preciso calma.
	Normalmente, eles se desesperam. Agora a torcida precisa gritar.
L40P – EST1	É Libertadores, é time argentino.
	Veja só como é uma decisão, e quando ela tem cara de ser dramática, Falcão, não tem jeito.
L40P – EST2	Fica difícil a parada para o Cruzeiro.

2.2 A dono do grito de gol

Muitas vezes é nos meios de comunicação de massa, após inúmeros debates e análises sobre jogadas, rendimentos coletivos e individuais e críticas ou elogios sobre desempenhos, onde vão ganhando corpo e forma as características sobre tal ou qual time ou jogador.

Nos dois países, não apenas os jornalistas ou especialistas no esporte em seus programas, como também o próprio torcedor que se manifesta em foros de debate de internet, mesas de bar, escolas e trabalho, vão fazendo seu aporte na construção coletiva das representações tanto sobre times, técnicos e jogadores, como sobre o próprio futebol.

Entretanto, dentro do conjunto de profissionais que atuam no âmbito do futebol, existe um que nos interessa de maneira muito peculiar: o narrador profissional de futebol.

O interesse pelo narrador esportivo deriva do foco que pretendemos dar nesta pesquisa aos planos da enunciação e do discurso, e sobretudo, à polifonia na enunciação. Daí, que queiramos prestar particular atenção ao narrador, pois ele é o responsável por transformar em materialidade linguística todas as jogadas, situações e acontecimentos que vão se apresentando num jogo.

Pretendemos analisar algumas características comuns e diferentes que apresentam as narrações argentinas e brasileiras, levando em conta o tipo de informação selecionada e fornecida pelo profissional, seja de índole meramente futebolística (da prática do jogo em si), como os nomes dos jogadores e times envolvidos, tempo jogado, resultado parcial, etc. nas descrições das jogadas. Ou bem, extraesportivas (de apreciação sobre o jogo), como a manifestação de uma opinião sobre o que um jogador X deveria ter feito numa jogada Y; ou ainda a valoração e avaliação sobre as consequências de uma jogada, de uma atitude, de um resultado, etc..

Outro fato a ser considerado é que o trabalho deste profissional tem uma característica que assinalamos como fundamental para a presente pesquisa: “o imediatismo temporal” com o qual vai sendo construído seu relato: o narrador de futebol não apenas transforma em materialidade linguística a sucessão de eventos de uma partida, como também o faz de forma quase concomitante à

realização desses eventos impensados ou imprevisíveis. Dante Panzeri comenta sobre este encadeamento de eventos imprevisíveis tão característicos do jogo, em *Fútbol, Dinámica de lo Impensado* (1967, p.12):

El hombre que juega al fútbol [...] produce impensadamente todo lo que un partido de fútbol registrará entre 22 jugadores, una pelota y, además, una infinidad de circunstancias que escapan a la voluntad de aquellos hombres.

Sendo assim, não há muito espaço para que o narrador possa fazer uma seleção muito minuciosa das palavras e expressões que irá utilizar, e pensamos que no resultado linguístico deste “imediatismo temporal” podemos achar elementos discursivos que talvez não apareçam com a mesma intensidade ou nitidez nos comentários ou apreciações feitos posteriormente, pois eles já terão passado por uma espécie de “filtro analítico”. A respeito disto, Suffryn (2010, p. 35) transcreve um comentário feito pelo famoso narrador argentino José María Muñoz: “Los relatores, a diferencia de los periodistas gráficos, no podemos borrar ni tachar. El relato de un partido es un examen en vivo, un incendio o un milagro”.

Precisamente, a partir do que assinalamos anteriormente sobre as características de produção do narrador esportivo é que focamos nossa atenção numa instância bem específica dentro do relato futebolístico: o momento em que se concretiza um gol.

A escolha por este momento específico está apoiada em vários aspectos: por um lado, por considerarmos que um gol acontece de forma mais ou menos imprevisível, quando se trata do resultado de uma jogada. Acreditamos que é maior a possibilidade de virem à tona os elementos discursivos que nos interessam pesquisar neste trabalho, considerando também, que o próprio relato, como uma possível recapitulação da jogada do gol, estejam impregnados por esse “imediatismo temporal” que mencionamos anteriormente.

É precisamente devido a esse grau de imprevisibilidade que acabamos de explicar, que optamos por não analisar aqueles gols oriundos da marcação de pênaltis (por faltas cometidas dentro da grande área), por ficar praticamente

anulada a imprevisibilidade de um gol (espera-se num pênalti que o gol seja anotado). Porém, consideramos, sim, os gols assinalados a partir de chutes da marca do pênalti, como forma de desempate, nos jogos em que foi preciso determinar um time classificado para uma fase seguinte ou para se sagrar campeão. E, embora a expectativa de concretização do gol possa ser a mesma que num chute de pênalti vindo de uma falta, há uma carga diferente de “tensão” ou “dramaticidade”, pois além de ser uma instância em que um dos times será eliminado, há uma alternância de chutes entre os jogadores dos dois times. Portanto, pensamos que mesmo sendo chutes de um mesmo local (o ponto do pênalti) as instâncias e consequências que deles derivarão são bem diferentes, e daí, tornam-se mais interessantes para nossa pesquisa.

Por outro lado, sabendo que os jogos de futebol são transmitidos por mais de um meio de comunicação (rádio, TV, internet) nossa possibilidade de acharmos várias narrações do mesmo gol, e portanto mais material linguístico, aumenta em grande forma. Precisamente esta característica nos levou a pensar em montar nossa seleção de gols em base a jogos disputados por times argentinos e brasileiros entre si: agora não apenas poderíamos contar com o mesmo gol narrado em vários meios, como também com o mesmo gol narrado em dois países diferentes com produções linguísticas diferentes.

Neste ponto é imprescindível salientar que nossa decisão por jogos entre times e não entre seleções é baseada numa possível “maior isenção patriótica” por parte dos narradores.

No meio futebolístico, o Brasil e a Argentina são reconhecidos como potências no esporte dentro do continente, devido à quantidade de conquistas obtidas nos diversos torneios e competições dos quais participaram, e também pelo contínuo número de destacados jogadores que surgem desses dois países. Isto, em muitos casos, é motivo para manifestar comparações e disputas nos momentos em que os combinados das duas nações se enfrentam.

Sendo assim, os jogos entre as seleções de ambos os países são propícios para que nas narrações apareçam observações, comentários e até visões estereotipadas, por exemplo, que vão além do meramente esportivo. Contudo, não descartamos que não haja esse tipo de apreciações ou que não possam se manifestar em partidas entre equipes; mas, pensamos que ao selecionarmos jogos entre times, diminuimos essa possibilidade, e desta forma

o conteúdo dos enunciados não ficaria tão impregnado de frases feitas, lugares comuns, comentários estereotipados, etc.

2.3 A narração de gol: um subgênero

Retomando aqui o que já foi apresentado em 1.3 sobre as características e conceitos do Locutor (L) e do locutor-x, tomadas de Eduardo Guimarães, em que o primeiro é a origem dos enunciados, ou “o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer”, e o segundo é “um lugar social autorizado a falar”, consideramos que se faz necessário localizar, ou melhor dizendo, ancorar os enunciados das vozes desses locutores apresentados, num espaço de produção discursiva que chamaremos de subgênero “narração de gol”.

Assumindo então que estamos nos referindo a enunciados e (sub)gêneros, decidimos dar o “pontapé inicial” a partir de alguns conceitos que M. Bakhtin apresenta no texto “El problema de los géneros discursivos” (1989).

A primeira questão que nos levou a pensar num subgênero, como lugar onde podem ser delimitados os enunciados de cada locutor, está diretamente vinculada com o que Bakhtin (1989, p. 260) aporta tanto sobre as dimensões e fronteiras do enunciado como da alternância dos sujeitos do discurso:

Las fronteras de cada enunciado como unidad de la comunicación discursiva se determinan por el cambio de los sujetos discursivos, es decir, por la alternación de los hablantes. Todo enunciado [...] posee [...] un principio absoluto y un final absoluto; antes del comienzo están los enunciados de otros, después del final están los enunciados respuestas de otros [...] Un hablante termina su enunciado para ceder la palabra al otro o para dar lugar a su comprensión activa como respuesta.

Foi precisamente dentro desta delimitação que determinamos separar os casos de análise de nossa pesquisa: consideramos o conjunto de enunciados produzidos por L a partir do momento em que é anunciado o gol (geralmente com o grito Gol! ou alguma interjeição de valor equivalente) continuando com a cadeia de enunciados por ele produzidos até o momento em que é

determinado esse “final absoluto”, seja por uma mudança de L ou pela interrupção da fala daquele. Em suma: entendemos que o subgênero “narração de gol” é composto pelo conjunto de enunciados manifestados por L, de forma contínua, desde o anúncio do gol até ficar determinado por ele mesmo o final dessa cadeia discursiva ou por causa de uma interrupção.

Este subgênero conta também, obviamente, com fatores que são inerentes a um gênero: traços estilísticos e traços composicionais.

Reconhecemos como traços estilísticos do subgênero “narração de gol” a entonação dada em algumas partes desta, sobretudo no próprio grito de gol, que costuma ter uma duração maior e uma ênfase mais notória do que o resto das palavras que compõe a narração. A seleção fraseológica, como nas diferentes maneiras de mencionar a concreção do gol, também é outra marca reconhecível. Por sua vez, é possível estabelecer uma relação entre algumas dessas seleções com a irrupção da voz que denominamos “locutor-T/H”, como veremos posteriormente.

Os traços composicionais são aqueles elementos mais ou menos fixos que aparecem em toda narração de gol, como o autor do mesmo, o tempo de jogo, o placar parcial, o próprio grito com que se anuncia o gol, etc. Estes traços serão melhor explicados e exemplificados adiante, na página 84, onde retomaremos a questão. Para ilustrar aquilo que tínhamos apontado a respeito da mudança de L, veremos um caso em que o próprio narrador indica o final de sua fala cedendo o turno, literalmente, para o comentarista (Paulo César Vasconcellos, sublinhado):

Gol!

Do São Paulo. Danilo.

Tomou a sobra, um monte de gente na frente dele. Ele soltou a bomba.

Aos 31 minutos tira o São Paulo do sufoco no Morumbi.

Danilo.

Veja de novo: dominou, caprichou, soltou a bomba e ela foi no cantinho do goleiro Constanzo. Ainda bateu na grama para tirar o goleirão da jogada.

1 a 0.

Paulo César Vasconcellos.

A seguir, vamos nos apoiar em mais um conceito de Bakhtin (1989, p. 248), desta vez relacionado com as características dos enunciados:

El uso de la lengua se lleva a cabo en forma de enunciados. [...] Estos enunciados reflejan las condiciones específicas y el objeto de cada una de las esferas no sólo por su contenido (temático) y por su estilo verbal, o sea por la selección de los recursos léxicos, fraseológicos y gramaticales de la lengua, sino, ante todo, por su composición o estructuración. Los tres momentos mencionados el contenido temático, el estilo y la composición están vinculados indisolublemente en la totalidad del enunciado y se determinan, de un modo semejante, por la especificidad de una esfera dada de comunicación. [...] pero cada esfera del uso de la lengua elabora sus tipos relativamente estables de enunciados, a los que denominamos géneros discursivos”.

Precisamente, é nesse conjunto com características relativamente estáveis e os fragmentos característicos que os compões (gêneros primários como o anúncio de um gol, autor, time, tempo de jogo, etc.) que começamos a vislumbrar as vozes dos dois locutores que reconhecemos dentro deste subgênero, o locutor-NP e o locutor-T/H: o primeiro, com uma produção de enunciados cujo conteúdo fica mais próximo da informação concreta dos acontecimentos do jogo; e o do segundo, cujos enunciados apresentam matizes avaliativos, críticas, desabafos, aprovações, etc., como já comentamos em 1.3.

Vejamos quatro casos que nos permitirão mostrar alguns atributos composicionais típicos e as características relativamente estáveis que distinguimos dentro deste subgênero:

a)

¡Gol de Luizao! ¡Gol de Luizao! ¡Gol!

¡Gol...! del Corinthians.

Lo hizo Luizao.

Descontando y poniendo 3 a 1.

Ahora Central tiene dos goles de ventaja.

Luizao a los 23.

3 a 1 el partido en Rosario.

b)

¡Gol!

¡Gol...! De River.

Lo hizo Cavenaghi. A los 44 minutos.

Cuántas dudas que tengo de la posición de Fuertes, que cortinó... a los defensores de Corinthians.

Aumenta River, se pone 2 a 1.

44 y medio.

River 2, Corinthians 1.

Cavenaghi lo hizo.

c)

¡Gol...! É do Rosario.

Gordillo, é o nome da fera.

Aos 30 segundos, do segundo tempo. Gordillo faz Rosario Central 2, Corinthians 1.

Limpou a jogada em cima do Daniel, para fazer o segundo gol do Rosario Central.

Agora, Rosario Central tem 2, Corinthians tem 1.

Cândido Garcia.

d)

¡Gol...! Do Boca.

Num belíssimo gol do Palacio.

Aos 36 minutos, tirou o Espinoza da jogada e mandou no ângulo, fora do alcance do Fábio.

Dos casos expostos, vamos apontar novamente, como adiantamos na página 82, aqueles enunciados, tanto do Brasil quanto da Argentina, que consideramos que apresentarem componentes constantes da estrutura composicional deste subgênero que estamos propondo:

-Anúncio da concreção do tento: *Gol!! ¡Gol!*

- Autor do gol e/ou time: *Gol do/de* (mais nome do time ou do jogador),
- Minutos jogados e período no momento do gol: *Aos/a los* (mais quantidade de minutos transcorridos e/ou tempo, seja primeiro ou segundo),
- Resultado parcial da partida no momento do gol: Gordillo faz *Rosario Central 2, Corinthians 1 / River 2, Corinthians 1*,
- Descrição da jogada prévia e destino da bola: *que cortinó... a los defensores de Corinthians / ...tirou o Espinoza da jogada e mandou no ângulo, fora do alcance do Fábio*.

Há também outros elementos da estrutura composicional e enunciados que aparecem ao longo de muitos casos transcritos neste trabalho, como: a indicação do número da camisa do autor do gol (característico na narração brasileira: “Washington de falta, *camisa 9*”. L36P-FLU1-R), ou a forma como o gol foi marcado (Calderón faz *de cabeça*. L27P-EST / Nonato *de cabeza*. L27E-GO2).

Todos estes enunciados e os traços composicionais mostrados acima são atribuídos ao locutor-NP, precisamente pelo conteúdo informativo que eles possuem. São dados concretos, que fazem parte da realidade do jogo e que, a princípio, não permitiriam outra leitura ou compreensão (a não ser uma eventual correção, como dizer que não foi o jogador X, mas o Y quem fez o gol; ou que não foi aos 25 minutos do segundo tempo, porém, aos 26).

E também dentro deste marco que estamos chamando de “subgênero narração de gol” encontramos fragmentos atribuíveis ao outro locutor, o Torcedor/Hincha.

Dos casos anteriormente apresentados, podemos assinalar estes fragmentos:

- Cuántas dudas que tengo de la posición de Fuertes...*
- Num *belíssimo gol* do Palacio.

No primeiro caso, da Argentina, nota-se a irrupção da “voz do T/H” manifestando uma dúvida, a modo de desconfiança, sobre a posição que ocupava em campo o jogador Fuertes (talvez em impedimento) na hora de o gol ser assinalado.

No segundo caso, brasileiro, há uma manifestação de aprovação nessa “voz do T/H” quanto à beleza do gol marcado por Palacio.

Acreditamos que fazendo o recorte que estamos propondo poderemos dar conta de forma mais clara, ou pelo menos assim esperamos, da análise dos enunciados que são o principal foco desta pesquisa: aqueles que podem ser atribuídos ao locutor-T/H.

E ainda dentro da importância que estamos dando à necessidade de delimitar nosso subgênero, entendemos que devemos apoiar-nos também num dos traços constitutivos do enunciado: a possibilidade de ser respondido ou de se tomar uma posição de resposta com relação a um enunciado, a partir da compreensão total de seu sentido. Bakhtin (1989, p. 266) nomeia este traço como “conclusividade” e a ele atribui três momentos relacionados entre si, no enunciado:

- 1) El sentido del objeto del enunciado, agotado; 2) el enunciado se discrimina por la intencionalidad discursiva, o la voluntad discursiva del hablante; 3) el enunciado posee formas típicas, genéricas y estructurales, de conclusión.

Como já apontamos anteriormente, uma das marcas deste subgênero está vinculada com a mudança de L, que acontece de forma mais concreta no final da narração do gol, quando o narrador do jogo conclui seu relato e cede o turno para o comentarista, por caso, ou simplesmente termina sua alocução.

Entretanto, entendemos que as fronteiras deste subgênero ficam melhor delimitadas a partir das três características que acabamos de apresentar sobre a conclusividade: seu “sentido esgotado”⁴, a intencionalidade do falante e as formas de conclusão.

Para finalizarmos este capítulo, faremos uma síntese do que até aqui foi discorrido sobre o subgênero “narração de gol”:

-É delimitado pelo momento em que é anunciado o gol pelo narrador e conclui com a cessão do turno ou com o término de sua alocução.

⁴ Bakhtin da essa denominação que não corresponderia como se compreende o “sentido” no referencial teórico considerado nesta dissertação, para se referir à percepção de suficiência do dito que pode determinar a mudança de interlocutores.

-Como traços estilísticos possuí, primeiramente, a irrupção de uma voz atribuível a um Torcedor/Hincha. Também marcas entonacionais e fraseológicas.

-Como traços composicionais apontamos: o nome do autor do gol e seu time, resultado parcial do jogo no momento do gol, tempo jogado e período, descrição da jogada prévia ao gol, forma como o tento foi anotado, etc. Estes componentes, ou parte deles, são os que regularmente aparecem nas narrações de gol. Contudo, além deles, há uma grande variação em sua realização, e é precisamente nessa variação onde conseguimos detectar a voz do I-T/H.

Assim, tendo estipulado o formato e assinalado as características do que denominamos “subgênero Narração de gol”, e dentro do qual estão os enunciados tanto do I-NP como do I-T/H, passaremos a apresentar nossa análise baseados nos enunciados do primeiro destes locutores-x.

2.3 Organizando a análise

Antes de começarmos com a análise dos enunciados sobre os quais colocamos nosso foco, faz-se preciso recapitular alguns conceitos apontados ao longo do presente trabalho até este ponto. Desta forma, acreditamos, tornar-se-á mais clara a apresentação de nossas observações.

Devemos lembrar que esta análise será feita sobre os fragmentos que, pelo já apresentado e descrito, estamos atribuindo ao locutor-Torcedor/Hincha, tanto nos casos da Argentina quanto do Brasil. Esta escolha se deve ao fato de verificarmos que nos fragmentos aos quais atribuímos essa voz é onde achamos os elementos discursivos que são o eixo desta pesquisa, e que poderiam ter um vínculo ou relação com o processo histórico e social em que foram se moldando, em cada país, as torcidas de futebol e que foram irradiadas as primeiras partidas deste esporte.

A partir disto que colocamos, vale a pena reforçar que não em todos os casos coletados e transcritos surge a voz do locutor-T/H. Portanto, essas ocorrências não serão o centro de nossa análise.

2.3.1 As variáveis no campo

A partir da localização dos enunciados dos I-T/H, verificamos que havia algumas tendências análogas em ambos *corpora*.

A observação e análise de vários fragmentos de cada *corpus* nos permitiu fazer a identificação de duas variáveis sobre as quais iniciáramos nossas análises.

Determinamos chamar a primeira dessas variáveis de “modulações aprovativas e reprovativas”, e está composta por manifestações ou expressões de reconhecimento, aprovação ou elogio (aprovativas) pelo desempenho ou jogada feita por um esportista ou por um time: L34E *Genial Palermo, jeh!*; L36P *Golaço do Washington*. As modulações reprovativas, por sua vez, estão formadas por críticas, reprovações, reclamações, etc., também expressadas em função de um jogador ou de um time: L26E – RP2-R *este River que a veces pega más de lo que... se pensaba*; L04P - RC1 *Falhou a zaga corintiana*. Como descreveremos depois, a observação desta variável foi mostrando a relevância de outras duas, subordinadas a elas: a oposição entre o foco na personagem e foco no evento e, por outra parte, o destaque para aspectos técnicos ou para aspectos estéticos nas qualificações.

Para a segunda variável demos o nome de “representações de lugares de saber e conhecimento em sentenças desagentivizadas”, e nelas reconhecemos diversas formas em que se vê manifestado um conhecimento sobre diversas áreas do futebol, seja sobre a maneira de se executar alguma jogada e seu resultado, sobre eventos que remetem a questões históricas ou sobre o que deveria ser feito sob determinada situação: L36E *Pero hay que hacerle un monumento a Dátolo*; L37P *Quem é bom é bom, meu amigo*.

Contudo, conforme mais íamos avançando em nossas observações, percebemos que deveríamos atentar para mais uma variável, relacionada com a utilização de nominalizações, pois consideramos que poderia ser produtivo para ampliar nossa análise. De fato, os primeiros indícios colhidos nos levaram a inclui-las como mais uma variável, que, assim como as outras duas, descreveremos com mais detalhes a seguir.

2.3.2 Os resultados das variáveis

Começaremos este percurso pelos dados com os casos vinculados com a primeira característica mencionada anteriormente: as modulações aprovativas e reprovativas.

Antes de apresentar os casos achados, vale lembrar que estamos chamando de “modulações aprovativas” e “modulações reprovativas” os fragmentos dos enunciados avaliados onde podem ser detectados elogios, reconhecimentos ou aprovações, reclamações, críticas, reprovações, etc.

Vejamos os casos da Argentina:

Modulações aprovativas:

L11E - G2	Gremio mete un <i>batacazo</i> en el Monumental.
L16E - BJ1	<i>Gran jugada</i> de Carlitos.
L16E - BJ2	<i>Bien</i> Tévez, <i>enorme</i> . <i>Bien</i> Guillermo. <i>Bien</i> Chelo.
L22E-SC	(Uy, <i>qué golazo</i> que va a hacer Gilberto)
L22E-Pênaltis	Le <i>rompió el arco</i> , ¿eh?...
L26E – RP3-R	... <i>guapeada</i> del Tecla Farías.
L32E – BJ1-R	<i>Desde dónde y dónde la puso</i> .
L34E – BJ2-R	<i>Genial</i> Palermo, ¡eh!
L35E – FLU1	¿ <i>Le pega bien o no</i> Thiago Neves?
L36E-BJ	Pero <i>hay que hacerle un monumento</i> a Dátolo.
L38E – EST2	Lo hizo Gastón Fernández, que hoy, <i>está iluminado</i> .

Modulações reprovativas:

L03E - RC1	<i>error</i> del arquero.
L10E-Pênaltis	¡ <i>Qué mal le pegó</i> a esa pelota! Se va por arriba del travesaño.
L14E-RP2	<i>Cuántas dudas que tengo</i> de la posición de Fuertes.
L24E - SP2	<i>Libre estaba Amoroso</i> .
L26E – RP2-R	este River que a veces <i>pega más</i> de lo que... se pensaba

- L27E - GO2 *¿Cómo es posible que lo dejen venir?*
- L30E - Pênaltis Bueno, este *se adelantó en serio*. [Interrump] Hasta el medio del área chica.
- L34E – BJ1 Para él *de lejos parece ser más fácil*.
- L34E – CRU-R *Salió mal* el arquero.
 ¡Cómo le cuesta salir a Caranta!
 Y cuando sale, *tiene dudas*.

Modulação mista:

- L34E – BJ1-R *¿Cómo es posible, Rodrigo? Mano a mano imposible de convertir, pero tremendo gol al ángulo.*

Nestes 23 casos extraídos das narrações argentinas, percebemos um notado equilíbrio, já que há 11 casos para cada tipo de modulação proposta, e um caso que estamos considerando como composto por ambas as modulações.

Nos casos das modulações aprovativas, vemos que das 11 ocorrências, em 10 há menção ao desempenho de jogadores, e esses jogadores aparecem individualizados mediante seu nome e/ou mediante formas pronominais, ou morfemas verbais que os retomam. Demos importância a essa focalização no indivíduo, personagem do enunciado, porque não se trata de um traço imposto pelo subgênero (a menção obrigada do autor do gol já foi produzida), e como veremos, sua ocorrência foi sensivelmente menor na amostra brasileira.

Vejamos esses 10 casos: L16E Gran jugada de *Carlitos*; L16E Bien *Tévez*, enorme. Bien *Guillermo*. Bien *Chelo*; L22E Uy, qué golazo que va a hacer *Gilberto*; L22E Le *rompió* el arco, ¿eh?; L26E ...guapeada del *Tecla Farías*; L32E Desde dónde y dónde la *puso*; L34E Genial *Palermo*; L35E ¿Le pega bien o no *Thiago Neves*?; L36E Pero hay que hacerle un monumento a *Dátolo*; L38E Lo hizo *Gastón Fernández*.

Nas modulações reprovativas também achamos um maior número de casos, 10 sobre 11, em que o foco está colocado explicitamente no desempenho de um jogador: L03E error del *arquero*; L10E ¡Qué mal le *pegó* a esa pelota!; L14E Cuántas dudas que tengo de la posición de *Fuertes*; L24E

Libre estaba *Amoroso*; L27E ¿Cómo es posible que *lo* dejen venir?; L30E Bueno, *este* se adelantó en serio...; L34E Para *él* de lejos parece ser más fácil; L34E Salió mal el *arquero*. ¡Cómo le cuesta salir a *Caranta*! Y cuando *sale*, *tiene* dudas.

E no último caso, onde encontramos ambas as modulações propostas, também há um foco colocado num jogador: L34E ¿Cómo es posible, *Rodrigo*?

Veremos agora os casos selecionados das narrações brasileiras:

Modulações aprovativas:

L02P-P3	Que <i>toque bonito</i> .
L04P - SCCP2	Um <i>grande jogo</i> de bola,
L19P – RC	Um <i>belo gol</i> .
L20P-SP1	E agora <i>funciona legal</i> esse negócio de ficar no campo...
L20P2 - Pênaltis	Como ele <i>bateu bem</i> esse pênalti, <i>Bateu bem...</i>
L24P – RP 2	O Marcelo Salas é um <i>excelente finalizador</i> .
L27P – GO3	<i>Bonito</i> , de primeira no canto.
L32P – BJ1	<i>Olha o chute que acertou</i> o Riquelme!
L32P – BJ1-R	<i>Lindo! Lindo gol!</i>
L34P – BJ1	Num <i>belíssimo gol</i> do Palacio.
L34P – CRU	e <i>que golaço</i> do Vagner!
L36P-FLU1-R2	<i>Golaço</i> do Washington. <i>Que cobrança bacana</i> <i>Decisivo</i> , sempre na hora difícil ele aparece
L37P-CRU2	<i>Que enfiada de bola</i> do Wellington Paulista.
L37P-CRU2-R	<i>Quem é bom é bom</i> , meu amigo.
L37P-CRU2-R2	<i>que bola</i> , entre ele e o Wellington Paulista.

Modulações reprovativas:

L04P - RC1	<i>Falhou</i> a zaga corintiana.
L20P-Pênaltis	<i>Gaona, nem de longe de bater pênalti...</i>

L20P-SP2	<i>Fez lambança o goleirão...</i>
L35P – FLU2	<i>Migliore aceitou.</i>
L35P2 – FLU2	<i>Magliore' aceitou.</i>
L36P-BJ-R	<i>E que banho de bola o Gabriel levou lá...</i> <i>O Gabriel tomou um show de bola.</i>
L36P-FLU3-R	<i>no presente da zaga do Boca</i>
L36P-FLU2-R2	<i>O Conca bateu mal, bateu fraco.</i>
L36P-FLU3-R2	<i>Erro do Boca.</i>

Modulação mista:

L20P2 – SP2	<i>Numa jogada de raça do Luis Fabiano, e de mais raça ainda do Grafite, na bobeira do Gaona.</i>
-------------	---

Nos casos extraídos do *corpus* brasileiro há um maior número total de ocorrências, 29. Diferente do que vimos nos casos argentinos também há uma disparidade entre as modulações aprovativas (18) e as reprovativas (10). Achamos um caso misto, como também houve na amostra da Argentina.

Dos 18 casos de modulações aprovativas, há um total de 10 casos em que a personagem da jogada aparece citada, seja pelo nome ou por um pronome:

L20P2 Como *ele* bateu bem esse pênalti. *Bateu bem...*; L24P O *Marcelo Salas* é um excelente finalizador; L32P Olha o chute que acertou o *Riquelme!*; L34P Num belíssimo gol do *Palacio*; L34P e que golaço do *Vagner!*; L36P Golaço do *Washington*; Decisivo, sempre na hora difícil *ele* aparece; L37P *Que* enfiada de bola do *Wellington Paulista*; L37P que bola, entre *ele* e o *Wellington Paulista*.

Dos 10 casos de modulações reprovativas, em 7 é mencionado o nome ou a a função da personagem:

L20P *Gaona*, nem de longe de bater pênalti...; L20P *Fez lambança o goleirão...*; L35P *Migliore* aceitou; L35P2 '*Magliore*' aceitou; L36P *E que banho de bola o Gabriel* levou lá... *O Gabriel* tomou um show de bola; L36P *O Conca* bateu mal, bateu fraco.

Estabelecendo uma comparação entre estas modulações apresentadas, poderíamos assinalar que nas ocorrências da Argentina há um equilíbrio de casos no tipo dessas modulações, já do lado brasileiro há uma maior quantidade de modulações aprovativas.

Nas modulações aprovativas percebemos que também, como nos casos do *corpus* argentino, há menção explícita de jogadores dos dois países, embora nesta amostra proporcionalmente em menor número. Porém, notamos um elevado número de casos em que há alguma forma de termos qualificadores, sobretudo com o uso de adjetivos:

L02P toque *bonito*; L04P Um *grande* jogo; L19P *belo* gol; L20P funciona *legal*; L20P2 bateu *bem*, *Bateu bem*; L24P *excelente* finalizador; L27P *Bonito*, *de primeira*; L32P *Olha o chute que acertou*; L32P *Lindo! Lindo gol!*; L34P *belíssimo* gol; L34P *que golaço*; L36P *Que cobrança bacana*, *Decisivo*; L37P *Que enfiada de bola*; L37P *Quem é bom é bom*; L37P *que bola*.

Já nas modulações reprovativas o uso de adjetivos é substancialmente menor do que nas aprovativas, havendo casos em que formas verbais e nominais são as que também permitem reconhecer a modulação. Alguns casos: L04P *Falhou a zaga*; L20P *nem de longe*; L20P *Fez lambança*; L35P *aceitou*; L36P *tomou um show de bola*; L36P *bateu mal*, *bateu fraco*; L36P *Erro do Boca*.

Outra diferença que podemos comprovar é que na amostra da Argentina as aprovações e reprovações estão mais vinculadas ao desempenho esportivo dos jogadores ou times, cujos nomes são expressos literalmente ou referidos por meio de pronomes/desinências verbais. Nos casos do Brasil, embora haja também a citação dos nomes de alguns jogadores, a tendência mais frequente está numa relação entre as personagens em cena e a jogada como um todo.

Para sustentar isto que acabamos de colocar é preciso mencionar que em 91% dos 23 casos achados no *corpus* de casos da Argentina, em que é reconhecida alguma modulação, sendo esta positiva, negativa ou mista, o foco está direcionado para uma personagem, que nestes casos é um jogador. Nos dois casos restantes, o foco foi colocado no time.

Nos casos avaliados do *corpus* brasileiro, constatamos que o foco colocado na personagem (o jogador) é menor em termos porcentuais se comparado com os números do *corpus* argentino, pois em 55% dos casos de

modulações aprovativas acontece essa variável. Nas reprovativas o número é de 70%, dando um resultado geral de 62% das ocorrências analisadas. No resto dos casos, o foco é colocado na jogada (ou evento descrito) como um todo.

Consideramos que é primordial para o presente trabalho salientar estas duas características, pois entendemos que tanto o foco na personagem da cena, mais usual na narração argentina, como a descrição da jogada como um todo, incluindo as personagens nela, no relato brasileiro, apontam-nos para diferentes tendências para representar relações entre os indivíduos e as práticas, como neste caso é o futebol, e reconhecer a inserção desta prática na sociabilidade.

Finalmente, apontaríamos uma disposição maior ao destaque de características técnicas ou de execução do jogo nos casos levantados no *corpus* da Argentina, como: L32E *Desde dónde y dónde la puso*; L10E *¡Qué mal le pegó a esa pelota! Se va por arriba del travesaño*.

Enquanto nos casos do Brasil essa disposição ficaria mais próxima ao destaque de elementos da ordem do estético, como podemos reconhecer nestes exemplos: L02P *Que toque bonito*; L32P *Lindo! Lindo gol!*

Continuaremos nossa descrição com a segunda característica apontada: Representações de lugares de conhecimento e saber em sentenças desagentivizadas.

Apresentaremos os casos achados por país.

Na amostra argentina:

L26E – RP2-R	este River que a veces pega más de lo que... <i>se pensaba</i> .
L27E - GO1	<i>y habrá que aguantar un montón</i> ahora, señor comentarista.
L36E-BJ	<i>Pero hay que hacerle un monumento a Dátolo</i> .

No primeiro destes três casos (L26E) pode-se perceber que há um tom crítico, e supostamente autorizado, sobre aquilo que se pensava: o fato de o River (seus jogadores) bater mais do que o normal ou do que era sabido por todos.

Nos outros dois (L27E e L36E) o uso da perífrase *haber que + infinitivo* não apenas indica uma generalização, mas, neles há um tom exortativo ou conhecedor, que indica como agir ou o que deve ser feito (*aguentar e fazer um monumento*) em função do descrito ou visto.

Na amostra brasileira:

L04P – Pênaltis	<i>Ao estilo corintiano: o sofrimento e a classificação...</i>
L35P2 – BJ2	<i>E aí não dá para o Fernando Henrique.</i>
L37P-CRU2-R	<i>Quem é bom é bom, meu amigo.</i>
L38P – EST3	<i>E aí fica impossível para o Fábio.</i>
L40P – CRU	<i>Agora é preciso cabeça. Agora é preciso calma.</i>
L40P – EST1	<i>...não tem jeito.</i>

Nestes seis casos extraídos das narrações brasileiras vemos que em três deles (L35P, L38P e L40P) há uma manifestação de saber por meio de uma espécie de ponderação ou “isenção de culpa” (*aí não dá, fica impossível, não tem jeito*) perante os acontecimentos narrados.

Nos três casos restantes (L04P, L37P e L40P) é possível reconhecer um saber que fica bem próximo do proverbial, até a própria estruturação desses fragmentos parece ter um caráter fixo, como os ditados (*estilo corintiano: sofrimento e classificação; quem é bom, é bom; é preciso cabeça, é preciso calma*).

Comparando as representações de saber manifestados em ambas as vozes, do I-T/H da Argentina e do Brasil, verificamos que há uma assimetria em relação com os eventos apresentados e com os alocutários colocados em cena.

Nos casos argentinos parece haver uma maior aproximação entre o I-T/H e os eventos narrados, pois esse tom exortativo ou crítico reconhecível no locutor se assemelharia a um diálogo cara a cara, e dessa forma estimularia uma possível atitude responsiva por parte dos alocutários, sendo ela de concordância ou não.

Já nas ocorrências encontradas no *corpus* do Brasil, vemos que essa distância seria maior e, como assinalamos antes, o tom proverbial faz com que

esse saber possa ser apresentado como dado e não submetido a reconhecimento, num tipo de enunciação em que não é esperada uma resposta imediata. E entendemos que o mesmo acontece nos casos em que é colocada de manifesto a “isenção de culpa” (L35P2 *E aí não dá* para o Fernando Henrique; L38P *E aí fica impossível* para o Fábio; L40P *...não tem jeito*.): onde haveria também uma assimetria hierárquica que não espera a produção de uma resposta a essa isenção dada.

Serrani (2001) também aborda o assunto da desagentivização e a distância dos enunciados do locutor em relação com o evento descrito, em seu trabalho “Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura”.

A autora, nesse texto em que também compara enunciados argentinos e brasileiros (embora sua temática e foco sejam diferentes do nosso) apresenta resultados que indicam uma maior tendência nas amostras brasileiras para as ressonâncias de “modo de enunciar indeterminado”.

Sobre a composição e características desse “modo de enunciar indeterminado” Serrani (2001, p.44) diz:

En 56% de las secuencias discursivas de nuestro corpus en Portugués hay resonancias de *modo de enunciar indeterminado*. Los recursos lingüísticos son: enunciados contruidos con *infinitivos*, *verbos en voz pasiva*, *empleo de participios pasados*, *construcciones con 'se-verbo'*, *empleo de verbos impersonales o nominalizaciones*.

Por sua vez, e nos valendo disto, além das diferentes formas verbais que nos permitiriam reconhecer esse “modo de enunciar indeterminado”, também verificamos a presença de nominalizações dentro dos enunciados analisados.

Entendemos, então, que se faz necessário compararmos a frequência de ocorrência de nominalizações nos casos de cada país.

Vejamos os casos achados nas ocorrências da Argentina:

L03E - RC1 *error del arquero*.

L05E-B1 Dos *cabezazos*: gol.

L14E-RP2 Cuántas *dudas* que tengo de la posición de Fuertes.

Casos do *corpus* do Brasil:

02P – P1	Olha o <i>lançamento</i> do Zinho
L02P-P3	Que <i>toque</i> bonito,
L04P - SCCP2	Um grande <i>jogo</i> de bola,
L20P2 – SP2	Numa jogada de raça do Luis Fabiano, e de mais raça ainda do Grafite, na <i>bobeira</i> do Gaona.
L32P – BJ1	Olha o <i>chute</i> que acertou o Riquelme!
L36P-FLU2	Num <i>lance</i> de muita sorte de Darío Conca.
L36P-FLU2-R	Com a <i>ajuda</i> da sorte.
L36P-FLU3-R	no <i>presente</i> da zaga do Boca
L36P-FLU1-R2	Que <i>cobrança</i> bacana
L36P-FLU3-R2	<i>Erro</i> do Boca.
L37P-CRU2	Que <i>enfiada</i> de bola do Wellington Paulista.

Feito o levantamento dos casos que integram nosso *corpus*, também podemos apontar, estabelecendo uma comparação com a análise feita por Serrani, uma maior tendência à nominalização em fragmentos de enunciados brasileiros, o que nos daria mais um suporte para assinalar uma maior distância, agora em função do evento narrado, concomitante com a assimetria entre os interlocutores colocados em cena.

Desta forma, acreditamos que estes dados também darão um aporte para podermos estabelecer as proximidades e diferenças enunciativas entre os I-T/H do Brasil e da Argentina, como veremos posteriormente.

Entendemos que os resultados até aqui obtidos pela análise dos dados, permitir-nos-iam voltar ao conceito de *ethos* proposto em 1.2, para caracterizarmos o

I-T/H que reconhecemos nas narrações de gol da Argentina e do Brasil.

Embora tenhamos achado princípios comuns com os quais cada “fiador” validaria seu mundo, como as modulações aprovativas e reprovativas, as representações de lugar de conhecimento e saber e a ocorrência de nominalizações, também notamos que há componentes específicos para cada um deles, como os que já apresentamos e resumiremos na tabela embaixo:

Tabela 3 – Componentes específicos das variáveis em função dos I-T/H.

	I-T/H argentino	I-T/H brasileiro
Modulações aprovativas /reprovativas	-Maior foco na personagem do evento narrado. -Maior destaque ao desempenho esportivo e às características técnicas do jogo. Não há registros de destaque para o estético.	-Foco na personagem e na jogada como um todo, com maior relevância para esta última. -Maior destaque para o estético.
Representações de lugar de conhecimento /saber	-Estabelece-se uma maior aproximação com o evento em foco. -Presença de um tom mais crítico/exortativo, o que geraria a representação de expectativa de resposta imediata, análoga de uma interação cara a cara. -Poucos casos registrados.	-Nota-se uma maior distância em relação ao evento narrado. -Tom proverbial e autorizado a ponderar erros ou eximir de “culpas”, com isto não se representa a expectativa de uma réplica imediata do alocutário perante o que foi narrado. -Alta frequência de
Nominalizações	Preferência pelas formas não-nominalizadas.	ocorrência de nominalizações nos enunciados deste locutor-x.

Os resultados colocados na tabela acima nos levariam a propor estas características para o *ethos* de cada I-T/H avaliado:

-Os enunciados do locutor-T/H da Argentina nos mostrariam um *ethos* que estaria colocando o foco de maneira mais centralizada, na personagem do evento, sobretudo se for um jogador, e também em seu desempenho esportivo, somado às propriedades técnicas do jogo em si. Entendemos que poderia ser por este foco, colocado em questões tão específicas, que haveria uma aproximação maior com o evento narrado. Isto também é percebido no tom

crítico/exortativo, que poderia provocar a resposta do interlocutor quem, por sua vez, ficaria próximo deste evento.

-Através dos enunciados do I-T/H brasileiro poderíamos perceber um *ethos* que colocaria em destaque o evento narrado em seu conjunto, somando personagens e jogadas, numa composição mais abrangente, com mais traços descritivos e também mais termos qualificadores.

Consideramos que esta representação de capacidade de observação só poderia ser alcançada mantendo uma distância do próprio evento narrado, pois, dessa forma, poderia ser apresentado como completo.

Essa visão “completa” do evento também promoveria o destaque de características mais voltadas ao estético, por um lado; e por outro, a manifestação de formulações com uma menor expectativa de resposta imediata, já que é reforçada a localização da instituição midiática, como naqueles casos em que há traços proverbiais ou marcas de “isenção de culpa”.

E finalmente, entendemos que a tendência às nominalizações, nos casos brasileiros, é mais um elemento que fortaleceria a característica de “observador mais distante” do *ethos* do I-T/H do Brasil.

No próximo capítulo apresentaremos nossas conclusões, estabelecendo algumas propostas que poderiam vincular os I-T/H de cada país com o percurso histórico-social que abordamos na primeira parte do presente trabalho, sobretudo com o período de formação dos clubes, das torcidas e do processo de midiatização e espetacularização do futebol.

3. FIM DO JOGO

O caminho percorrido ao longo de nossa análise nos levou a achar três variáveis comuns aplicáveis aos enunciados, tantos nos casos da Argentina como do Brasil, dos I-T/H que reconhecemos e descrevemos na seção anterior, e essas variáveis são as modulações aprovativas/reprovativas, as representações de lugares de conhecimento e saber e as nominalizações.

Por sua vez, estas variáveis estão integradas por traços composicionais característicos, em função da origem dos fragmentos analisados, tais como o foco nas personagens das jogadas, ou a própria jogada de forma completa; o realce do esportivo e técnico, e do estético; as aproximações e afastamentos entre locutor e evento, ou entre os interlocutores, etc., como já foi descrito na tabela da página 98.

Foi, precisamente, a partir da leitura e análise de cada conjunto de traços, que pudemos começar a reconhecer uma das características que consideramos mais notórias no *ethos* de cada I-T/H e que tem relação com a distância, tanto a que fica estabelecida entre ele, desde sua posição de observador, e o evento narrado, como também a distância que fica determinada com seu interlocutor, por meio do tom expressado em suas alocações. Lembremos:

O *ethos* do I-T/H argentino ocuparia um lugar mais próximo de ambos, evento e interlocutores. Com relação ao primeiro, ficaria manifestado no foco colocado nas personagens das jogadas e na descrição de elementos mais vinculados com o desempenho técnico ou esportivo dessas personagens. Poderíamos dizer que se trata de um olhar mais específico quanto ao foco.

Quanto à distância entre os interlocutores também ficaria num ponto de maior proximidade, já que a voz que emana deste *ethos*, cujo tom é mais exortativo ou crítico, estimularia ou promoveria uma resposta, tal como aconteceria numa situação de diálogo face a face.

O “fiador” que se pode inferir a partir da análise dos enunciados do *corpus* brasileiro também nos apresenta uma relação de distância, seja com o evento narrado, seja com seus interlocutores; porém, diferente do argentino, este *ethos* parece ficar numa posição de observador mais afastado, com uma visão mais ampla, que lhe permitiria colocar seu foco na jogada narrada de

maneira mais completa, como um todo. A preponderância de elementos qualificadores, sobretudo para dar destaque ou fazer uma valoração aprovativa, também é um indício de uma posição mais distante, e portanto mais abrangente, do evento descrito.

Este *ethos* apresenta um tom mais proverbial ou ponderado em relação aos erros cometidos pelos jogadores, e desta maneira não geraria a expectativa de uma resposta por parte do interlocutor, estabelecendo também aqui um afastamento, e até uma relação hierárquica, maior se comparado com a relação entre interlocutores que descrevemos no caso do *ethos* do I-T/H argentino.

E se a questão do grau de distância é uma constante que reconhecemos nos enunciados dos I-T/H de ambos os países, também percebemos que surgem, do panorama histórico apresentado no Capítulo I, diferentes graus de aproximação e afastamento entre setores sociais, e em relação à geração e à ocupação do espaço público em cada um dos dois países. Desenvolveremos, nesta seção, primeiras conjecturas sobre possíveis vinculações entre o real histórico e o representado no discurso.

A partir do último que apontamos, é preciso retomar alguns acontecimentos que fazem parte desse percurso histórico, sobretudo, com a chegada do futebol a cada país, seu processo de popularização, as características de cada formação social, os espaços de sociabilidade, a formação das torcidas e o perfil de seus integrantes, a importância da mídia, a primeira narração de jogos na Argentina e no Brasil, até chegarmos aos primeiros passos da espetacularização do futebol.

Para começar, devemos lembrar que, como visto no Capítulo I, havia importantes diferenças nas formações sociais e na situação política da época nas cidades de Buenos Aires e de São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo naquilo que envolvia o contato entre as diversas camadas sociais, o acesso à educação e o modo de participação no espaço público.

Vimos que em Buenos Aires, o bairro se tornou o espaço de contato e sociabilidade de integrantes de diferentes classes sociais: proletários, funcionários públicos, comerciantes e profissionais; e foi cenário de muitos dos locais que os reuniam ou convocavam, como o bar, a esquina, as sociedades de fomento, os comitês políticos e os clubes de futebol.

O futebol, precisamente, se tornou um dos assuntos que aproximava, desde vários aspectos, os vizinhos de um bairro, seja nos dias em que havia partidas e estes se congregavam nas arquibancadas do campo de jogo, ou durante a semana, nos cafés ou “paradas”, onde continuavam as discussões sobre o jogo. E este processo poderia ficar ampliado se em algum determinado bairro houvesse mais de um time, já que além das discussões sobre as idas e vindas de alguma partida em si, também eram colocadas em jogo questões vinculadas com o pertencimento a um determinado lugar.

A partir disto é possível perceber que o bairro era um lugar que gerava uma aproximação tanto de classes como de indivíduos. Não apenas era compartilhado o espaço físico (bares, campo de jogo, etc.) como também neste espaço surgiam as discussões e trocas de opiniões. E no caso do futebol, o contato pessoal entre torcedores ou simpatizantes também era direto, dialogado, com respostas e argumentações entre aqueles que apoiavam a um mesmo time ou entre vizinhos do mesmo bairro, mas, de diferentes bandeiras. O convívio com “o outro”, entendido aqui como aquele que se incluía em outro grupo, era cotidiano, direto e próximo.

Por outra parte, a mídia portenha, além de promover o esporte, e em muitos casos o futebol dos pequenos times, também foi, como já vimos, um espaço de contato entre torcedores, simpatizantes e componentes das equipes, pois era nos jornais da época onde os desafios propostos dentro das ligas independentes eram lançados, os resultados eram confirmados ou contestados, as reclamações eram feitas e onde também se forjavam as primeiras rivalidades. Alguns jornais, como *Crítica*, exploraram a rivalidade entre os times de um mesmo bairro ou de uma mesma liga, estabelecendo uma associação entre os resultados obtidos pelas equipes e seus bairros de procedência, e assim, promovendo ou acentuando delimitações identitárias que vinculavam times e bairros. *El Gráfico*, por outro lado, apontava para uma rivalidade que era mais de ordem social que futebolística, e tinha a ver com o “estilo criollo” de se jogar na Argentina, propondo exaltar desde suas páginas as características próprias do autóctone, além do meramente esportivo, como forma de oposição ao imigrante, e tudo que sobre ele se dizia naquele momento.

Podemos ver também que o jornal era um lugar de aproximação para aqueles que faziam parte do mundo do futebol, sejam simpatizantes, jogadores, cartolas ou aficionados ao esporte. Além de ficarem manifestadas as opiniões, controvérsias ou discussões sobre as diversas temáticas que envolviam a prática do futebol, também era expandida a área de abrangência para assuntos como a rivalidade, levando-a a um terreno extraesportivo.

Também é possível deduzir que esta interação entre o público do futebol, através da mídia escrita, podia acontecer graças ao nível de escolarização desses leitores. Vale lembrar que, segundo os dados já apresentados no Capítulo I, a alfabetização foi um dos principais objetivos dos governos argentinos daquele começo de século 20, principalmente como forma de disciplinar os imigrantes ao meio social em que estavam se inserindo.

Se o acesso à educação, por um lado, permitia equalizar o nível de conhecimento geral, por outro lado também favorecia uma atitude de resposta de boa parte da opinião pública, principalmente nas áreas política e sindical, perante as diversas ações vindas do poder.

O percurso histórico que fizemos sobre a chegada e massificação do futebol no Brasil, partindo das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, inicialmente já nos mostra um amplo espaço e uma distância entre estes dois centros, que à medida que o futebol ia se desenvolvendo, foram travando disputas pelo controle do esporte e da seleção nacional.

Isto também poderia se aplicar dentro de cada um destes estados, pois a formação dos clubes e a identificação com eles não estava relacionada ao pertencimento territorial, mas, social. Inclusive, a distância mantida entre as equipes de origem elitista e aquelas de base proletária, por imposição das primeiras, permaneceu durante muitos anos e a inclusão dos times menores às ligas se deu de maneira lenta e paulatina.

Também a separação de classe podia ser sentida no lugar que ocupavam as torcidas em relação com o campo de jogo, tanto em São Paulo quanto no Rio. Enquanto as arquibancadas da parte interior do estádio eram somente ocupadas pelos elegantes e bem-trajados apreciadores do esporte, oriundos das classes mais abastadas, do lado de fora se juntavam os excluídos que deviam escalar morros ou encarapitar-se em muros para poder presenciar o jogo. E estas diferenças não ficavam apenas no espaço ocupado em função

da categoria social, nem pela beleza estética e de comportamento que aludia a elas, mas, à possibilidade de ter voz: os registros dão conta da manifestação das torcidas dentro do estádio, ou, quando isso acontecia fora do campo de jogo, era localizada nos meios escritos de comunicação, o que nos leva a considerar o grau de escolarização discrepante entre as diferentes camadas sociais. Este acesso à cultura e ao conhecimento garantia às elites paulista e carioca um espaço destinado quase exclusivamente a elas nos veículos de comunicação. E mais, através deles, eram feitas críticas, questionamentos e até difamações às classes mais pobres, como mostramos no Capítulo I.

Com o declínio do poder das oligarquias locais e a chegada do governo Vargas, iniciou-se um processo de promoção da unidade nacional, que buscava um maior convívio de classes no mesmo espaço, e o futebol foi um elemento central dentro dessa formação de um “estado novo”. A seleção nacional se tornou um dos símbolos de encontro dos brasileiros e a rádio serviu como instrumento de propagação dessa mensagem de união e de valorização das qualidades do brasileiro.

Entendemos também que é necessário lembrar aqui de alguns aspectos da desigualdade social em cada um dos dois países. Na área urbana de Buenos Aires era crescente a participação dos imigrantes em diversas esferas da vida social, principalmente na área sindical e trabalhista, e isso motivou estratégias de repressão vindas das elites e do Estado, seja na forma do “criollo”, uma construção ideal e antagônica àquilo tudo que era relacionado com o imigrante, ou por meio da assimilação destes através do serviço militar obrigatório ou, fundamentalmente, pelo ensino público.

No Brasil, encontramos-nos com uma sociedade fragmentada em muitas camadas que, por sua vez, estavam muito distantes umas das outras, em aspectos econômicos, culturais, legais e inclusive geográficos. Existia uma massa de excluídos, sobretudo formada por negros e mulatos, cuja inclusão ainda estava longe de ser abordada.

Neste conjunto de acontecimentos históricos e sociais de ambos os países, como dissemos, vemos também uma relação de afastamento ou aproximação entre as personagens e os eventos sócio-históricos apresentados.

Com isto não pretendemos estabelecer uma relação direta com os resultados que apresentamos na análise dos enunciados dos I-T/H onde

também ficam envolvidos assuntos vinculados com a distância entre interlocutores ou entre locutores e eventos; contudo, não podemos deixar de mencionar que reconhecemos um grau de aproximação na Argentina quando falamos do contato dos vizinhos de diferentes camadas sociais, dentro dos espaços de sociabilidade encontrados num bairro, promovendo relações de pertencimento e, ao mesmo tempo, de rivalidade com relação a outros bairros e seus times. A discussão, o debate, a troca de pontos de vista, a resposta, a reclamação nos meios de comunicação também apontam para um lugar de aproximação e de alguma forma de nivelação quanto ao conhecimento ou saber dos participantes sobre os assuntos pautados. Em suma, a presença de um “outro atuante” fica nítida e próxima.

Também não podemos deixar de apontar para indícios de afastamento no Brasil quando tratamos das diversas e fragmentadas camadas sociais no país naquela época, quando as elites não tinham apenas o controle dos clubes de futebol e do país, como também destinavam esforços para manter distanciadas, ou excluídas, as classes mais pobres. Por sua vez, também havia uma distância entre as próprias elites, em nosso trabalho referido às paulistana e carioca, que lutavam pelo controle da seleção nacional. O acesso ao conhecimento, à educação e à cultura também era outro mecanismo de separação e afastamento social. A nova ordem estabelecida a partir da ascensão de Getúlio Vargas promoveu uma unidade nacional que, entre outras coisas, exaltava as qualidades do brasileiro, e o futebol foi um dos principais meios de reunião da população, tendo na seleção o elemento aglutinador. Desta forma, se por um lado foi gerada uma aproximação sob uma premissa nacional, também a busca por unir todo mundo sob uma mesma consigna teria provocado uma distância na identificação do rival, do “outro”. O surgimento do rádio facilitou a propagação desse princípio de união, mas também, foi mais um meio pelo qual se faria sentir uma voz que não ficaria à espera de uma resposta nem de uma crítica.

A relação estabelecida nos meios de comunicação também aponta para um grau de desigualdade no panorama dos dois países. Na Argentina, o jornalismo mostrava uma aproximação com a realidade dos clubes, e dava aos torcedores um espaço através do qual as formas de se falar e entender o

futebol iam se atualizando. No Brasil, a palavra escrita na mídia era quase exclusiva das elites, inclusive para o futebol.

Esta diferença no processo de passagem dos acontecimentos esportivos para os meios de comunicação está relacionada com os diferentes graus e modos de desigualdade social nos dois países.

Cabe questionar se as diferenças que encontramos em nossa análise discursiva, não poderiam ser lidas como marcas desse processo histórico, sendo a passagem para a mídia um elo entre ambas as ordens.

Consideramos que nosso aporte, por meio deste trabalho, está na apresentação de um conjunto de marcas de semelhanças e diferenças discursivas atribuíveis ao processo histórico vivido em cada país. Realizamos esse percurso através das características do relato de futebol, e mais concretamente da narração do gol, dos meios radiofônicos e televisivos na Argentina e no Brasil.

Desta forma, entendemos que um dos caminhos que poderia ser seguido a partir deste trabalho seria uma pesquisa sobre as variáveis aqui propostas, baseada nas narrações que deram continuidade ao momento inicial que colocamos nesta dissertação, e dessa maneira, ampliar resultados que poderiam indicar as tendências discursivas que dão corpo a um dos modos de se falar sobre futebol no Brasil e na Argentina.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Público do Estado de São Paulo. Disponível em:
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol/imprensa_esportiva.php>. Acesso em: 17 Set. 2012.

BAJTIN, M. **El problema de los géneros discursivos**. México: Siglo XXI, 1989.

DI TULLIO, A. **Políticas lingüísticas e inmigración: El caso argentino**. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.

DUARTE, O.; VILELA, M. São Paulo FC: O supercampeão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

DUCROT, O. **El decir y lo dicho**. Buenos Aires: Hachette. 1984.

FAUSTO, B.; DEVOTO, F.J. **Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada**. São Paulo: Editora 34, 2004.

FRANCO JR., H. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRYDENBERG, J. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2011.

GUMINARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Problemas de ethos**, In: Cenas da enunciação. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PANZERI, D. **Fútbol dinámica de lo impensado**. Buenos Aires: Paidós, 1967.

SCHINNER, C.F. **Manual dos locutores esportivos: Como narrar futebol e outros esportes na rádio e na televisão**. São Paulo: Editora Panda, 2004.

SERRANI, S. **Resonancias discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura**. D.E.L.T.A., 17:1, 2001.

SOARES, E. **A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994

SUFRYN, G. **El grito sagrado: Historia de los relatores de fútbol argentino**. Buenos Aires: Editora Corregidor, 2010.

WISNIK, J.M. **Veneno remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

5. APÊNDICE - *Corpus* de análise completo

L01E-RP - Duração: 28s

¡Gol, Berti! ¡Gol...!

De River, lo hizo La Bruja Berti, a los 3 minutos del segundo tiempo.

Innumerables rebotes hubo. La Bruja la mandó adentro.

River uno, Palmeiras cero.

Berti lo hizo.

L02E - P1 - Duração: 17s.

¡Gol! ¡Gol...! Del Palmeiras.

El peligroso Alex pone este partido, verde, muy verde para River.

El Palmeiras, en 17 minutos del primer tiempo, con gol de Alex, le gana a River 1 a 0.

L02E - P2 - Duração: 20s.

¡Gol! ¡Gol...! Del Palmeiras.

Roque Junior de cabeza. La manera más fácil que tiene el Palmeiras de llegar al gol.

Para que el equipo brasileño sume dos, con Roque Junior. River se quede en cero.

L02E - P3 - Duração: 27s.

Golazo de Euler. ¡Gol...! Del Palmeiras.

Fue Alex.

Me extrañaba la calidad de Euler para definir. De Alex no extraña. Definió el partido el número 10.

Por Alex, el Palmeiras 3, River 0.

El Palmeiras es finalista de la Copa Libertadores.

L03E - RC1- Duração: 29 s.

Es gol de Pizzi... ¡Gol! ¡Gol...! De Rosario Central.

Juan Antonio Pizzi, sobre el final del primer tiempo, error del arquero.

Central pasa a ganar el partido.

Central 1, Corinthians 0, por la copa Libertadores de América.

L03E - RC2 - Duração: 18s.

¡Gol! ¡Gol...! De Rosario Central

Javier Capelletti, a los 15 minutos del segundo tiempo.

Central 2, Corinthians 0.

L03E - RC3 - Duração: 28s.

¡Gol! ¡Gol...! De Rosario Central.

A los 17 minutos, el Rafa Maceratesi poniendo el tercer gol del partido.

Central 3, Corinthians 0.

Juntando goles para ir a Brasil. Gana el equipo argentino, golea Rosario Central.

L03E - SCCP1 - Duração: 20s.

¡Gol de Luizao! ¡Gol de Luizao! ¡Gol! ¡Gol...! del Corinthians.
Lo hizo Luizao.
Descontando y poniendo 3 a 1.
Ahora Central tiene dos goles de ventaja.
Luizao a los 23.
3 a 1 el partido en Rosario.

L03E - SCCP2 - Duração: 20s.

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol del Corinthians!
Luizao, cuando ya no quedaba tiempo.
Corinthians descuenta, y ahora Central 3, Corinthians 2.
Luizao sobre el final.

L05E-B1- Duração: 38s.

Gol... De Boca.
Arruabarrena, sí, El Vasco. Rodolfo Martín Arruabarrena.
En 21 minutos del primer tiempo.
Boca le gana al Palmeiras, uno a cero.
Dos cabezazos: gol.

L05E-B2 - Duração: 39s

Gol... De Boca.
A los 16 otra vez Arruabarrena. Sí, otra vez El Vasco. Otra vez Rodolfo Martín Arruabarrena.
Boca dos, Palmeiras uno.

L05E-P1- Duração: 10s.

Gol...Pena.
Gol del Palmeiras..
42:30. Lo hizo el goleador del equipo: Pena

L05E-P2 - Duração: 11s

(Sin grito de gol)
Señoras y señores.
Euller acaba de empatar el partido.
Está ahora dos a dos.

L06E – Pênaltis - Duração: 3:38

Alex.... Uno a cero.
Guillermo... Esto está uno a uno. Los dos convirtieron los respectivos penales.
Asprilla... ¡Bien, Córdoba. Estupendo, Córdoba. Grande, Córdoba! Uno a uno.
Román... Dos a uno está ganando Boca.
Roque Jr... ¡Córdoba. Brillante, estupendo! Por ahora le está dando la Copa Libertadores de América Óscar Córdoba a Boca.
Palermo... Boca está arriba tres-uno.
Rogério... Esto está tres-dos.

Bermúdez... ¡Ganó la Copa Libertadores de América, Boca! ¡Por penales aquí, en el Morumbi. Boca ganador de la Copa Libertadores de América. Otra vez, Bianchi en Brasil, levantará la Copa. Primero fue con Vélez, ahora lo es con Boca!

L07E-BJ - Duração: 37s

¡Gol! ¡Sí, Chapita; sí, Chapita! ¡Gol...!

De Boca. Sí, de Boca, de Boca, de Boca.

A los 24 minutos, aquí en Río de Janeiro, Chapita, Chapita: Guillermo Barros Schelotto, dice que Boca le está ganando a Vasco por 1 a 0.

L08E-BJ1 - Duração: 33s.

Gol del 6... ¡Gol! Gol del 6, sí. ¡Gol! Matellán...

¡Gol...! De Boca.

A los 11 minutos el 6, el 6; sí, Aníbal Samuel, Matellán.

Ahora Boca le está ganando al Vasco por 2 a 0.

L08E-BJ2 - Duração: 27s.

¡Gol...! De Boca.

A los 20, Chapita. Dice que Boca ahora está arriba 3 a 0 en la diferencia, frente al Vasco.

Esta noche le está ganando 2 a 0.

L08E-BJ3 - Duração: 36s

¡Gol de Chapita. Gol de Chapita. Gol de Chapita. Gol de Chapita!

¡Gol...! De Boca.

¡Cada 10 minutos hacen un gol!

Otra vez Chapita, otra vez Guillermo Barros Schellotto.

Ahora, la diferencia es de 4 goles en favor del campeón de América, en favor del campeón del mundo: Boca.

L09E-B1 - Duração: 26s.

¡Gol...! De Boca.

43 minutos;

Guillermo.

Boca 1, Palmeiras 1.

L09E-B2 - Duração: 28s.

¡Gol! ¡Barijho! ¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.

Sí, de Boca.

Apareció Antonio El Tony Barijho,

En 10 minutos del segundo tiempo, dos para Boca, dos para Palmeiras.

L09E-P1 - Duração: 8s.

Señoras y señores...

Alex pone, en 18 minutos y medio, el partido 1 a 0.

Para el Palmeiras.

L09E-P2 - Duração: 22s.

¡Gol! ¡Gol...! De Palmeiras.

A los 8 minutos y medio del segundo tiempo, apareció Fabio Junior para marcar el segundo. Ahora, uno para Boca, dos para Palmeiras.

L10E-B2 - Duração: 38s

¡Gol de Román!

Gol... De Boca.

Lo hizo El Torero, sí, El Torero. Lo hizo Román, Juan Román... Riquelme.

En 17, Boca está arriba dos a cero sobre Palmeiras.

L10E-Pênaltis - Duração: 1:19

Ahí está, Alex... ¡Córdoba!

Román... Riquelme... Gol de Boca. Anotando el primero...

Lopes... Gol, de Palmeiras.

Uhhh... ¡Qué mal le pegó a esa pelota! Se va por arriba del travesaño. Uno a uno...

Tiró... ¡Córdoba! Oscar Córdoba, una vez más, abajo al palo izquierdo, ataja su segundo penal de los tres que han pateado.

De derecha le va a pegar Marcelo Delgado... Gol, de Boca. Dos a uno.

Ahí está... Gol... Muñoz.

El Patrón Bermúdez... Gol, de Boca.

Toma carrera el paraguayo... La pelota pega en el travesaño...

Boca finalista de la Copa Toyota Libertadores.

Monumental Oscar Córdoba.

Arce que no pudo.

Extraordinario lo de Boca.

L11E-G1- Duração: 17s.

¡Gol! ¡Gol...! De Gremio.

A los 12 minutos, empata Tinga.

River 1, Gremio cero... Gremio 1.

Tinga lo hizo.

L11E-G2 - Duração: 20s.

¡Gol! ¡Gilberto! ¡Gol...! De Gremio.

Gilberto.

A los 45 minutos y medio. Gremio mete un batacazo en el Monumental.

Gremio 2, River 1.

Gilberto lo hizo.

L11E-R1- Duração: 25s.

¡Gol! ¡Gol...! De River.

Le pegó Coudet, hubo un desvío y la pelota adentro.

Al minuto y medio empieza a ganar River.

River 1, Gremio 0.

Coudet lo hizo.

L12E-G1- Duração: 15s.

¡Gol! ¡Gol...! De Gremio.
A los 40 minutos. Lo hizo Rodrigo Mendes.
Gremio 1, River 0.
Mendes lo hizo.

L12E-G2 - Duração: 15s.

¡Gol! ¡Gol...! De Gremio.
Luizao dice que es de él. Arremetía también Tinga.
Lo abrazan a Luizao.
Gremio 2, River 0. 45 minutos.

L12E-G3 - Duração: 17s.

¡Gol! ¡Gol...! De Gremio.
Lo hizo Zinho. A los 24 minutos del segundo tiempo.
Gremio 3, River 0.
Zinho lo hizo.

L12E-G4 - Duração: 22s.

¡Gol! ¡Gol, de Gremio!
Luiz Mário... Ricardo Rojas... Entraban para meterla.
Uno queriendo defender y el otro definiendo.
31 minutos.
Cuatro para Gremio, cero para River.

L13E-P - Duração: 13s.

¡Uy, uy, uy, uy, uy!
Gol de Paysandú.
Iarley lo hizo.
Se vino la noche.
A los 22 minutos.
Paysandú le gana a Boca, 1 a 0. El gol lo hizo Iarley.

L14E-RP1 - Duração: 21s.

¡Gol! ¡Gol...! De River.
Lo hizo D'Alessandro. A los 39 y medio del segundo tempo.
Empata el partido aquí en el Monumental.
River 1, Corinthians 1.
D'Alessandro lo hizo.

L14E-RP2 - Duração: 28s.

¡Gol! ¡Gol...! De River.
Lo hizo Cavenaghi. A los 44 minutos.
Cuántas dudas que tengo de la posición de Fuertes, que cortinó... a los defensores de Corinthians.
Aumenta River, se pone 2 a 1.

44 y medio.
River 2, Corinthians 1.
Cavenaghi lo hizo.

L14E-SCCP1- Duração: 18s.

¡Gol! ¡Gol...! De Corinthians.
Lo hizo Jorge Vagner. A los 23 minutos del segundo tiempo.
Corinthians 1, River 0.
Jorge Vagner lo hizo.

L15E-RP1 - Duração: 21s.

¡Gol! ¡Demichellis! ¡Gol...! De River.
Lo hizo Demichellis, a los 21 minutos del primer tiempo.
Empata el partido, River 1, Corinthians 1.
Demichellis lo hizo.

L15E-RP2 - Duração: 17s

¡Gol! ¡Gol...! De River.
Lo hizo Fuertes, de penal, a los 29 del segundo tiempo.
River lo merece.
River 2, Corinthians 1.
El Bichi lo hizo.

L15E-SCCP1- Duração: 18s.

¡Gol! ¡Fabinho! ¡Gol...! Del Corinthians.
Lo hizo Fabinho, a los 8 minutos, 40; abre el marcador.
Entre él y Liedson.
Uno para Corinthians, cero para River.

L16E-BJ1- Duração: 24s

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Lo hizo Guillermo Barros Schelotto.
A los 14 minutos del primer tiempo.
Gran jugada de Carlitos.
Boca 1, Paysandu 0.
Guillermo lo hizo.

L16E-BJ2 - Duração: 21s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Lo hizo Delgado.
A los 12 minutos y medio.
Bien Tévez, enorme. Bien Guillermo. Bien Chelo.
Boca 2, Paysandy 1.
Delgado lo hizo a los 12.

L16E-BJ3 - Duração: 22s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Lo hizo Guillermo Barros Schelotto.
Su segundo tanto de penal en este caso, el tercero de Boca.
Boca 3, Paysandu 1.
Con este resultado, Boca adentro.

L16E-BJ4 - Duração: 31s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Repite Barros Schelotto.
Su tercer tanto, el cuarto de Boca.
Otra vez de penal.
Boca 4, Paysandu 1.
Guillermo lo hizo.

L16E-PAY1 - Duração: 16s

¡Gol! ¡Gol...! De Paysandu.
Empata Lecheva.
A los 7 minutos y medio.
Uno para Paysandu, uno para Boca.
Lecheva lo hizo.

L16E-PAY2 - Duração: 19s

¡Gol...! ¡Gol...! De Paysandu.
Burdisso en contra.
41 minutos.
4 a 2 el partido con uno más Paysandu. Y nueve jugadores, puede ir a los penales.
Burdisso en contra lo hizo.

L17E-BJ1- Duração: 30s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Sorprendió al arquero Fabio Costa.
El Chelo Delgado a los 32 minutos del primer tiempo.
¿Con quién lo festeja? ¿Con Román? [-Sí]
Boca 1, Santos 0.
Delgado lo hizo, señores. Un golazo del delantero xeneize.

L17E-BJ1- Duração: 34s

¡Gol! ¡Gol...! ¡No sé si la tocó pero, gol...! ¡Gol...! De Boca.
Para mí, Delgado. Para mí no llegó a tocarla Battaglia. Para mí, Delgado.
38 minutos del segundo tiempo.
Para mí, el Chelo Delgado aunque intentó Battaglia peinarla.
Boca se pone en ventaja, aumenta.
Boca 2, Santos 0/
Delgado lo hizo, a los 38.

L18E-BJ1- Duração: 36s

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.

Lo hizo Tévez, gran combinación individual.
Todo empezó por un error de Alex en el mediocampo.
Boca construyó con Delgado, con Battaglia, con Tévez y define en el primer tiempo.
A los 20 minutos, el primer gol de la noche.
Para mí, Delgado. Para mí no llegó a tocarla Battaglia. Para mí, Delgado.
38 minutos del segundo tiempo.
Boca queriéndose quedar con la Libertadores empieza a ganarle al Santos en el Morumbi.
Boca 1, Santos 0.
Tévez lo hizo.

L18E-BJ2 - Duração: 26s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca..
Delgado lo hizo.
A los 38 minutos y medio de este segundo tiempo.
Boca acaba de ganar la Copa Toyota Libertadores de América con el zurdazo del Chelo Delgado.
Boca 2, Santos 1.
El Chelo lo hizo.

L18E-BJ3 - Duração: 19s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Lo hizo el Flaco Schiavi, es el tercero.
Boca campeón de la Libertadores 3, Santos 1.
Schiavi de penal lo hizo.

L18E-SFC1- Duração: 16s

¡Gol! ¡Gol...! Del Santos.
A los 30 minutos, lo hizo Alex.
Empata el partido.
Santos 1, Boca 1
Alex lo hizo.

L19E-RC - Duração: 45s

Gol...
Rosarino, sí, gol de Central. Sí, cantalo.
Cuando le quedan tres minutos a este partido.
Cuando Miguel Fernández me había preguntado y me había comentado que metían siempre los goles así, sobre la hora, agónico otra vez... Gonzalo Belloso, el pejerrey, pone... pone a Central y su ilusión todavía en la Copa uno, San Pablo, cero.

L22E-SC - Duração: 32s

(Uy, qué golazo que va a hacer Gilberto)
Gol...
De San Caetano.
A los 13 minutos del segundo tiempo... Gilberto, sí, Gilberto... Pone San Caetano uno, Boca cero.
Con este resultado, cuando al partido le quedan 33 minutos, el equipo brasileño es semifinalista.

Gilberto pone, Boca cero, San Caetano uno.

L22E-BJ - Duração: 21s

Gol...

La primera que toca el Tony es gol...

Gol... De Boca...

Sí, de Boca... Que todavía vive, todavía sueña. La primera que toca el Tony:

Antonio Chipi Barijho, pone, a los 20 minutos de este segundo tiempo, Boca, que todavía vive, uno, San Caetano, uno.

L22E-Pênaltis - Duração: 2:52

Guillermo... Atajó el arquero Silvio Luis.

Ânderson Lima... Gol... De San Caetano... Que por penales le gana a Boca, uno a cero. Ahora es el turno de Schiavi.

Ahí va Schiavi, El Flaco... Gol... Están uno a uno, pero pateó más un penal Boca.

Lúcio... Atajó, el Pato Abbondanzieri... Ahora las cosas están iguales: uno a uno. Dos penales pateados cada uno.

Donnet... Gol... Le rompió el arco, ¿eh?... Gol de Boca... Y ahora, ahora pasa al frente por penales.

Fernando Carvalho... Atajó... Atajó, el Pato Abbondanzieri.

Ahí va Antonio... Barijho... Gol... De Boca... El Tony: Antonio Barijho.

Gilberto... Gol... De San Caetano... Ahora el turno es, para Alfredo Cascini.

Cascini... Afuera...

Warley... Gol de San Caetano... Ahora vamos uno y uno.

Abbondanzieri... Gol... Y ahora el turno es para el arquero brasileño... No, va a ir un central...

Mattos... Boca es semifinalista de la Copa Toyota Libertadores. El héroe se llama: Pato

Abbondanzieri. El héroe se llama Roberto Abbondanzieri.

Boca se mete, señores, entre los mejores cuatro equipos de América.

L24E-RP1 - Duração: 22s

¡Gol...! ¡Gol...! De River.

A los 35 y medio de este primer tiempo.

El Tecla, sí, el Tecla, ahora sí.

River 1, San Pablo 1.

L24E-RP2 - Duração: 16s

¡Gol de River! ¡Gol...! De River.

El chileno Salas. El Matador Salas.

Descuenta River.

Ahora San Pablo le gana a River por 3 a 2.

L24E-SP1- Duração: 17s

¡Gol de San Pablo! ¡Gol...! De San Pablo.

Danilo.

A los 11 minutos y medio de este tiempo.

Los tres que tiró(*), les apuntó al primer palo. El tercero también.

Y Danilo dice que San Pablo le está ganando a River Plate por 1 a 0.

L24E-SP2 - Duração: 19s

¡Gol de San Pablo! ¡Gol...! De San Pablo.

A los 14 minutos del segundo tiempo.

Libre estaba Amoroso.

Y ahora San Pablo le está ganando a River Plate, por 2 a 1, aquí en la cancha de River.

L24E-SP3 - Duração: 22s

¡Gol de San Pablo! ¡Gol...! De San Pablo.

A los 35 minutos de este segundo tiempo.

Fabao. Fabao, dice que San Pablo le está ganando a River, en la cancha de River, por la semifinal, partido de vuelta de la Copa Libertadores...

San Pablo 3, River 1.

L25E- EST1- Duração: 30s

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol...! De Estudiantes.

Lo hizo Galván, señores.

A los 35 minutos del segundo tiempo.

Así es Estudiantes, con el corazón en la garganta.

Uno para Estudiantes, cero para Goiás.

Galván lo hizo.

L25E-EST2 - Duração: 27s

¡Gol...! ¡Gol...! De Estudiantes de la Plata.

Calderón. Convierte el segundo gol.

A los 46 minutos y medio.

Estudiantes de la Plata 2, Goiás 0.

Calderón lo hizo.

L26E-RP1-R - Duração: 1m14s.

Gol... Golazo de River, de media chilena.

El Tecla Farías vuela, vuela y vuela el Tecla. Vuela, vuela y vuela el Tecla. El Tecla Farías, que tiene una rodilla menos pero que tiene mucho orgullo. Con una chilena ante un rechazo corto (¿?) que alcanza a darle con la zurda para mandarla contra el arco brasileño, para empatar el partido, (*va River, Farías juega a la derecha para..)

River, el orgullo, el espíritu de lucha de Farías.

Passarella le pidió que jugara y Farías marca aquel gol perdido en la Sudamericana del año pasado.

El Tecla Farías, a los 25 minutos empata el partido.

River uno, Corinthians uno.

L26E-RP2-R- Duração: 1m30s

Gol... Golazo... Golazo... Golazo de River,

Ferrari lo hizo.

Pablo Ferrari en una aparición descomunal. En una aparición como las que tenía en Rosario Central. Por la izquierda, a pura gambetta, a toda velocidad, a puro corazón. ¡Por fin apareció una Ferrari en River, por fin apareció una Ferrari en River!

Empezó a gambetear desde afuera del área, limpió todo el camino brasileño; le salió el arquero la cruzó por bajo. Y este River que emociona, este River que guapea, este River que a veces pega más de lo que... se pensaba; este River da vuelta el partido contra el Corinthians. Ferrari acaba de marcar un auténtico golazo.

River le gana el partido al equipo brasileño, a los 30 minutos apareció una Ferrari en el Monumental.

River dos, Corinthians uno.

L26E-RP3-R- Duração: 1m20s

Gol...De River.

Santana. Santana. Santana de zurda, Santana de zurda.

Manoteó el arquero, la sacaron en la raya... guapeada del Tecla Farías. Santana de zurda, a los 36 minutos marca el tercer gol para River.

Emociona este River. Santana marca el tercer gol contra el Corinthians. Como dice aquella bandera, en la parte de arriba de la San Martín: "Que se vaya la vida en la camiseta". Es por la camiseta y por la vida, como dice aquella bandera. Gana River 3 a 1.

(* Va Corinthians...)

River tres, Corinthians uno.

(*Nueva jugada en el medio del comentario. No se considera por no ser del gol)

L27E-EST1- Duração: 36s

¡Gol! Caldera. ¡Gol...!

Caldera, Calderita, Calderón. ¡Gol...! De Estudiantes de la Plata.

Haciendo acordar a Corigliano con el centro de Verón.

Esta vez fue de Pavone para Calderón.

Y Estudiantes casi que está clasificándose.

Estudiante 1, Goiás 2.

Debe hacer dos goles más el equipo de Brasil para pasar.

L27E-GO1- Duração: 23s

¡Gol! ¡Gol...! Vítor. ¡Gol...! Del Goiás. Vítor.

Centro de Jadilson. Problema insoluble, irrecuperable para Estudiantes.

Gol de Vítor.

Gana el Goiás 1 a 0 y habrá que aguantar un montón ahora, señor comentarista.

L27E-GO2 - Duração: 21s

¡Gol! Nonato. ¡Gol...! Del Goiás.

Nonato de cabeza. No pudo Herrera.

Centro de gol de Jadilson.

¿Cómo es posible que lo dejen venir?

Ha emparejado la llave el Goiás.

Dos, para el equipo brasileño; cero para Estudiantes de la Plata.

Por ahora habrá penales.

Fernando.

L27E-GO3 - Duração: 25s

¡Gol! Del Goiás. ¡Gol...!

Juliano.

Gol del Goiás, Juliano.

Y Estudiantes tendrá que sufrir dos minutos largos.

Una larga... pesadilla deberá pasar Estudiantes, porque Juliano pone 3 a 1 arriba al Goiás.

Que igual, no le alcanza.

Faltan dos minutos que serán como dos horas.

L29E-EST - Duração: 47s

Gol...

Alayes o en contra, Alayes o en contra.

Gol... De Estudiantes de La Plata. Agustín Alayes, el alma de la defensa del conjunto pincharratas, señores.

A los 41 minutos del segundo tiempo, estábamos en la hora de Estudiantes, y convierte el primer gol.

Uno para Estudiantes, cero..., cero para el Sao Paulo, con ese gol de Rogério Ceni en contra.

L30E-SP- Duração: 17s

¡Gol! Edcarlos. ¡Gol...! Del Sao Paulo.

A los 43 minutos, abre la cuenta Edcarlos.

Sao Paulo 1, Estudiantes de la Plata 0.

L30E-Pênaltis

Gol, del Sao Paulo. Oliveira lo hizo. 1 a 0.

Gol, de Estudiantes. Al costado, pero arriba. Calderón pone el 1 a 1, por ahora.

Gol, del Sao Paulo. 2-1 arriba.

Gol, de Estudiantes. Se pone 2 a 2.

Uy, golazo. Le rompió el arco. Señores, 3 a 2.

Gol, mordido pero entró. 3 a 3.

¡Atajó Herrera, señores! [intrerrup] ¡Arajó Herrera, señoras y señores! La chance para Estudiantes de la Plata. Ahí va Alayes.

¡Atajó...! Bueno, este se adelantó en serio. [Interrump] Hasta el medio del área chica. Se queja Herrera, con razón [Interr] Se adelantó hasta el medio del área chica. Hasta el medio del área chica.

Gol, del Sao Paulo.

Afuera... Eliminado Estudiantes de la Plata. Sao Paulo a la semifinal. Increíble la forma de patearlo de Carrusca. Se queda afuera Estudiantes.

L31E-BJ1- Duração: 39s

Gol...Palacio. Gol... Gol... De Boca, ¿y de quién? De Boca, y de Rodrigo.

Para que lo grite Diego, para que lo grite La Bombonera.

19, señores, de este primer tiempo.

Boca, Boca uno, Gremio cero.

L31E-BJ2 - Duração 43s

Gol... (??) sí. Gol... De Boca.

Sí, de Boca y de Román.

Macaya decía que Boca tenía que buscar una mayor diferencia.

Riquelme le dio. Boca lo canta, Boca grita, Boca sueña.
Boca dos, Gremio cero,

L31E-BJ3 - Duração: 49s

Gol...Gol, fuiste vos, Pablo, sí. Gol... Gol... Gol... De Boca.
Puede ser el de la Copa, puede ser el de la Libertadores, puede ser el del título.
Veremos en una semana, pero sí es el tercer gol de Boca.
Boca tres, Gremio cero. Lo hizo Ledesma.

L32E-BJ1- Duração: 41s

¡Gol! ¡Gol... de Boca!
Es el genio del fútbol argentino.
Que no le parezca exagerado, este es Riquelme.
El mejor de la Copa Libertadores es Riquelme. Lo tiene Boca y es Riquelme.
Señoras y señores, Boca es campeón de la Copa Libertadores de América; perdón, es cierto.
24 minutos del segundo tiempo, Boca 1, Gremio 0.
Riquelme lo hizo.

L32E-BJ2 - Duração: 31s

¡Gol...! ¡Gol... de Boca campeón!
Boca campeón, Boca campeón, Boca campeón de la Copa Libertadores 2007.
Señoras y señores, lo hizo Riquelme a los 35 minutos del segundo tiempo.
Señores, señores, señores; se repite una vieja historia: Boca campeón. Se repite con
Riquelme, el abanderado.
Boca 2, Gremio 0.

L32E-BJ1-R - Duração: 31s

¡Golazo...! ¡Golazo...!
Se lo merecía, porque era él, era el diferente, era el de la alegría, el de la categoría. Era
Riquelme.
Desde dónde y dónde la puso. Juan Román Riquelme.
Boca 1, Gremio 0.

L32E-BJ2-R- Duração: 32s

¡Gol...!
De Boca. ¡Él!
Palacio... Rebote... ¿Quién aparece?
Bajen las cortinas... Apaguen las luces... Cierren las ventanas...
(???)

L33E-BJ1- Duração: 29s

¡Gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol!
¡Gol...! De Boca.
Del genio: Juan Román Riquelme.
Gran pase de Battaglia, gran centro de Álvaro González, y el toque para definir excepcional de
Riquelme.
Boca arriba. Boca uno, Cruzeiro cero.

L33E-BJ2 - Duração: 27s

¡Gol! ¡Golazo...! De Boca.
¡Apareció Jesús...! Dátolo para aumentar la diferencia.
Por fin Boca llega al segundo.
Boca dos, Cruzeiro cero.

L33E-CRU - Duração: 16s

Gol. Gol de Cruzeiro.
Gol de Cruzeiro, lo festeja Fabrício.
El desvío fue fatal para Caranta.
Boca dos, Cruzeiro uno.
Fabrício logra un gol que puede valer muchísimo en la definición.

L33E2-BJ1- Duração: 31s

Cantalo, cantalo, cantalo, cantalo, cantalo, cantalo, cantalo. Gol de Boca.
¡Gol...! ¡Gol... De Boca!
En el arco donde le marcó un gol a Maracaibo, ahora, en los 8vos de final...

L33E2-BJ2 - Duração: 35s

¡Gol...! ¡Gol...! De Boca.
Cuando se lo querían comer a Jesús Dátolo, a los 20 minutos, en una gran definición, dice que Boca, que Boca ahora le gana 2 a 0 a Cruzeiro.

L34E-BJ1- Duração: 26s

¡Gol! ¡Gol...! De Boca.
La Joya.
Gran definición de Rodrigo Palacio.
Para él de lejos parece ser más fácil. Excepcional el delantero de Boca.
Cruzeiro cero, Boca uno.

L34E-BJ2 - Duração: 33s

¡Gol! ¡Gol...! De Boca.
El Coloso del Área: Palermo, superando a todos.
Gran centro de Dátolo.
Aumenta la diferencia, Boca.
Le gana a Cruzeiro dos a cero en el Mineirao, nada menos.

L34E-CRU - Duração: 22s

Golazo. ¡Gol...! De Cruzeiro.
Vágner, el zurdo.
Se sentó en el aire. De derecha definió.
Cruzeiro uno, Boca dos. Vágner acorta la diferencia.

L34E-BJ1-R - Duração: 1m 21s

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol... De Boca!

Ro... Ro... Ro... Rodrigo Palacio.

Lo hizo de afuera del área, la clavó en el ángulo izquierdo del arquero Fábio, en un contraataque magnífico.

Le estamos diciendo: Boca juega con autoridad, Boca juega con aplomo. Así se disputa un partido internacional de visitante. ¡Qué importa Brasil! ¡Qué importa lo que es el Mineirão! Boca tiene presencia. Boca no es vulnerable en Belo Horizonte.

Apareció robando una pelota en la mitad de la cancha, no pudo volver rápido, de hecho, se arrastraban volviendo los volantes del equipo brasileño. Fue una ráfaga de Dátolo, con Rodrigo Palacio...

¿Cómo es posible, Rodrigo? Mano a mano imposible de convertir, pero tremendo gol al ángulo.

En fin, todo vale.

Y lo hizo Palacio, señores. A los 36 minutos del primer tiempo, pone Boca uno, Cruzeiro cero.

L34E-BJ2-R - Duração: 1:20

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol... De Boca!

Palermo. Palermo, Palermo, Palermo de cabeza. Palermo en el aire.

Les juro; en el aire ya oía que esto terminaba en gol de Boca.

Por lo que les dice el Tano, lo genial de Dátolo hoy: colaborando atrás, adelante, tirando el centro, siendo respiro para todo Boca. Dátolo, mandando un centro magnífico, se elevó fuera del área chica, Palermo. Genial Palermo, ¡eh! Es de los delanteros altos, pero que además saltan, y no la esperan; y la cambió de palo, al derecho, ganándole al grandote Espinoza, y por supuesto, al arquero que voló y no llegó.

Un gol magnífico de Boca.

Buena preparación: Riquelme, Dátolo por la izquierda y Palermo. Mucha autoridad.

No les quiero cansar con el término, pero Boca empezó el partido, aun atacando Cruzeiro, con mucha autoridad, de lo mejor que vi de Boca este año.

Nada menos en la necesidad de Belo Horizonte.

Boca dos, Cruzeiro cero.

Palermo lo hizo.

L34E-CRU-R - Duração: 27s

¿Gol de tijera? Sí, gol...

¡Gol de tijera, señores! Para Cruzeiro...

Vágner, para mí lo hizo. A los 11 minutos y medio. Vágner, de tijera.

Salió mal el arquero. ¡Cómo le cuesta salir a Caranta! Y cuando sale, tiene dudas.

Descuenta Cruzeiro, gana Boca 2 a 1. Gol de Vágner, cuando estamos en 11.

L35E-BJ1- Duração: 30s

¡Gol! ¡Gol... de Boca!

Lo hizo Riquelme, a los 11 minutos y medio, del primer tiempo.

Abre la cuenta, señores. Lo hizo temprano. Temprano el gol de Boca.

Boca uno, Fluminense cero. Riquelme lo hizo.

L35E-BJ2 - Duração: 36s

¡Gol! ¡Golazo....! De Boca.

Lo hizo Riquelme, señores. A los 19 y medio.

Con razón estaba tan quisquilloso.

Pone en boca de todos, el grito de gol.
Riquelme convierte el segundo.
Durante 19 minutos, Boca lo encerró a Fluminense.
Boca dos, Fluminense uno.

L35E-FLU1- Duração: 21s

¡Gol! ¡Gol...! De Fluminense, señores.
Lo hizo Thiago Silva, el jugador de la selección.
Pone el empate del partido.
15 minutos. 1 a 1.
¿Le pega bien o no Thiago Neves?

L35E-FLU2 - Duração: 13s

¡Gol! de Fluminense, señores.
Lo hizo Thiago Neves.
Para usted, seguro no será importante, pero el arquero se lo comió todo...
31 minutos. 2 a 2 el partido.

L36E-BJ - Duração: 28s

¡Gol! ¡Gol...! De Boca.
Palermo, Palermo, Palermo.
Pero hay que hacerle un monumento a Dátolo.
Señoras y señores, a los 12 minutos, Boca uno, Fluminense cero.
Palermo lo hizo, con la generosidad de Dátolo.

L36E-FLU1- Duração: 14s

¡Gol! ¡Gol...! De Fluminense.
Para mí, no esperaban que fuese Washington.
Señores: empata el partido en 17, 1 a 1.

L36E-FLU2 - Duração: 18s

¡Gol! ¡Gol...! De Fluminense.
Le dio Conca. Se desvió, ¿en Ibarra? en un defensa.
Y esto está 2 a 1 para Fluminense.

L36E-FLU3 - Duração: 19s

¡Gol! ¡Gol...! De Fluminense, señores.
Se ha terminado esto.
Fluminense, con este gol, gana 3 a 1.
Boca... Boca queda afuera de la Copa Libertadores de América.

L38E-EST - Duração: 24s

¡Gol! ¡Gol...! De Estudiantes.
Lo hizo Verón. Señoras y señores, apareció sorprendiendo.
Lo hizo La Gata, lo hizo Verón, lo hizo Estudiantes.
Cinco minutos del primer tiempo: Estudiantes 1, Cruzeiro 0.

Verón lo hizo.

L38E-EST2 - Duração: 22s

Gol...! De Estudiantes.
Lo hizo Gastón Fernández, que hoy, está iluminado.
A los 32 minutos del primer tiempo.
Estudiantes 2, Cruzeiro 0.
Para ustedes: Gastón Fernández.

L38E-EST3 - Duração: 22s

¡Gol! ¡Gol...! De Estudiantes.
Señores: lo hizo Sánchez Prete.
Sigue dulce en ese arco.
28 minutos, tres cero el equipo argentino.

L38E-EST4 - Duração: 18s

¡Gol! ¡Gol...! De Estudiantes.
Quien tenía ganas de hacerlo, fue Sánchez Prete, señores.
32 minutos, cuatro cero Estudiantes.

L40E-CRU - Duração:

¡Gol...! De Cruzeiro.
Henrique, de afuera. A los 6 minutos 40.
Lo sorprendió el pique a Andújar.
Cruzeiro, uno; Estudiantes de la Plata, cero.

L40E-EST1 - Duração: 28s

¡Gol! ¡La Gata! ¡Gol...! ¡Gol... De Estudiantes de la Plata!
Magnífica pelota de Verón, centro de Cellay y gol de La Gata. No llegó Fábio.
Estudiantes, uno; Cruzeiro, uno.

L40E-EST2 - Duração: 33s.

¡Gol! ¡Gol...! ¡Gol...! De Estudiantes de la Plata.
Mauro Boselli, de cabeza.
Estudiantes, dos; Cruzeiro, Cruzeiro, uno.

02P- P1 - Duração: 54s.

Gol... Él... Do Palmeiras.
Alex. Aos 17 do primeiro tempo.
Habilidoso, matou no peito limpou a jogada.
Olha o lançamento do Zinho, ajeita no peito o menino Alex. Vai pra cima do Berizzo, abriu o espaço, partiu a bomba na perna esquerda, no deu pro Bonanno e ele saiu pro abraço.
Um pro Palmeiras, zero pro River Plate.
17 apenas do primeiro tempo e já está tudo igual no confronto Palmeiras e River Plate.

L02P-P2 - Duração: 45s

Gol... É!... Do Palmeiras

Roque Jr. de cabeça.

Aos 19 do primeiro tempo, dois minutos depois do primeiro gol.

Roque Jr. meteu a cabeça, Bonanno se esticou, não achou.

Dois pro Palmeiras, zero pro River.

Já bota a frente o Verdão de Parque Antártica.

Dois a zero Palmeiras

L02P-P3 - Duração: 44s

Gol... É... Do Palmeiras.

Alex, a fera do jogo.

Que toque bonito, não deu pro Bonanno.

É bater pro gol e sair pro abraço.

Sair pra comemorar a classificação pra final da Libertadores.

43 e 30 do segundo tempo.

Três a zero pro Palmeiras.

L04P-RC1 - Duração: 31s.

¡Gol...! É do Rosario.

Pizzi, é o nome da fera.

Empatando o jogo aos 37 minutos desse primeiro tempo.

Numa cobrança de escanteio, você está vendo a vibração do banco do Rosario Central.

Mais uma vez, Cândido Garcia, agora Corinthians 1, Rosario 1.

Falhou a zaga corintiana.

L04P-RC2 - Duração: 32s.

¡Gol...! É do Rosario.

Gordillo, é o nome da fera.

Aos 30 segundos, do segundo tempo. Gordillo faz Rosario Central 2, Corinthians 1.

Limpou a jogada em cima do Daniel, para fazer o segundo gol do Rosario Central.

Agora, Rosario Central tem 2, Rosario Central tem 1.

Cândido Garcia.

L04P-SCCP1 - Duração: 36s.

Gol! Gol...! É do Corinthians.

Luizão, sempre ele, ele, ele. Sempre ele, Luizão. Esse é o nome da fera.

O primeiro do Corinthians no Pacaembu. O décimo do Luizão na Libertadores da América.

Agora, aos 31 minutos do primeiro tempo, o Corinthians tem 1, o Rosário Central tem 0.

Cândido Garcia.

L04P-SCCP2 - Duração: 31s.

Gol...! É do Corinthians!

Edilson, é o nome da fera.

Edilson empata o jogo aos 12 minutos do segundo tempo.

Agora, o Corinthians tem 2, o Rosario Central tem 2.

Um grande jogo de bola, Cândido Garcia.

L04P-SCCP3 - Duração: 42s.

Gol...! É do Corinthians!

Ele, ele, ele, ele, ele, ele. Sempre ele, sempre ele, Luizão, é o nome da fera.

O décimo primeiro gol do artilheiro.

Incendiando o estádio do Pacaembu.

Agora, aos 14 minutos do segundo tempo.

Agora, o Corinthians tem 3, Cândido Garcia, o Rosario Central tem 2.

Vira, vira, vira, virou, Coringão.

L04P-Penales

Gol...! Do Corinthians. Ricardinho. Marca o primeiro. Explodindo a Fiel, aqui no Pacaembu.

Gol...! Do Rosario. Pizzi confirma a sua cobrança. 1 a 1.

Gol...! Do Corinthians. Marcos Senna faz o segundo.

Gol...! Do Rosario. Canals, convertindo o segundo para a equipe argentina.

Pra fora! Pra fora, Edu! Perde o Corinthians, na sua terceira cobrança. E o Marcelinho vai receber o jogador Edu; enquanto que parte da torcida, aplaude o Edu.

Gol...! Do Rosario. Rivarola, marcando o terceiro. 3 cobranças do Rosario, 3 gols. O

Corinthians: 3 cobranças, 2 gols.

Gol...! Do Corinthians. Luizão faz o terceiro. Tudo igual. Tudo igual no Pacaembu. O Rosario tenta a vantagem.

Dida! Dida defendeu! Dida, Dida, Dida, Dida defendeu! Tudo igual. Tudo igual no Pacaembu. Apareceu Dida.

Gol...! Do Corinthians. Marcelinho, a quinta cobrança corintiana. O quarto gol. Agora, é o Gordillo. Gordillo contra o Dida.

Pra fora! O Corinthians está nas quartas-de-final da Libertadores da América. O Corinthians vence na cobrança de pênaltis. Chuta pra fora o Gordillo, o Corinthians está nas quartas-de-final da Libertadores da América. Ao estilo corintiano: o sofrimento e a classificação... aqui no Pacaembu.

L13P-PAY - Duração: 26s

Gol...

Alegria do futebol!

Iarley, número 7.

Um (??) pro Paysandu, Paulo...

L19P-RC - Duração: 32s

É gol. Gol...Do Rosario Central.

Belloso. Um belo gol.

Ele deu o corte, levou o Fabão e colocou a bola longe do Rogério Ceni.

Um para o Rosario Central, zero para o São Paulo.

Que coisa, é Roberto Assaf?

L20P-Penales - Duração: 1:50

... pé direito, partiu, bateu.... Defende o goleiro argentino.

Partiu (??) ... Que bomba, amigo. Que bomba.

Partiu Grafite... Pé direito... E gol de São Paulo.
(??) na cobrança... Ele e Rogério. Partiu, bateu... Bateu bem na bola, meteu lá dentro. Rogério foi pro lado certo.
Partiu Luis Fabiano, pé direito... Gol... E o goleiro quase pegou, amigo.
Talamonti contra Rogério... Capricha, vai que é sua, Rogério. Partiu, pé direito Talamonti... O gol do Rosario.
Partiu, pé direito... Que bomba, amigo.
Partiu, bateu... Rogério foi na bola...
Rogério Ceni contra Gaona. Se ele fizer, depois vai ser Gaona contra Rogério Ceni. Partiu Rogério, pé direito, bateu... Gol... Do São Paulo. Chega ao quarto gol São Paulo.
Gaona contra o Rogério... Fica rindo o Gaona... Ele contra o Rogério, é a hora da decisão... Autoriza o árbitro... Partiu o Gaona, pé direito, bateu... Rogério!! Rogério pegou!! ... (??)... Gaona, nem de longe de bater pênalti... Olha só: o Rogério foi no canto certo... Caiu para a defesa, deu até pra segurar...
Gabriel e Gaona... Autoriza o árbitro... Partiu Gabriel... Cobrou... Gol... Do São Paulo.
Ele e o Rogério... Vai que é sua Rogério... Partiu...

L20P-RC - Duração: 11s

Gol...
Um a zero para o Rosario Central, não deu pro Rogério Ceni

L20P-SP1- Duração: 53s

Gol... É... Do São Paulo
Grafite, número 7.
Cicinho meteu lá, no segundo pau, toque pro meio. Chegou por lá o Rodrigo, escorou de cabeça... Grafite, que entrou muito bem no jogo, meteu a cabeça na bola... meteu lá dentro... O São Paulo empata no último lance do primeiro tempo...
Os argentinos reclamam, botam pressão...
E agora funciona legal esse negócio de ficar no campo... Agora funciona legal

L20P-SP2 - Duração: 45s.

Gol... É... Do São Paulo...
Grafite, número 7...
Fez lambança o goleirão... (??)... deixou escapular, saiu desesperado atrás dela...
Grafite deu um toquinho e deixou (??)
Dois para o São Paulo, um para o Rosario.

L20P2-RC - Duração: 35s.

É gol. Gol... Do Rosario.
Herrera.
No início do jogo faz um gol que leva à loucura a torcida do Rosario: *Los Canallas*, como são conhecidos os torcedores do time argentino.
Um a zero pro Rosario.
E esse gol complica a vida do São Paulo, que agora vai ter que fazer dois para levar a decisão para os pênaltis, e três para se classificar no tempo normal, eh?
Roberto Assaf.

L20P2-SP1- Duração: 37s

É gol. Gol... Do São Paulo.

Grafite.

Empata o jogo e faz a festa da torcida saopaulina no Morumbi e em todo o Brasil.

Um gol importantíssimo no final do primeiro tempo. Diminuindo a diferença e empatando o jogo.

Um a um Rosario Central e São Paulo.

São Paulo precisa de mais um para levar para os pênaltis, e de mais dois para se classificar.

Roberto Assaf.

L20P2-SP2 - Duração: 47 s

É gol. Gol... Do São Paulo.

Grafite. Aos 30 minutos do segundo tempo.

Numa jogada de raça do Luis Fabiano, e de mais raça ainda do Grafite, na bobeira do Gaona.

Veio, aproveitou o rebote, foi levando com tudo até a bola entrar.

O São Paulo vira o jogo, dois a um. E com esse placar, o jogo vai para os pênaltis.

Gaona ficou reclamando que houve falta nele.

Dois a um para o São Paulo, dois gols do Grafite.

Roberto Assaf.

L20P2-Pênaltis - Duração: 4:56

(Bateu),,, Defendeu Gaona. Mas que desagradável, heim? Logo na primeira cobrança, São Paulo perde; Roberto Assaf.

(Bateu...) Que bomba! No meio do gol. A bola passou perto do Rogério Ceni, mas ele nem viu, heim? Um a zero Rosario.

(Bateu...) É gol. Gol do São Paulo, Grafite. Muita categoria, no canto. Um a um.

(Correu Herrera...) No canto, é gol. Gol do Rosario. Herrera. Como ele bateu bem esse pênalti, no cantinho. Dois a um para o Rosario.

(Bateu...) É gol. Gol do São Paulo, Luis Fabiano. Dois a dois. O Cicinho já errou e o Rosario até o momento não errou nenhum pênalti.

(Bateu...) E é gol. Gol do Rosario Central. Os argentinos não erram. Três a dois.

(Bateu...) É gol. quase que ele perdeu, mas a bola entrou.... (comentarista)... Olha lá... Bateu bem, três a três. é impossível para o goleiro pegar.

(Correu...) Quase, quase o Rogério Ceni pegou. Que pena. Pênalti não é a especialidade do Ferrari, não.

(bateu..) É gol. São Paulo está vivo. (comentarista)... Mas agora ele vai para um duelo com seu companheiro de posição. O Gaona vai bater. E o Gaona tem que perder, porque se o Gaona fizer, um abraço. Acaba e o Rosario está classificado.

(Bateu...) Defendeu Rogério Ceni! Defende o Rogério Ceni. O São Paulo tem a chance. Bateu ridiculamente o Gaona, com o tornozelo na bola. E o Rogério Ceni pegou. O São Paulo tem uma sobrevida, tem a chance.

(bateu..) É gol. Gol do São Paulo. 5 a 4 pro São Paulo. Agora, todos nós temos que torcer para que o Rosario perca.

(Bateu...) Defendeu Rogério Ceni! O São Paulo está classificado para as quartas de final da Libertadores de América. Que emoção! Um teste para o coração da torcida saopaulina. Parecia que tudo estava perdido, mas de repente o Gaona perdeu o pênalti e o São Paulo consegue a classificação.

L23P-SP1 - Duração: 59s

Gol...

Danilo. Do São Paulo.

Passados 31 minutos do segundo tempo.
Um segundo tempo que tem desde seu início o São Paulo muito melhor o gol.
Sobra pro Danilo, ele ajeita, enche o pé, ela escapa do goleiro e vai pro fundo do gol.
Danilo, camisa 10.
Vibra São Paulo. São Paulo um, River Plate zero. É o segundo gol do Danilo na Libertadores.
Abre um sorriso o torcedor do São Paulo, está na frente.

L23P-SP2 - Duração:

Gol...
Rogério. Do São Paulo. 44 minutos.
Com a precisão que tem caracterizado as batidas do Rogério, seja em pênalti, seja em falta.
Pé direito na bola, no canto direito, pro fundo do gol.
Rogério, camisa 1.
É o quinto gol do Rogério na Libertadores, é décimo terceiro gol do São Paulo...
É o décimo terceiro gol do Rogério na temporada 2005. Ele é vice-artilheiro do São Paulo na temporada, passou dois gols atrás do Diego Tardelli, um à frente do Grafite, e acaba de se consagrar agora.
Nunca tinha visto isso: ele é artilheiro do São Paulo na Libertadores.

L23P2-SP1- Duração: 39s

Gol. Do São Paulo.
Danilo.
Tomou a sobra, um monte de gente na frente dele. Ele soltou a bomba.
Aos 31 minutos tira o São Paulo do sufoco no Morumbi.
Danilo.
Veja de novo: dominou, caprichou, soltou a bomba e ela foi no cantinho do goleiro Constanzo.
Ainda bateu na grama para tirar o goleirão da jogada.
1 a 0.
Paulo César Vasconcellos.

L23P2-SP2 - Duração: 33s

Gol. Do São Paulo.
Rogério Ceni.
O goleiro acerta o canto, quase pega; mas ele vem forte e determina o segundo gol do São Paulo no Morumbi.
São Paulo dois, River Plate zero.
São Paulo pode até perder por um gol de diferença em Buenos Aires.
Se fizer gol, pode até perder por dois gols de diferença.
Paulo César Vasconcellos.

L24P-RP1 - Duração: 19s

Gol... É do River Plate.
Ernesto Farías.
Farías empata o jogo.

L24P-RP 2 - Duração: 18s

Gol... É do River Plate.
Marcelo Salas.

O River faz o segundo. O Marcelo Salas é um excelente finalizador.
O River chega ao segundo gol.

L24P-SP1 - Duração: 25s

Gol... É do São Paulo.
Danilo.
Pra desespero do Leonardo Astrada.
Um para o São Paulo, Danilo; zero para o River Plate.

L24P-SP2 - Duração: 25s

Gol... É do São Paulo.
Amoroso.
O São Paulo está na frente de novo.
Amoroso.
São Paulo dois, River Plate um.

L24P-SP3 - Duração: 21s

Gol... É do São Paulo.
É de Fabão.
Com direito a homenagem a barriga.
Três para o São Paulo, um para o River.

L24P-RP1-R - Duração: 22s

Gol... Do River...
Farías, camisa 9.
Cobrada a falta, bola levantada na área, Farías pôs o peito, estava livre, girou e bateu...

L24P – RP2-R - Duração: 23s

Gol...
Marcelo Salas, camisa 11.
Ele recebeu pela meia esquerda, bateu forte, cruzado, pro canto esquerdo do Rogério Ceni, e nem comemorou...
Na marca de 39 minutos da etapa final do jogo, Marcelo Salas, Marcelo Salas, Marcelo Salas.

L24P-SP1-R - Duração: 27s

Gol...
De Danilo para o São Paulo.
Escanteio batido, no meio da defesa. Alex subiu, Danilo subiu. Danilo subiu com mais inteligência e tocou de cabeça.

L24P- SP2-R - Duração: 23s

Gol... Do São Paulo.
Amoroso.

L24P-SP3-R- Duração: 29s

Gol... Do São Paulo. É do São Paulo.

L25P-ELP1 - Duração: 36s

Gol... É, do Estudiantes.

Num lançamento nas costas do Jadilson,

Estudiantes sai na frente. Um para Estudiantes, zero para Goiás. 35 do segundo tempo.

O Goiás resistiu muito, Escobar. Brigou, lutou, foi bravo; mas o Estudiantes faz um a zero, mais perto do fim do jogo.

Alex Escobar.

L25P-EST2 - Duração: 29s

Gol... É, do Estudiantes.

Calderón.

Batendo pênalti com muita categoria. Segundo gol do Estudiantes.

Aí Burruchaga, com o olhar meio preocupado ainda, mas ele sabe que esse segundo gol faz muita diferença no confronto.

Alex Escobar.

L26P-RP1- Duração: 23s

Gol... Gol do River Plate, com Farías, camisa número 11.

A defesa do Corinthians não conseguiu afastar o cruzamento.

A bola sobrou pro Farías.

Deixando tudo igual no Monumental de Núñez.

L26P-RP2 - Duração: 19s

Gol... Gol do River.

Ferrari, camisa número 4. Aos 30 minutos do primeiro tempo.

Dois para o River, um para o Corinthians.

L26P-RP3 - Duração: 20s

Gol... Do River...

O River aumenta a vantagem para cima do Corinthians.

Do Santana.

L26P-SCCP1 - Duração: 26s

Gol... Do Corinthians.

Carlitos Tévez, camisa número 10.

Vibra muito o Tévez. É o Corinthians na frente do River.

Um pro Corinthians, zero pro River.

L26P-SCCP2 - Duração 23s

Gol... Do Corinthians.

Xavier, camisa número 20.

Agora três para o River, dois para o Corinthians.

L27P-EST - Duração: 33s

Gol... É, do Estudantes.
Calderón.
Calderón faz de cabeça o gol do Estudantes.
A festa é argentina em Goiânia.
E agora o Goiás precisa de mais dos.
Calderón
Goiás dois, Estudantes um.
Precisa de dois gols, estamos com 31 minutos e o Goiás agora vai ter que partir com tudo.
Alex Escobar.

L27P- GO1 - Duração: 31s

Gol... É do Goiás.
Vitor. Vitor.
Ele acreditou no lance até o fim. Estava atrás da linha da bola na hora do chute do Jadilson.
Vitor.
Um para o Goiás, zero para o Estudantes.
Alex Escobar.

L27P-GO2 - Duração: 34s

Gol... É, do Goiás.
Nonato de cabeça. Nonato faz o segundo.
E temos apenas 20 minutos no segundo tempo. O Goiás tem pelo menos mais 25 para tentar o terceiro, para se classificar sem pênaltis.
Nonato.
Goiás dois, Estudantes zero.
Alex Escobar.

L27P-GO3 - Duração: 30s

Gol... É, do Goiás.
Juliano.
O Goiás faz o terceiro.
Juliano.
Bonito, de primeira no canto.
Temos ainda mais um minuto de jogo. Será que o juiz vai dar mais? Aliás um não, mais dois.
Temos mais dois minutos.

L30P-SP - Duração: 50s

Gol...
Edcarlos, do São Paulo.
O São Paulo abre o placar no Morumbi.
Sofrido, suado, na bola parada. Junior bateu, ela passa por todo mundo, não pelo pé esquerdo do Edcarlos, que manda pro fundo do gol.
Edcarlos, camisa 4, no minuto final do tempo regulamentar da primeira etapa.
O São Paulo abre o placar no Morumbi.
O São Paulo iguala...

L31P-BJ1 - Duração: 30s

Gol... É, do Boca.
Palacio faz o primeiro, Palacio faz o gol do Boca.
Eu falava antes da cobrança, eu citava exatamente essa jogada: o cruzamento para o Palermo com Palacio fechando pelo meio.
O Grêmio parou.
Palacio faz um a zero.
Alex Escobar...

L31P-BJ2 - Duração: 20s

Gol... É, do Boca.
Riquelme faz o segundo gol na Bombonera.
O Boca faz dois a zero.
Alex Escobar.

L31P-BJ3 - Duração: 27s

Gol... É, do Boca.
Ledesma.
A bola tocada pelo Ledesma, subiu e caiu dentro do gol do Grêmio.
O Boca consegue o terceiro no fim da partida.
Era tudo que o torcedor do Grêmio não queria nesse momento.

L31P2-BJ1 - Duração: 35s

Gol...
Palacio. Do Boca.
Festa argentina na Bombonera.
Palacio faz o gol de abertura da final da Libertadores.
A falta batida pelo Riquelme...
José Roberto Wright?

L31P2-BJ2 - Duração: 1:10

Gol...
Riquelme. Do Boca.
Bola rolada, tirou um pouco da barreira.
Ele faz vibrar de novo o torcedor do Boca na Bombonera. E escreve o nome dele como o nome do jogo, Riquelme, né?
A vibração do torcedor do Boca Juniors.
Riquelme bateu a falta. Ó, a bola é rolada para ele, a barreira se desmancha, e ela entra no canto direito, no canto em que o Saja estava ali, mas... longe, né? que a barreira estava protegendo o canto direito.
Quando o Saja foi, ela entra bem no cantinho.
Gol do Riquelme, camisa 10.
Riquelme é o artilheiro do Boca na Libertadores. Cinco gols marcados.

L31P2-BJ3 - Duração: 1:01

Gol...
Ledesma. Do Boca. Aos 44 minutos.
A torcida do Boca, que comemorava, agora delira absolutamente em La Bombonera.

O Riquelme pegou na bola, ele que está dando esse abraço apertado aí no Ledesma, ele pegou a bola livre, driblou, chutou, o goleiro rebateu; o Saja, era uma bola difícil para o Saja. Ó, ameaçou uma, ameaçou chutar a segunda, na terceira ele bateu. O rebote vai lá pra ponta esquerda, cruza o Palermo...

Eu ia perguntar para você se foi falta, não foi nada, né Wright?

L32P- BJ1 - Duração: 47s

Gol...!

Riquelme, do Boca.

Acerta um chute impressionante! Para a torcida do Boca, para os 2700, 3000 torcedores do Boca comemorarem muito.

Olha o chute que acertou o Riquelme!

Pegou com espaço, bateu para o gol. Ela entrou na lateral do gol do Saja.

Riquelme, camisa 10, Boca 1 a 0.

E a reação da torcida do Grêmio é de quem está em clima de paixão com o time. Grita o nome do Grêmio, o campeonato do ano passado...

L32P- BJ2 - Duração: 48s

E o gol do Boca com Riquelme em mais um contra-ataque!

Rapidíssimo, objetivíssimo do time do Boca.

Riquelme, Palacio...

Quando Saja saiu ainda conseguiu a defesa e o Riquelme chegou antes da marcação, para fazer o gol.

No rebote, Patrício e o William fecharam, o Riquelme jogou a bola na rede, aos 36 minutos.

Riquelme chega a 8 gols y faz 2 a 0.

Agora, ficou tudo aberto, né?

L32P-BJ1-R - Duração: 44s

Golaço...!

Lindo! ¡Lindo gol!

No único espaço que deixaram ele, no bico da grande área pela direita de ataque.

Ele domina, um canhão, o Riquelme de perna direita mandando na forquilha direita do goleiro Saja.

Riquelme, o nome do jogo. Riquelme, a diferença do futebol do Boca para Grêmio. Riquelme, o maior do time do Boca. Riquelme para dar o hexacampeonato da Libertadores.

L32P-BJ2-R - Duração: 1:08

Fez! Fez! Gol...! Do Boca!

Riquelme, de novo o predestinado craque, a diferença. Riquelme, o grande jogador camisa 10 do Boca Juniors da Argentina.

Em jogada pela direita, campo de ataque, Riquelme ganhou no meio, já soltou para o Palacio; o Palacio entrou na cara do goleiro Saja; o Saja saiu, o Palacio bateu; deu um tapa na bola, o Saja sobrou no pé do Riquelme; mas um presente mais que merecido por tudo que ele fez nesses dois jogos decisivos entre Boca e Grêmio.

Riquelme faz o segundo do Boca. Riquelme faz o segundo do Boca.

A diferença, o craque, o fora do comum: Riquelme para o Boca.

Repito: a diferença entre Grêmio e Boca é só uma: Riquelme.

Gol, a emoção maior do futebol.

L33P-BJ1 - Duração: 38s

Gol! Gol,,,! Do Boca!

Riquelme, camisa número 10.

No cruzamento. Bola de linha de fundo, com González; uma bola lenta, rasteira, e o Riquelme chegou para bater na bola sem muita dificuldade.

Abre o placar o Boca Juniors, 6 minutos de partida na Bombonera.

Um a zero pra cima do Cruzeiro.

Alex Escobar...

L33P-BJ2 - Duração:

Gol! Gol...! Do Boca.

Jesús Dátolo, camisa 23.

Com quase 20 minutos do segundo tempo, o Boca Juniors faz o segundo gol na Bombonera.

Entrou na área, driblou e encheu o pé. Mandou a bola pra rede, Dátolo.

Dois para o Boca, zero para o Cruzeiro.

Tava impedido Dátolo não aí, Alex? Tive impressão de impedimento do Dátolo...

L34P- BJ1 - Duração: 27s

Gol...! Do Boca.

Num belíssimo gol do Palacio.

Aos 36 minutos, tirou o Espinoza da jogada e mandou no ângulo, fora do alcance do Fábio

L34P-BJ2 - Duração: 23s

Gol...! Do Boca

Palermo. Aos 43 minutos.

Bola pelo alto, e o Palermo, tava sumido no jogo, meteu a cabeça e fez a torcida do Boca no Mineirão, vibrar.

L34P-CRU - Duração: 21s

Gol...!

Vágner. Do Cruzeiro.

Aos 11 minutos do segundo tempo, e que golaço do Vagner!

L35P- BJ1- Duração: 25s

Gol...! É do Boca.

Riquelme.

Funcionou o trio. Palermo chamou Palacio, cruzamento para Riquelme e Riquelme, Riquelme livre, faz um para o Boca, zero para o Fluminense.

L35P-BJ2 - Duração: 20s

Gol...! É do Boca.

Riquelme, de novo, agora cobrando falta, a bola tocou na barreira.

Dois para o Boca, um para o Fluminense.

L35P-FLU1 - Duração: 24s

Gol...! É do Fluminense.
Thiago Silva empata.
A torcida do Boca responde imediatamente.
Thiago Silva.
Um Boca, um Fluminense.

L35P-FLU2 - Duração: 24s

Gol...! É do Fluminense.
Thiago Neves.
Acreditou e chutou da entrada da área.
Migliore aceitou.
Dois Boca, dois Fluminense.

L35P2- BJ1 - Duração: 21s

Gol! Gol...! Do Boca.
Aos 11 minutos, vibra o Riquelme.
Terceiro gol dele na Libertadores.
Ele não jogou praticamente na primeira fase. Teve uma contusão muito séria.
Wright vai falar já, da posição do Palacio e a finalização do Riquelme.

L35P2-BJ2 - Duração: 30s

Gol...! Do Boca.
Riquelme, número 10.
Ele que bateu essa bola. E bateu por último no Romeu. O primeiro desvio no Cícero... Depois...
Cícero e Romeu. E aí não dá para o Fernando Henrique.
A bola subiu e foi precisa, aí, exata no ângulo.
O craque ainda foi bafejado pela sorte.

L35P2-FLU1 - Duração: 26s

Gol...!
Cobrança de Thiago Neves. Antecipação desse zagueiro que é um gigante.
A cabeçada vem perfeita, inapelável para o goleiro Migliore.
Thiago Silva, número 3.
O Fluminense empata o jogo.

L35P2-FLU2 - Duração: 21s

Gol...!
Aos 31 minutos.
Washington foi na dividida, Paletta tirou, Thiago mandou a bomba.
'Migliore' aceitou.
É bola no fundo da rede, é gol do Fluminense.

L36P-BJ - Duração: 34s

Gol...! É do Boca.
Martín Palermo, livre.
Cabeceando na pequena área e fazendo um para o Boca, zero para o Fluminense.
Palermo.

Você está vendo mais uma vez a jogada pela esquerda...Cruzamento forte, livre Palermo e a bola entre Fernando Henrique e a trave.
Junior.

L36P- FLU1 - Duração: 35s

Gol...! É do Fluminense.
Washington, batendo falta. Washington empata o jogo.
Bate no coração: Washington.
Leva o grito à torcida do Fluminense.
Um para o Fluminense, um para o Boca.
Washington.
Junior.

L36P-FLU2 - Duração: 44s

Gol...! É do Fluminense.
Conca.
O torcedor vai às lágrimas com o gol do Conca.
Num lance de muita sorte de Darío Conca.
O Fluminense vira o jogo no Maracanã.
Conca. A bola toca em Ibarra. Não deu para Migliore.
Fluminense 2, Boca 1.
Darío Conca...
Junior.

L36P-FLU3 - Duração: 31s

Gol...! É do Fluminense.
Dodô.
Dodô coloca o Fluminense na final da Libertadores.
Dodô. Palacio saiu jogando, errou o passe. Dodô aproveitou.
Três de Fluminense, um Boca.
Vitorino Chermont.

L36P2-BJ1 - Duração: 47s

Gol...! Do Boca.
Palermo, o número 9.
Abre o placar no Maracanã o Boca Juniors.
A comemoração do Palermo... Artilheiro, ídolo. O maior artilheiro da história do Boca.
De cabeça, no cantinho esquerdo, entre a trave e o pé esquerdo do Fernando Henrique.
Olha a bola onde vai para o Palermo. Passa entre o pé esquerdo e a trave... O pé esquerdo do Fernando Henrique.
Oitavo gol do Palermo na Taça Libertadores de América.

L36P2-FLU1 - Duração: 35s

Gol...! Do Fluminense.
Washington, número 9.
Numa cobrança magistral...

L36P2-FLU2 - Duração: 45s

Gol...! Do Fluminense.
Jogada de Dodô. Conca fechando do lado esquerdo.
A bola toca no Ibarra e engana o Migliore.
Do argentino Conca.
É virada do Fluminense no Maracanã.

L36P2-FLU3 - Duração: 36s

Gol...! Do Fluminense.
E é de Dodô, número 11.
Entrou para mudar o destino do Fluminense e do futebol brasileiro na Libertadores.

L36P-BJ-R - Duração: 46s

Entrou! Gol...! Do Boca.
Palermo, Palermo de cabeça.
E que banho de bola o Gabriel levou lá na ponta canhota.
Cruzamento, o Palermo sozinho cabeceou na frente, na frente do goleiro Fernando Henrique.
O Gabriel tomou um show de bola.
No cruzamento pelo alto, o Palermo cabeceou no cantinho, no fundo do barbante.
Aos 12, 12 minutos de jogo do segundo tempo: Palermo, camisa 9.
Boca 1, Fluminense 0.

L36P-FLU1-R - Duração: 51s

Entrou! Gol...! Do Fluminense.
Wa... Wa... Washington.
Todo mundo esperava Thiago Neves bater. Washington bateu de caneta direita. Encobriu. Foi lá no ângulo esquerdo do goleiro Migliore.
Aos 17 do segundo tempo, aos 17 do segundo tempo.
Washington de falta, camisa 9. Empata e coloca o Fluminense na final, até agora.
Fluminense 1, Boca 1.
Valeu!

L36P-FLU2-R - Duração: 42s

Entrou! Gol...! Do Fluminense.
Con... Con... Conca.
Com a ajuda da sorte. Ele cruzou, a bola bateu no camisa 4, Ibarra, e foi no fundo do barbante.
Aos 26, 26 do segundo tempo desempata.
Agora: Fluminense 2, Boca 1.
Valeu!

L36P-FLU3-R - Duração: 45s

Entrou! Gol...! Do Fluminense.
Dodô, Dodô. Ele que perdera dois gols feitos, marcou agora, no presente da zaga do Boca.
Dodô, invasão de campo, um cara sem camisa (??).
Dodô, 47, faz o terceiro e fecha o caixão.
Invasão de gramado, alegria de tricolor. É preso agora o cara.
Três a um, Fluminense.
Dodô marcou o terceiro aos 47.

L36P-FLU1-R2 - Duração: 80s

Que lindo, que lindo que lindo!
Gol! Golaço do Washington.
Gol...! Lalá, lalaço do Fluzão.
Que momento extraordinário para a galera tricolor aqui, no Maracanã.
Que cobrança bacana, Washington, com pé direito, quando todo mundo esperava o Thiago Neves.
Aí, “Coração de leão”. Aí, gigante tricolor, Washington.
Decisivo, sempre na hora difícil ele aparece, ele salva o Flu.
Esse golzinho pode colocar o Fluzão na final da Copa Libertadores da América.
Apenas um gol e um passo histórico enorme para o Fluminense.
Washington.
Essa galera faz a festa aqui no Maraca, e a rede do grande Boca, a rede do Boca balança, e como balança aqui no Maracanã.
18 minutos de jogo. Segundo tempo. Resposta imediata: Washington.
Fluzão empata o jogo no Maraca.
(Fluminense*) Agora tem um, golaço do Washington. Boca Juniors tem um também.

(*) Voz em off.

L36P-FLU2-R2 - Duração: 83s

Gol! Que lindo, que lindo, que lindo!
Gol...! É do Fluzão, é do Fluzão, é do Fluzão.
Só pode ser uma conspiração dos deuses tricolores. Só pode ser.
Uma magia que mistura raça, determinação e muita sorte. E uma noite inspirada, uma combinação que faz ao Fluminense chegar ao terceiro gol.
O Conca bateu mal, bateu fraco. A bola bateu na zaga, tocou no Ibarra e acabou matando o goleiro Migliore, do Boca. É da Argentina.
Está lá até agora. Balança e como balança aqui no Maracanã. A rede balança, e quem pulsa forte, pulsa firme, acelerado é o coração tricolor. Bate que bate o coração dessa galera.
Darío Conca. Fluzão. Assim vai para a final o time do Fluminense.
Darío Conca, o argentino. Tinha que ser de um argentino para fazer aqui o placar do Maracanã diferente, na CBN.
[Fluminense*] Um, dois. Boca, um.

(*) En off

L36P-FLU3-R2 - Duração: 68s

Que lindo, que lindo, que lindo...! Que lindo!
Aí, Dodô. Que lindo!
Gol...! É do Fluzão, é do Fluzão, é do Fluzão.
Dodô, para colocar o Fluminense na grande final da Copa Libertadores de América.
E construir o mais belo capítulo da história tricolor. Desde 1902. Legal, Dodô!
Roubou a bola, entrou na área, deu o drible, e tocou no cantinho de Migliore. Erro do Boca, alegria tricolor aqui no Maracanã.
Dodô, estava dizendo, Dodô, muda o placar da CBN no Maracanã.
[Fluminense*] Agora sim, nação tricolor, comigo, agora sim: Fluzão um, dois, três. Boca Juniors, da Argentina, um.

(* Voz em off)

L37P-CRU1 - Duração: 24s

Gol...! Gol..., do Cruzeiro!
Fernandinho, cobrando pênalti.
Abre a contagem no Mineirão, para delírio da torcida do Cruzeiro.
Um pro Cruzeiro, zero pro Estudantes.
Escobar.

L37P-CRU2 - Duração: 27s

É gol! Gol...! Do Cruzeiro.
Kléber. Camisa 25.
Que enfiada de bola do Wellington Paulista.
Dois para Cruzeiro, zero para Estudantes.
Escobar

L37P-CRU1-R- Duração: 43s

Passou!
Gol...! É do Cruzeiro.
Fernandinho. Na cobrança do pênalti.
Forte, no canto direito do goleiro Andujar. Inapelável, para o goleiro argentino.
Bola na rede e o torcedor da raposa solta o grito no Mineirão para comemorar.
tem gol do Cruzeiro na Libertadores. É o primeiro gol do Cruzeiro na Libertadores 2009.
Faltavam 28 minutos para o fim do jogo. Jogo complicado, jogo difícil contra Estudantes da Argentina.
E Fernandinho, de pênalti, marca.
Cruzeiro 1, Estudantes 0.
Andujar, essa aí passou.

L37P-CRU2-R- Duração: 86s

Passou! Gol...! É do Cruzeiro.
É do Kléber, o Gladiador.
Kléber teve um ótimo 2008 com a camisa do Palmeiras. Estreia com a camisa azul, troca de cor, mas vai para o outro Palestra. Deixa o Palestra de São Paulo e vai para o Palestra de Belo Horizonte. E na estreia, com poucos minutos em campo, na Copa Libertadores, recolhe na grande área, bate cruzado, no cantinho. Brilha a estrela de Kléber.
Quem é bom é bom, meu amigo. Kléber, coloca na rede. Marca o segundo do Cruzeiro.
Faltando 21 minutos para o fim do jogo no Mineirão, mais um da Raposa, mais um do Cruzeiro.
Torcedor está feliz. Solta o grito para comemorar! Tem gol do Cruzeiro na Libertadores, tem gol do estreante Kléber.
Kléber marca Cruzeiro um, dois. Estudantes, zero.
Andujar, essa aí passou.

L37P-CRU1-R2- Duração: 44s

Gol, gol, gol, gol, gol, gol, gol! Gol...!
(¿?) Fernandinho bateu forte, de perna esquerda. Um chute (??) no canto direito. Sem ação, para Andujar.

Atenção, torcida celeste: Cruzeiro balança, balança, balança pela primeira vez as redes de Estudiantes.
Fernandinho, cobrando pênalti, quando eram decorridos 18 minutos, 18 minutos do segundo tempo agora.
Agora, um para o Cruzeiro, zero para o Estudiantes.
Heim, João Vitor?

L37P-CRU2-R2 - Duração: 63

Gol, gol, gol, gol, gol, gol! Gol...! Do Cruzeiro.
Kléber. Kléber. Kléber, o Gladiador azul.
Foi lançado (??) que bola, entre ele e o Wellington Paulista. Sobrou para ele, quase que estranhando. Chutou. Virou espetacularmente para o fundo do gol. Fazendo de forma notável o momento maior do futebol. E assinalando o segundo gol do Cruzeiro.
Kléber, faz a sua estreia com a camisa azul do Cruzeiro e marca um belo gol.
Atenção, torcida celeste: Cruzeiro balança, balança pela segunda vez as redes do Estudiantes.
Kléber, camisa 25. Quando eram decorridos 24 minutos da etapa complementar.
Agora, dois para o Cruzeiro, zero para o Estudiantes. Que felicidade do mundo azul (??).
Vitor Xavier.

L38P-EST1 - Duração: 22s

Gol! Gol...! Do Estudiantes.
"Ruan" Sebastián Verón, aproveitando o rebote, faz um para Estudiantes, zero para o Cruzeiro.

L38P-EST2 - Duração: 18s

É gol! Gol...! Do Estudiantes.
Gastón Fernández.
Estudiantes faz dois a zero, aos 32 minutos.

L38P-EST3 - Duração: 20s

É gol! Gol...! Do Estudiantes.
Sánchez.
E aí fica impossível para o Fábio.
Faz 3 a 0 Estudiantes.

L38P- EST4 - Duração: 20s

E o gol! Gol...! Do Estudiantes.
Outra vez Sánchez.
Quatro para Estudiantes, zero para o Cruzeiro.

L40P-CRU - Duração: 85s

Assim, assim... Gol...! É... Do Cruzeiro.
Henrique, número 15.
Deu até para dizer: "um chute de longe. Assim, assim!"
Gol do Cruzeiro, como o do Elivelton, só que não tanto no final do jogo.
Um para o Cruzeiro, zero para o Estudiantes.
Uma batida de longe, de pé direito. Uma bola desviada, exatamente como em 97.

Sai o gol do Cruzeiro, logo no princípio do segundo tempo.
Um para o Cruzeiro, zero para o Estudiantes.
Agora é para incendiar o Mineirão. Para ver qual vai ser a reação do time argentino.
Agora é preciso cabeça. Agora é preciso calma. Normalmente, eles se desesperam. Agora a torcida precisa gritar.
Escute aí, torcida do Cruzeiro!

L40P-EST1 - Duração: 61s

Gol...! Do Estudiantes.
Fernández, número 10. Com a vibração da pequena, mas barulhenta torcida argentina.
É Libertadores, é time argentino.
A bola passa, passa pelo zagueiro. Olha o cruzamento do Cellay. Ela passou pelo Thiago Heleno, que se jogou. Não chegou a tempo, Fábio. Estava ali para aproveitar Gata Fernández.
Empatando, deixando todo igual aos 12 minutos deste segundo tempo.
Veja só como é uma decisão, e quando ela tem cara de ser dramática, Falcão, não tem jeito.
O primeiro tempo foi frio, gelado. Já tivemos algumas jogadas desleais, algumas (??). E em 12 minutos, dois gols.
O Mineirão, da loucura que estava, e agora a torcida que estava... Você está vendo a torcida de Estudiantes, mas, a torcida do Cruzeiro se manifesta, e isso é importante. Tomou o gol...

L40P-EST2 - Duração: 55s

Gol...! Do Estudiantes!
Boselli, número 17, de cabeça.
Um dos quatro perigosos, no toque de cabeça por ali.
Aos 27 minutos, vira o time de Estudiantes.
Faz a festa a torcida. Fica difícil a parada para o Cruzeiro.
Veja lá como (??) faz a cobrança...
Deixa eu ver direitinho, quem sabe...
De cabeça é o Benítez, número 23.
Ele que faz o toque de cabeça e o Boselli sai vibrando. Nossa imagem sai com Boselli...
Mas, fiquei com toda a sensação de que Benítez, número 23, deu o toque de cabeça.